

FACULDADES EST
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM TEOLOGIA

WAGNER FERNANDO KIND STRELOW

CATEQUESE E LEITURA BÍBLICA NO CONTEXTO DA PATRÍSTICA

São Leopoldo

2020

WAGNER FERNANDO KIND STRELOW

CATEQUESE E LEITURA BÍBLICA NO CONTEXTO DA PATRÍSTICA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: História das
Teologias e Religiões
Linha de Pesquisa: Cristianismo e História
na América Latina

Orientador: Dr. Wilhelm Wachholz

São Leopoldo

2020

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)

W113c Strelow, Wagner Fernando Kind
Catequese e leitura bíblica no contexto da patrística /
Wagner Fernando Kind Strelow ; orientador Wilhelm
Wachholz. – São Leopoldo : EST/PPG, 2020.
164 p. ; 31 cm

Dissertação (Mestrado) – Faculdades EST. Programa
de Pós-Graduação. Mestrado em Teologia. São Leopoldo,
2020.

1. Padres da Igreja. 2. Catequese. 3. História
eclesiástica. I. Wachholz, Wilhelm, orientador. II. Título.

Ficha elaborada pela Biblioteca da EST

WAGNER FERNANDO KIND STRELOW

CATEQUESE E LEITURA BÍBLICA NO CONTEXTO DA PATRÍSTICA

Dissertação de Mestrado
Para a obtenção do grau de
Mestre em Teologia
Faculdades EST
Programa de Pós-Graduação em Teologia
Área de Concentração: História das
Teologias e Religiões

Data de Aprovação: 15 de janeiro de 2021

PROF. DR. WILHELM WACHHOLZ (PRESIDENTE)
Participação por webconferência

PROF. DR. MARCELO RAMOS SALDANHA (EST)
Participação por webconferência

PROF. DR. ROBERTO HOFMEISTER PICH (PUCRS)
Participação por webconferência

*À cristandade lusófona e a quem mais
desejar conhecer sobre a história da
Igreja e compreenda o idioma português.*

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao SENHOR, meu Deus, que me dá a vida, a fé e a saúde, e me concede o privilégio de estudar sem restrição alguma a sua revelação, enquanto tantos de meus irmãos e irmãs de fé em todo o mundo sofrem perseguição pela nossa fé.

Agradeço aos meus pais, Fernando Strelow e Taís D. K. Strelow, que sempre me apoiaram em tudo o que precisei e me levaram à igreja desde a minha mais tenra infância, e sem os quais certamente não teria chegado até aqui. Estendo o agradecimento a toda a minha família, especialmente à minha tia Geni Paupitz.

Agradeço às Faculdades EST, nas quais aprendo teologia desde meados de 2014 e onde conheci melhor a Bíblia e a história da cristandade. Agradeço ao Dr. Valério Schaper, que em 2016 me sugeriu pesquisar patrística no Trabalho de Conclusão de Curso (TCC), e ao Ms. Osmar Witt, que desde 2016 vinha sugerindo e acompanhando minhas leituras para o aprofundamento no assunto, sem qualquer proveito próprio neste serviço, e, por fim, orientou meu TCC em 2018.

Agradeço ao Dr. Wilhelm Wachholz, que com paciência angelical e conhecimento vastíssimo, orientou esta dissertação e o meu estágio docente, sempre disposto a apresentar soluções. A continuação deste projeto durante a pandemia do Coronavírus não teria acontecido sem o apoio e a compreensão dele quanto aos atrasos e impasses que a situação gerou para mim e para tantas outras pessoas pesquisadoras.

Agradeço à CAPES, que bancou as taxas do primeiro semestre deste projeto de mestrado (2019/1). Agradeço ao CNPq, que não apenas bancou as taxas dos demais três semestres até dezembro de 2020, mas também me forneceu uma bolsa mensal de R\$ 1.500,00 para que nada me faltasse durante o período. Teria sido impossível produzir esta dissertação sem estes recursos.

Agradeço, por fim, a todos os amigos e amigas, especialmente às famílias Zeplin e Klemz e ao P. Fernando Wöhl que, com uma sugestão de bibliografia, ou com uma palavra ou atitude bondosa, ou simplesmente com sua amizade, estiveram ao meu lado durante este biênio. São muitos para caberem neste exíguo espaço.

Jesus Cristo é o mesmo ontem, hoje e para sempre.

Hebreus 13,8

RESUMO

O objetivo da presente dissertação é verificar como se dava a catequese e a leitura bíblica no contexto da Patrística. Estudam-se sete escritos de três escritores conhecidos (Ireneu de Lião, Atanásio de Alexandria e Agostinho de Hipona) e dois anônimos em vista de descrever o conteúdo e a metodologia da catequese no contexto da Patrística e investigar o modo como os Pais da Igreja interpretavam a Bíblia, averiguando as semelhanças e diferenças entre os escritos antes e depois do Concílio de Niceia. Percebe-se, em termos gerais, que, conforme a progressão do tempo, os documentos analisados preconizaram assuntos cada vez mais específicos, e que após o Concílio de Niceia, os teóricos passaram a se valer das fontes escritas do cristianismo pré-niceno como auxílio interpretativo à Bíblia. Conclui-se que a catequese norteou a interpretação bíblica a partir do Evangelho, nominalmente dos ditos de Jesus, e que os escritos analisados exortavam a buscar o bem do próximo e a reconhecer – a partir da ciência acerca da pessoa de Jesus Cristo e de sua obra – falsas doutrinas que afastassem as pessoas crentes da fé.

Palavras-chave: Patrística. Catequese. Leitura Bíblica. História da Igreja.

ABSTRACT

The goal of the present dissertation is to verify how catechesis and bible reading happened in the context of the Patristics. Seven writings of three known writers (Irenaeus of Lyons, Athanasius of Alexandria and Augustine of Hippo) and two anonymous ones are studied aiming at describing the content and methodology of the catechesis in the context of the Patristics and at investigating the way the Church Fathers interpreted the Bible, ascertaining the similarities and differences between the writings before and after the Council of Nicaea. It is perceived, in general terms, that with the progression of time, the analyzed documents started to emphasize more and more specific topics, and that after the Council of Nicaea, the authors proceeded to use Ante-Nicene Christianity's written sources as an interpretative guide to the Bible. It is concluded that the catechesis guided the biblical interpretation based on the Gospel, namely, the sayings of Jesus, and that the analyzed writings exhorted to seek the neighbor's welfare and to recognize – through knowledge about the person and work of Jesus Christ – wrong doctrines which could divert the believers from their faith.

Keywords: Patristics. Catechesis. Bible lecture. Church History.

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	17
2 CATEQUESE NA PATRÍSTICA.....	23
2.1 DEFINIÇÃO DE CATEQUESE.....	23
2.1.1 Etimologia e origem bíblica.....	23
2.1.2 Prática catequética na Patrística	25
2.2. CATEQUESE NA PATRÍSTICA PRÉ-NICENA	27
2.2.1 Obras de autor desconhecido.....	27
2.2.1.1 <i>A Didaquê</i>	27
2.2.1.2 <i>A Epístola a Diogneto</i>	32
2.2.2 Ireneu de Lião.....	38
2.2.2.1 <i>Demonstração da Pregação Apostólica</i>	43
2.2.2.2 <i>Contra as Heresias III</i>	48
2.3 CATEQUESE NA PATRÍSTICA NICENA E PÓS-NICENA.....	53
2.3.1 Atanásio de Alexandria.....	53
2.3.1.1 <i>Exposição da Fé</i>	58
2.3.1.2 <i>A Encarnação do Verbo</i>	62
2.3.2 Aurélio Agostinho de Hipona:.....	68
2.3.2.1 <i>Primeira Catequese aos Não-Cristãos [parte 1]</i>	71
2.4 CONCLUSÃO	79
3 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA.....	83
3.1 DEFINIÇÃO DE LEITURA BÍBLICA	83
3.1.1 Interpretação de texto.....	83
3.1.2 Cânone bíblico	84
3.2 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA PRÉ-NICENA	87
3.2.1 Obras de autor desconhecido.....	87
3.2.1.1 <i>Didaquê</i>	87
3.2.1.2 <i>Epístola a Diogneto</i>	95
3.2.2 Ireneu de Lião.....	100
3.2.2.1 <i>Demonstração da Pregação Apostólica</i>	100
3.2.2.2 <i>Contra as Heresias III</i>	110
3.3 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA NICENA E PÓS-NICENA	116
3.3.1 Atanásio de Alexandria.....	116
3.3.1.1 <i>Exposição da Fé</i>	116
3.3.1.2 <i>Contra os pagãos</i>	120
3.3.2 Aurélio Agostinho de Hipona: <i>Primeira Catequese aos Não-Cristãos</i> [parte 2].....	124
3.4 CONCLUSÃO	130
3.4.1 <i>Leitura Bíblica no período pré-niceno</i>	130
3.4.2 <i>Leitura bíblica nicena e pós-nicena</i>	134
4 CONCLUSÃO	137

REFERÊNCIAS	145
APÊNDICE.....	151

1 INTRODUÇÃO

A presente dissertação discorre sobre a catequese e a leitura bíblica na Patrística, especificamente durante os primeiros quatro séculos da era cristã. O autor pesquisa a patrística desde 2016 e elaborou na sua graduação em Teologia um Trabalho de Conclusão de Curso sobre soteriologia na patrística pré-nicena, aprovado em 2018 sob a orientação do Ms. Osmar Witt, também nas Faculdades EST.

O objetivo geral desta dissertação é analisar como se deu a catequese e a leitura bíblica no contexto da patrística. Como objetivos específicos, tem-se verificar conteúdo e metodologia da catequese no contexto da patrística e verificar a Leitura bíblica no contexto da Patrística. Os conceitos de catequese e leitura bíblica serão definidos nos capítulos a seguir.

Para cada um dos objetivos específicos, foram analisados sete escritos da Patrística. Do período pré-niceno, estudou-se os escritos anônimos “Didaquê” e “Epístola a Diogneto”, e a “Demonstração da Pregação Apostólica” e “Contra as Heresias III”, ambas de Ireneu de Lião. No período pós-niceno, figuram a “Exposição da Fé” de Atanásio de Alexandria e a correspondência que teve com Macário, nos dois escritos “Encarnação do Verbo” e “Contra os Pagãos”, e a “Primeira Catequese aos Não-Cristãos” de Aurélio Agostinho de Hipona.

A dissertação se divide da seguinte forma: inicialmente, aqui nesta introdução, aduz-se quais os parâmetros que foram empregados na escolha dos autores e do período dentro da era patrística que foi analisado. Em seguida, há dois capítulos.

O primeiro capítulo trata a Catequese na Patrística. Define-se que é catequese a partir da origem etimológica da palavra e dos testemunhos bíblicos acerca do assunto, para apurar como se dava geralmente a catequese durante a era patrística. Após este esclarecimento de significado e contexto, a dissertação procede a analisar textos nos quais os autores conhecidos e anônimos a serem analisados praticavam a catequese. Importa, em cada análise, apurar quem é o autor, de modo que os autores conhecidos foram biografados, qual é a natureza e o contexto histórico do respectivo escrito, até onde isto é possível, e para quem era destinado. O conteúdo de cada escrito é apresentado e comparado com o que fora encontrado nos outros documentos.

Uma vez que foi manifesto que cada um dos sete escritos aqui analisados teve como sua principal, senão exclusiva fonte as Escrituras Sagradas, julgou-se necessário redigir um capítulo onde este aspecto – o uso da Bíblia na catequese – fosse elucidado. O segundo capítulo serve a este propósito, iniciando com uma explanação básica sobre o que é leitura bíblica em si e quais eram as escrituras das quais se sabe que eram consideradas sagradas para os Pais, a partir de um cânone delimitado por Atanásio de Alexandria. Todos os escritos que apareceram no capítulo “Catequese na Patrística” são estudados novamente, desta vez a partir do seu aproveitamento de fontes bíblicas, descobertas por comentaristas expertos no assunto. Em dois casos, decidiu-se dividir a análise do documento em duas partes, de forma que uma delas aparece no capítulo “Catequese na Patrística” e a segunda é verificada no capítulo “Leitura Bíblica na Patrística”. Esta divisão se fez quando se percebeu que uma das partes era preponderantemente conteudista e a outra preconizava a fundamentação de afirmações a partir da Bíblia.

Também se teve o cuidado de separar cada um dos dois capítulos e a conclusão da dissertação em período pré e pós-niceno, para que ficasse claro quais mudanças e semelhanças apareciam antes e depois do concílio de Niceia. A ideia proveio do fato de que as duas coleções da editora Hendrickson acerca da era patrística (“Ante-Nicene Fathers” e “Nicene and Post-Nicene Fathers”), que foram empregadas nesta dissertação, se dividem a partir deste grande evento da história cristã.

Entretanto, antes de partir para o estudo dos assuntos descritos acima, é necessário situar o leitor e a leitora na era patrística propriamente dita, para que as explicações posteriores fiquem mais claras.

A patrística é uma era da história da Igreja, situado logo após, ou ainda durante, a redação dos escritos do Novo Testamento. Michael Haykin, um professor de teologia batista radicado no Canadá, afirma que a era patrística se inicia ao ocaso do século I e se finda no século VIII.¹ Mais precisamente, o fim da era patrística é congruente com a morte de Isidoro de Sevilha no Ocidente, em 636, e com João Damasceno no Oriente, em 749.² Bryan Litfin, um patrólogo protestante, concorda

¹ HAYKIN, Michael A. G. **Redescobrimo os Pais da Igreja**: quem eles eram e como moldaram a Igreja. São José dos Campos: Fiel, 2012. p. 14.

² HAYKIN, 2012, p. 15.

com Haykin nesta definição³ e, considerando que ambos apresentam compêndios diferentes para fundamentar esta posição, esta definição pode ser aceita sem ressalvas.

Resta a pergunta sobre a identidade dos Pais da Igreja. Quem eram eles? Conforme Haykin, não há elenco oficial de pais da Igreja. Ele, entretanto, apresenta cinco atividades características de um Pai da Igreja, sendo que não necessariamente todas as cinco precisam ter sido efetuadas pela mesma pessoa: 1) defesa da fé cristã contra heresias; 2) redação de comentários bíblicos e/ou sermões baseados na Bíblia; 3) explanação do conteúdo de credos da Igreja; 4) registro da história da Igreja; 5) diálogo da fé cristã para com o contexto local.⁴

É importante ressaltar também que, após um concílio ecumênico da Igreja, todos os Pais da Igreja concordavam com a regra de fé estabelecida neste concílio. Os concílios ecumênicos eram corpos deliberativos nos quais as lideranças da Igreja cristã elaboravam um posicionamento comum acerca de um determinado tema.⁵ Se, por exemplo, em Niceia, no ano de 325, foi estabelecido o dogma de que Cristo é Deus,⁶ após esta data, ninguém mais com opinião contrária pode ser considerado Pai da Igreja.

A enumeração de características de um Pai da Igreja apresentada por Haykin implica na necessidade de reconhecer que nem todo teólogo autodeclarado seguidor de Cristo da era em questão pode ser reconhecido como Pai da Igreja, ainda que, ao tempo de sua atuação, não houvesse nenhuma resolução conciliar oposta ao conteúdo de sua pregação. Se uma interpretação do Evangelho é desarmônica com aquela professada pela Igreja, os professores da interpretação heterodoxa não podem ser considerados Pais da Igreja.

Bryan Litfin separa os teólogos da época patrística em duas categorias, a saber, ortodoxos e hereges. Ortodoxos, conforme ele, fazem sua teologia a partir das Escrituras Sagradas, e hereges dispensam as verdades fundamentais das Escrituras Sagradas, por exemplo, o sacrifício de Cristo na cruz pela remissão dos pecados da

³ LITFIN, Brian. **Conhecendo os Pais da Igreja**: uma introdução evangélica. São Paulo, SP: Vida Nova. p. 20.

⁴ HAYKIN, 2012, p. 14.

⁵ JEDIN, Hubert. **Concílios Ecumênicos**: história e doutrina. São Paulo: Herder, 1961. p. 1.

⁶ JEDIN, 1961, p. 15.

humanidade,⁷ ainda que se valham pontualmente de alguns excertos da Escritura, retirados do contexto original, para fundamentar suas opiniões. Uma destas heresias que negavam a salvação pelo sacrifício de Cristo na cruz era o gnosticismo. Para explicar o quão absurdo seria colocar cristãos ortodoxos e professores de heresia na mesma categoria, Litfin usa de uma alegoria, a qual será reproduzida aqui:

Como o gnosticismo é um ponto de vista reconhecível, somos capazes de compará-lo e contrastá-lo com outras perspectivas. E quando o fazemos, descobrimos que não é equivalente à mensagem de que o Filho de Deus morreu na cruz e ressuscitou fisicamente para a nossa salvação. Equiparar essas duas perspectivas é tão ridículo quanto dizer que as duas mensagens ‘impostos mais altos para mais programas de governo’ e ‘impostos mais baixos para maior liberdade individual’ são simplesmente duas facetas de uma mesma filosofia chamada *taxismo*.⁸

Desta forma, somente podem ser considerados cristãos os que seguiram a doutrina dos apóstolos e dos seus sucessores,⁹ que é aquela ministrada por Cristo a eles nos Evangelhos. Dentre estes cristãos, são considerados Pais da Igreja somente aqueles que cumprem pelo menos um dos cinco requisitos apresentados acima por Haykin.

Outro crivo importante é o cargo que detiveram dentro de suas respectivas comunidades. No seu “Comentário sobre a 13ª. tese a respeito do poder do Papa”, Lutero explica que, na Antiguidade, bispos eram eleitos dentre os fiéis por causa de suas qualidades, “do mesmo modo como o exército escolhe para si um general”.¹⁰ Todos os três autores aqui apresentados viveram grande parte de sua vida no episcopado e as obras aqui apresentadas foram redigidas após a ordenação episcopal.

Aqui neste trabalho, empregar-se-ão prerrogativas adicionais para a escolha das fontes primárias a serem analisadas: as obras deverão, de preferência, estar em proximidade temporal com algum concílio ecumênico, se forem datadas após o Concílio de Niceia.

A proximidade com os concílios é oportuna porque foram eventos decisivos no posicionamento teológico da Igreja. Como foi enfatizado antes, estes concílios

⁷ LITFIN, Bryan. **Após Atos**: explorando as vidas e as lendas dos apóstolos. Niterói: Eireli, 2018. p. 18-19.

⁸ LITFIN, 2018, p. 19. Grifo do autor.

⁹ LITFIN, 2018, p. 20.

¹⁰ LUTERO, Martinho. Comentário sobre a 13ª. tese a respeito do poder do Papa. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. v. 1, p. 318-319.

determinaram qual seria a doutrina da igreja, anatematizando qualquer doutrina contrária. Se um teólogo é considerado Pai da Igreja por se subscrever a uma doutrina conciliar, a transmissão desta doutrina também deve ser analisada.

2 CATEQUESE NA PATRÍSTICA

Este capítulo pretende abordar o tema da catequese durante a era patrística. Uma vez que houve vários pais da Igreja que se ocuparam com o tema da catequese, é necessário observar como se dava a catequese no âmbito da patrística em suas fases pré e pós-nicena a partir de vários testemunhos da época.

Analisados serão, nesta ordem, dois documentos anônimos – a Didaquê e a epístola a Diogneto – e dois escritos de Ireneu de Lião, a saber, a Demonstração da Pregação Apostólica e Contra as Heresias III, para o período pré-niceno. Para a época nicena e pós-nicena, servirão duas obras de Atanásio, a Exposição da Fé e a Encarnação do Verbo, e a Primeira Catequese aos Não Cristãos de Aurélio Agostinho.

Em cada documento, buscar-se-á elucidar a data e contexto de sua redação, autor e destinatário, até o ponto que for possível determiná-los, e o que diz sobre catequese, o tema da monografia – tanto a metodologia da catequese, sobre a qual Aurélio Agostinho discorre mais extensivamente, como o conteúdo, que se encontra mais destacado nas outras seis obras acima descritas, serão considerados.

Antes, entretanto, de apresentar os documentos, é necessário elucidar o que é, propriamente, a catequese, de onde se origina, para que serve e onde fora aplicada na Patrística.

2.1 DEFINIÇÃO DE CATEQUESE

Neste subitem, buscar-se á a fundamentação teórica e prática da compreensão do conceito de catequese na Patrística.

2.1.1 Etimologia e origem bíblica

O termo grego se deriva do verbete κατέχω, um verbo que apresenta uma vasta gama de significados; os principais, são “reter, prender” e “guardar na memória,

reter fielmente na lembrança”;¹¹ Bauer indica que a última opção é recorrente na primeira epístola aos Coríntios, especificamente em 1Co 11,2 e 15,2.¹²

O décimo-quinto capítulo da epístola em questão é um ensinamento acerca da morte e ressurreição de Cristo, e de seu efeito salvífico sobre a humanidade, enfatizando que, no versículo, 1Co 15,2 – “Pelo qual também sois salvos se o retiverdes tal como vo-lo tenho anunciado; se não é que crestes em vão” –, a forma grega “κατέχετε” foi traduzida como “retiverdes” por Almeida. Entende-se, portanto, que a catequese é nada mais que o seguimento da ordem de Cristo dada em Mt 28,18b-20:

^{18b} É-me dado todo o poder no céu e na terra.

¹⁹ Portanto ide, fazei discípulos de todas as nações, batizando-os em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo;

²⁰ Ensinando-os a guardar todas as coisas que eu vos tenho mandado; e eis que eu estou convosco todos os dias, até a consumação dos séculos. Amém.

Afinal, o grande preceito a ser guardado pela comunidade coríntia – e conseqüentemente, por toda a Cristandade – é a própria história da vida e obra de Jesus na terra. Catequese é, desta forma, a transmissão do ensinamento de Deus, e conseqüentemente, da doutrina da Igreja. Literatura catequética é, portanto, muito mais que catecismos e credos; todo texto que aponte para a vida e obra de Jesus, e para o seu ensinamento, é literatura catequética. Onde isto acontece, lá ocorre catequese; onde o ensinamento diverge desta premissa ou trata de outras questões sem abordar a mensagem de Cristo, não pode ser chamado de catequese.

Em 1Co 11,2, por exemplo, se pode delimitar o que não é catequese pelo contexto. Paulo elogia a comunidade por guardar todo o ensinamento que ele legara: “E louvo-vos, irmãos, porque em tudo vos lembrais de mim, e retendes (κατέχετε) os preceitos como vo-los entreguei.” Logo em seguida, Paulo critica o vestuário da comunidade, exigindo que homens cessem de usar véus e mulheres passem a usá-los durante a celebração. Se fosse este um “preceito”, haveria em 1Co 11,2 uma formulação como “quase todos os preceitos”, ou “exceto o preceito sobre os véus”. Entende-se que Paulo está aqui fazendo uma admoestação para evitar escândalos,

¹¹ BAUER, Walter. **Wörterbuch zum Neuen Testament**. Berlin: De Gruyter, 1971. p. 835-836.

¹² BAUER, 1971, p. 836.

que não está fundamentada no Evangelho – no qual consta que questões de vestimenta são assuntos para gentios (Mt 6,31-32), mas, como ele mesmo admite em 1Co 11,16, trata-se de um costume vigente naquele contexto, cuja inobservância poderia escandalizar a comunidade. Assim, assuntos que não provêm diretamente do Evangelho não podem ser considerados catequese.

2.1.2 Prática catequética na Patrística

A principal área na qual a catequese era empregada na Patrística, especificamente no período anterior ao século V, era no contexto do batismo.¹³ Conforme a perícopes de Mateus reproduzida acima, a catequese batismal era uma característica fundamental da Igreja em seus primórdios; Wolfgang Bienert acredita que 1Co 15 era uma das catequese batismais ensinadas na época apostólica da igreja.¹⁴ Desta forma, a catequese batismal é uma tradição tão antiga que entrou no cânone bíblico.

A catequese batismal, da qual um manual chamado “Primeira Catequese aos Não-Cristãos”, de Agostinho de Hipona, será analisado nesta dissertação, era um método com o qual pessoas interessadas em se tornarem cristãs eram confrontadas com uma síntese breve da religião cristã. Possivelmente, a Didaquê, de autoria desconhecida, e a Exposição da Fé, de Atanásio de Alexandria, foram usadas como subsídios para auxiliar neste serviço a seu tempo em seus contextos, entretanto nenhuma delas, como se analisará na dissertação, estava limitada a esta tarefa, ou fora redigida com intenção exclusiva de servir neste propósito. Na “Primeira Catequese aos Não-Cristãos”, escrita em 400, Agostinho não só deixa livre ao catequista Deogratias como deve fazer os seus discursos, como também faz da condição do ouvinte uma prerrogativa para como deverá discursar;¹⁵ o simples fato de Deogratias ter requisitado um modelo de catequese a seu pai espiritual Aurélio Agostinho, e este tê-lo respondido deste modo, mostra que não havia na Patrística um

¹³ GRETHLEIN, Christian. Katechumenat. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft**. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 870.

¹⁴ BIENERT, Wolfgang. Katechese/Katechetik. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft**. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 854.

¹⁵ Cf. p. 64 conforme as páginas do documento.

modelo unitário ou um único catecismo que tivesse sido empregado em todos os lugares; cada comunidade tinha a sua própria forma de instrução pré-batismal.

Entretanto, a partir da definição etimológica e bíblica de catequese apresentada acima, não é possível reduzir a atividade catequética ao momento da preparação para o batismo, quando se analisa a atividade dos Pais da Igreja. Muita catequese ocorreu sem a intenção de cristianizar o ouvinte. A ideia de que os pais da Igreja tivessem cessado de transmitir o conteúdo de sua fé a uma pessoa logo que tivesse sido batizada não tem fundamento no testemunho escrito que legaram. Os escritos que serão analisados aqui não têm, com exceção da epístola a Diogneto, um destinatário pagão. Mesmo esta epístola dificilmente teria acontecido no contexto de um preparo para o batismo, pois, se Diogneto tivesse sido catecúmeno do escritor anônimo da carta, muito dificilmente esta teria existido – se ambos estivessem na mesma cidade, Diogneto poderia procurar o seu mestre regularmente para ouvir a instrução na Palavra de Deus e não precisaria de um intercâmbio postal para tal.

Os escritos de Ireneu de Lião também não são catequese batismal – *Contra as Heresias III* é um livro escrito para o público em geral, e a “*Demonstração da Pregação Apostólica*” se dirige a um cristão que já está envolvido no combate às heresias no seu próprio contexto – certamente este Marciano não foi um neófito. Atanásio, por sua vez, escreve a “*Exposição da Fé*” como documento público, e os dois escritos a Macário, que é muito provavelmente um fiel da comunidade de Alexandria,¹⁶ não aparentam ter relação alguma com o ato batismal.

Nesta dissertação, o capítulo correspondente à catequese se dedicará primordialmente ao estudo do conteúdo transmitido na mesma, e, quando for possível detectá-la, à apresentação da metodologia empregada.

¹⁶ Cf. p. 56-57.

2.2. CATEQUESE NA PATRÍSTICA PRÉ-NICENA

2.2.1 Obras de autor desconhecido

2.2.1.1 A Didaquê

A Didaquê é o mais antigo ordenamento eclesiástico de que se tem conhecimento.¹⁷ Lilje data a obra, comparando-a com escritos do fim do século II, entre 80 a 120 d. C, por faltarem a ela vários elementos que mais tarde vieram a ser importantes na liturgia, como a confissão de fé e o episcopado monárquico.¹⁸ Zeitler, que traduziu a obra para o alemão no começo do século XX, coloca a data de redação do documento ainda no fim do século I.¹⁹ Urbano Zilles e Jean-Paul Audet apresentam uma visão semelhante à de Zeitler sobre a datação do documento. No seu comentário à Didaquê, Zilles escreve:

Hoje, geralmente, se admite que foi compilada entre os anos 90-100 dC [sic!], na Síria, na Palestina ou em Antioquia. São poucos os que ainda defendem a tese da data cerca [sic!] da metade do século II. J.P. Audet até quer datá-la antes do ano 70 (Antioquia), isto é, ainda do tempo de São Paulo. Mas uma série de estudiosos não concorda com êle [sic!] nesse ponto.²⁰

Quanto ao lugar, como Zilles relata acima, semelhante à época, não se tem certeza sobre onde foi redigida. Zeitler, anterior a Lilje, crê na possibilidade de ter sido redigida ou no Egito ou na Síria.²¹ Lilje acredita que não pode ser o Egito – como alguns afirmavam ainda na década de 1950 – o lugar de redação da obra, e sim a Síria, especialmente a região montanhosa da Síria, pois a Didaquê faz referência a um tipo de trigo que não existe no Egito, e sim nas montanhas sírias.²² Uma vez que nem autor, nem época, nem lugar são conhecidos, resta informar o que as fontes disponíveis mostram sobre o livro: certamente foi redigido muito antes de Niceia e muito provavelmente antes da instauração do episcopado monárquico – que Charles

¹⁷ LILJE, Hanns. **Die Lehre der Zwölf Apostel**: eine Kirchenordnung des ersten christlichen Jahrhunderts. Hamburg: Furche, 1956. p. 12.

¹⁸ LILJE, 1956, p. 15.

¹⁹ ZEITLER, Franz. Die apostolischen Väter aus dem Griechischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1918. v. 35, p. 2.

²⁰ ZILLES, Urbano. **Didaquê**: ou Doutrina dos Apóstolos 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971. p. 17.

²¹ ZEITLER, 1918, p. 4.

²² LILJE, 1956, p. 16.

Jacobs apresenta como um processo que ocorreu entre 100 e 140.²³ Para fins de apresentação do conteúdo do documento, cita-se aqui a ordem tripartite proposta por Zilles na qual a Didaquê se divide.

I – Cap. 1-6

É um tratado moral para catecúmenos. O conteúdo ético desta primeira parte é de origem judaica, orientando-se no esquema dos dois caminhos:

Cap. 1- 4 trata do caminho da vida

Cap. 5 trata do caminho da morte.

Cap. 6 faz uma síntese.

A base do caminho da vida é o mandamento do amor a Deus e ao próximo, com muitas outras sérias advertências.

II – Cap. 7-10

É um antigo ritual litúrgico, contendo instruções sobre a administração do batismo (cap.7), o jejum e a oração (cap. 8), e a celebração eucarística (cap. 9 e 10).

III – Cap. 10-15

São instruções relativas à vida comunitária. Tratam da hospitalidade para com os apóstolos, ou seja, os pregadores itinerantes (girovagos), dos profetas e peregrinos em geral, recomendando bondade e prudência; da santificação do Domingo e das qualidades requeridas do bispo e do diácono e sua eleição. O cap. 16 manda aguardar a vinda do Senhor.²⁴

Esta divisão tripartite mostra que as pessoas a serem catequizadas com este livro eram para ser instruídas ao exercício da totalidade da vida cristã, não havendo cristãos com maior e menor saber sobre a sua religião. Caso contrário, a celebração da liturgia seria um segredo, conhecida apenas por um grupo de eleitos que não revelariam a preparação da Eucaristia a ninguém que não fosse iniciado em um estudo particular. Como a tradução de Zilles demonstra, a totalidade da comunidade estava instruída na execução da liturgia;²⁵ a liturgia inteira da Eucaristia é reproduzida nas páginas do livro – e não existe nenhuma referência neste excerto que assuma a celebração deste sacramento como uma tarefa exclusiva de bispos, apóstolos, profetas ou qualquer cargo dentro da Igreja. Há um único proibitivo dentro de toda a liturgia, em 9.5: “Ninguém coma nem beba de vossa Eucaristia, se não estiver batizado em nome do Senhor. Pois a respeito dela disse o Senhor: Não deis as coisas santas aos cães!”²⁶ Em 10,7, aparece a única ordem que não diz respeito à toda a comunidade: “Deixai os profetas bendizer (celebrar à Eucaristia?) à vontade.”²⁷

²³ JACOBS, Charles M. **The Story of the Church**: an Outline of its History from the end of the First to the end of the Nineteenth Century. Philadelphia: United Lutheran, 1925. p. 19.

²⁴ ZILLES, 1971, p. 16. Grifos do autor.

²⁵ ZILLES, 1971, p. 32-34.

²⁶ ZILLES, 1971, p. 32.

²⁷ ZILLES, 1971, p. 34.

Enquanto Zilles sugere – porém não impõe – a interpretação entre parênteses, nada obsta para que este “bendizer” dos profetas se refira a 10,1-4, onde é demonstrada a forma como todos os presentes na celebração deveriam bendizer.²⁸ Há a possibilidade de que estes profetas estão desobrigados a seguir apenas esta forma de bênção, e podem usar outras, conforme a inspiração do Espírito ou a tradição que aprenderam em outra comunidade cristã, e que ninguém lhes impeça de bendizer a Deus copiosamente durante a celebração. Nenhuma das duas possíveis interpretações, contudo, confirma a suposição de que haja dentro da cristandade da Didaquê algo como uma casta detentora do poder de celebrar a liturgia. O batismo, portanto, neste tratado catequético, é a iniciação para toda a vida cristã e para o ministério cristão, e prescinde-se de um novo ritual para ascender ao cargo de sacerdote.

Por ser um livro tão antigo e sabidamente lido e citado por vários pais da Igreja,²⁹ é importante reproduzir aqui – além da evidência do sacerdócio universal de todas as pessoas crentes citada acima – alguns dos conteúdos em cuja transmissão a Didaquê serviu. Como Zilles já arrola em seu resumo da estrutura do livro, o amor a Deus e ao próximo é a essência da vida cristã para o didaquista. A caridade, ou seja, o partilhar dos próprios bens para com quem necessita, também é ordem para toda a cristandade,³⁰ assim como o amor para quem pratica o mal para com os cristãos.³¹ Esta é a principal mensagem do capítulo 1.

O capítulo 2, que Zilles intitula “Dos deveres para com a vida e a propriedade do próximo”,³² trata da necessidade de se abster do homicídio e de toda imoralidade sexual, com referência explícita de que isto também vale para o convívio com crianças – aborto e pedofilia são completamente alheios à religião cristã, conforme a Didaquê.

No terceiro capítulo, ensina-se a importância de cortar os males de ódio, roubo, idolatria, fornicação e soberba pela raiz, evitando comportamentos que conduzem a tais excessos.³³ Assim, percebe-se que a religião cristã não é uma religião que meramente cumpre ritos pré-estabelecidos, mas sim que propaga um

²⁸ ZILLES, 1971, p. 33.

²⁹ ZEITLER, 1918, p. 4-5.

³⁰ ZILLES, 1971, p. 22.

³¹ ZILLES, 1971, p. 21.

³² ZILLES, 1971, p. 23.

³³ ZILLES, 1971, p. 24-25.

estilo de vida; caso contrário, todo o livro seria sobre liturgias e rituais, e em verdade menos da metade do tratado é sobre liturgia. Conexo a este, o quarto capítulo exorta à permanência nos costumes cristãos, e de manter a ordem na sociedade, de forma que nem os senhores nem os servos se levantem uns contra os outros.³⁴ A manutenção da paz em todos os níveis, ainda com perda de vantagem própria, e o zelo pela vida do próximo são o elemento que une estes dois capítulos.³⁵

O capítulo 5 trata do que o redator chama de “caminho da morte”, e reitera tudo aquilo que foi proibido nos primeiros quatro capítulos. O que chama a atenção é o modo com o qual o autor ordena se afastar do caminho da morte. Tanto as atividades do caminho da morte, já descritas anteriormente, quanto as pessoas que praticam a iniquidade devem ser evitadas a todo custo. O autor encerra este capítulo com o imperativo “Filho, fica longe de tudo isso”, precedido de apenas duas frases, sendo a primeira um catálogo de obras que devem ser evitadas – suficientemente abordadas nos capítulos anteriores – e a segunda um catálogo de tipos de pessoas que são “pecadores sem fé nem lei”; este catálogo mostra quais pessoas não podiam fruir de comunhão com os membros da comunidade do autor da Didaquê e, por isto, merece ser reproduzido aqui.³⁶

Perseguidores dos bons, inimigos da verdade, amantes da mentira, ignorantes da recompensa da justiça, não-desejosos do bem nem do justo juízo, vigilantes, não pelo bem, mas pelo mal, estranhos à doçura e à paciência, amantes da vaidade, cobiçosos de retribuição, sem compaixão com os pobres, sem cuidado para com os necessitados, ignorantes de seu Criador, assassinos de crianças, destruidores da obra de Deus, desprezadores dos indigentes, opressores dos aflitos, defensores dos ricos, juízes iníquos dos pobres, pecadores sem fé nem lei.³⁷

Aqui se evidencia claramente que precisa haver separação física entre a membresia da Igreja e pessoas que apresentam atitudes completamente avessas à religião cristã. A catequese, neste contexto, tem plena influência sobre a vida social de quem quer ser cristão. A pessoa que passava tempo com alguém que tivesse manifestado um ou mais destes comportamentos listados acima deveria refazer seu

³⁴ ZILLES, 1971, p. 27.

³⁵ É importante ressaltar que não se trata de costumes e moralidade provenientes de uma determinada cultura, filosofia, nação ou escola, e sim da busca por retransmitir o amor recebido de Deus para com o próximo. A pessoa cristã pode ou não pertencer a estas grandezas, e independentemente disto, busca o melhor para todas as pessoas com quem convive ao zelar pela manutenção da ordem vigente, conquanto não contrarie a ordem de Cristo.

³⁶ ZILLES, 1971, p. 28.

³⁷ ZILLES, 1971, p. 28.

círculo de amigos e conhecidos para poder continuar na plenitude da comunhão. Quem anda com alguém que trilha o caminho da morte, também caminha para a morte.

No sexto capítulo, que consiste apenas de três frases, a temática parte à ideia da perfeição – “perfeito é quem aceita o jugo do senhor”³⁸ - e o separa de leis de purificação alimentícia, libertando o cristão a comer tudo, exceto alimentos sacrificados aos ídolos. Aqui o cristianismo se separa muito claramente do judaísmo, que sabidamente tem várias leis alimentícias.

No sétimo capítulo há instruções sobre como celebrar um batismo; novamente a ritualidade se submete à realidade – na ausência de água corrente, qualquer água serve para o batismo. A única atitude que cabe a quem batiza e quem é batizado é a observância de um jejum. O batismo ocorre com a fórmula trinitária “Em nome do Pai, e do Filho, e do Espírito Santo.”³⁹ O fato de que um documento considerado como pertencente ao século I já contém esta fórmula mostra quão ubíqua ela era desde os tempos mais remotos – e como a doutrina trinitária já estava implícita desde o começo do cristianismo, sendo necessário explicitá-la mais tarde quando heresias sobre o assunto se manifestavam.

O oitavo capítulo discorre sobre o jejum, que deve ser feito na quarta e sexta-feira de cada semana, e reproduz a oração do Pai-Nosso, que deve ser proferida três vezes por dia.⁴⁰ Estes tratados sobre batismo e jejum, e os capítulos 9 e 10, que foram analisados nos primeiros dois parágrafos após a citação da estrutura do livro, e por isto não serão retomados aqui, são todos os momentos onde se discorre sobre atividade litúrgica.

Os capítulos 11 e 12 alertam sobre falsos profetas e apóstolos⁴¹ – aparenta que na época da redação da Didaquê havia golpistas que, durante as celebrações, alegavam estar possuídos pelo Espírito Santo ao pedir muito dinheiro e outros favores para si mesmos, extorquindo assim a comunidade cristã – e sobre pessoas que quisessem negociar com o cristianismo, esperando que a comunidade lhes sustentasse sem que contribuíssem com algo.⁴² Não é possível que este tipo de

³⁸ ZILLES, 1971, p. 29.

³⁹ ZILLES, 1971, p. 30.

⁴⁰ ZILLES, 1971, p. 31.

⁴¹ ZILLES, 1971, p. 35-36.

⁴² ZILLES, 1971, p. 37.

“revelação particular” fundamente a doutrina da Igreja – as consequências graves se mostram em casos como este.

Quando, porém, um profeta é verdadeiro, ele tem direito a viver de seu ministério. As pessoas que ouvem a sua doutrina devem ceder a ele “as primícias” de todo o seu trabalho; quando não há profeta, estas “primícias” precisam ser entregues aos pobres.⁴³ Dinheiro e alimentos são a paga de um verdadeiro profeta – percebe-se que aqui não se ordena que este profeta deva se locupletar, mas sim que, em função de seu ministério, deve receber dinheiro e alimentos para não passar fome nem necessidade.

Os capítulos 14 e 15 insistem na unidade entre os membros da comunidade ao redor da Eucaristia – quando alguém de dentro da comunidade ofender a outrem, toda a comunidade precisa cortar relações com esta pessoa até que a união seja reestabelecida, e ela não pode participar da Eucaristia sem antes haver reconciliação, pois caso contrário, o sacrifício – assim denomina o livro a celebração eucarística – seria profanado.⁴⁴ No capítulo 14, o escritor da Didaquê assinala o domingo – o “dia do Senhor”⁴⁵ – como o dia destinado para a celebração da Eucaristia.

Por fim, o décimo sexto remonta à volta de Jesus Cristo, precedida de uma grande degradação moral e ética e do advento do Anticristo.⁴⁶

Para o escritor da Didaquê, não existe um cristão não-sacerdote, e não existe uma cristandade que possa deixar de ter relevância para algum aspecto da vida social fora da comunidade. A Didaquê instrui tanto para a vida dentro como a vida fora da comunidade, e não deixa ninguém de fora da celebração e da responsabilidade para com a religião cristã.

2.2.1.2 A Epístola a Diogneto

A epístola a Diogneto não é, em si, um escrito para a Igreja. Ela não foi direcionada a uma comunidade, e sim, a um único homem, Diogneto. É desconhecido o autor, e tampouco se sabe mais sobre o destinatário da epístola que o nome. Gerhard Rauschen considera que a carta seja fruto do segundo ou terceiro século, e

⁴³ ZILLES, 1971, p. 38.

⁴⁴ ZILLES, 1971, p. 39-40.

⁴⁵ ZILLES, 1971, p. 39.

⁴⁶ ZILLES, 1971, p. 41.

coloca a possibilidade de ter sido um professor de Marco Aurélio, cujo nome era Diogneto, o destinatário.⁴⁷ Andriessen crê ser Quadrato, um apologeta, o escritor, e o imperador Hélio Adriano, que igualmente exerceu influência sobre Marco Aurélio, o destinatário; e Roque Frangiotti considera esta hipótese a mais plausível.⁴⁸ As opiniões, contudo, são as mais variadas e se está muito longe de um consenso sobre autor, destinatário e época,⁴⁹ e nem sequer fica fora de questão se o escrito é uma epístola ou não.⁵⁰ Atualmente, praticamente o único consenso ao qual se chegou é o de que os capítulos 11 e 12 são acréscimo e não faziam parte do documento original,⁵¹ razão pela qual não serão analisados aqui. É difícil crer que pode ser datada depois da era constantiniana, quando se assume que o destinatário é um oficial romano; afinal, após Constantino, a Igreja foi promovida fortemente pelo Estado, e o paganismo foi perseguido pelo mesmo,⁵² e, portanto, esta epístola não seria necessária. Quando, porém, se assume que não é possível determinar autor nem destinatário, pergunta-se porque um cristianismo pós-constantiniano, haja vista que a doutrina cristã já era bem conhecida pelos romanos, e perseguições públicas exclusivamente contra eles já aconteciam em 257,⁵³ teria necessidade de saber que a “circuncisão é uma mutilação da carne”⁵⁴ e, portanto, não cristã.

Outrossim, quando se põe em consideração que em 202 o governo romano ainda lançava éditos comuns contra judeus e cristãos,⁵⁵ e mais tardar com Valeriano na década de 50 do século III o governo romano conhece tanto sobre doutrina e eclesiologia cristã que é capaz de alvejar especificamente bispos, padres e diáconos

⁴⁷ RAUSCHEN, Gerhard. Der Brief an Diognet: aus dem Griechischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.). **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1913. v. 12, p. 11 [Obs: o livro reinicia a contagem de páginas duas vezes antes desta página 11].

⁴⁸ FRANGIOTTI, Roque. Carta a Diogneto. In: STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides M. (Orgs.) **Padres Apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 13.

⁴⁹ WENGST, Klaus. **Schriften des Urchristentums**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984. v. 2, p. 305; CROWE, Brandon. Oh, sweet Exchange! The soteriological significance of the Incarnation in the Epistle to Diognetus. In: WOLTER, Michael. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche**. Bonn: De Gruyter, 2011. p. 97.

⁵⁰ WENGST, 1984, p. 291.

⁵¹ CROWE, 2011, p. 97.

⁵² PRETSCHER, Josef: **Kirchengeschichte aus erster Hand**: Berichte von Augenzeugen und Zeitgenossen. Würzburg: Arena, 1964. p. 69.

⁵³ BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**: São Paulo: ASTE, 1967. p. 42.

⁵⁴ FRANGIOTTI, 1995, p. 15.

⁵⁵ MOREAU, Jackson. **Die Christenverfolgung im Römischen Reich**. Berlin: Töpelmann, 1961. p. 74.

com um édito que lhes forçava à escolha entre idolatria ou morte,⁵⁶ pode-se imaginar que mais tardar nesta época o povo comum começa a discernir judeus de cristãos. Estes fatos implicam em assumir a data de redação mais tardar antes do governo de Valeriano (253).

Um terceiro fator para datar o escrito antes de Constantino é o momento onde o autor fala de perseguição à cristandade – “também os cristãos, maltratados, a cada dia se multiplicam”.⁵⁷ O fato de que a idolatria é apresentada como religião grega e Roma e o contexto de fala latina não aparecerem em nenhum lugar na epístola pode ser um indício para datá-la ainda dentro do século II, época na qual o cristianismo sabidamente era um fenômeno exclusivo da comunidade de fala grega.⁵⁸

Que diz, porém, a obra sobre a catequese? Em primeiro lugar, ela oferece uma metodologia de catequese no mínimo ousada. Ao contrário da catequese ministrada em uma sala de aula ou no templo, onde normalmente a pessoa que catequiza tem o texto e o assunto em mãos e o comenta com relativa liberdade, quem catequiza por uma carta – ou, em tempos modernos, com uso da rede mundial de computadores e do telefone – não sabe onde chegará o conteúdo que ministra. Se a catequese presencial dá autoridade ao catequista, porque as pessoas precisam chegar onde ele está para receber este serviço, na catequese à distância o catequista perde o poder sobre a ministração do conteúdo no momento em que o despacha. Ao remeter uma carta, corre-se o risco de que outras pessoas, não destinadas a ouvir ou saber o seu conteúdo a leiam, enquanto na catequese presencial, normalmente há a possibilidade de selecionar quem escuta e quem deve ficar de fora. O simples fato de que doutrina cristã fora ministrada já na época pré-nicena de forma tão despreocupada com quem recebe o seu conteúdo mostra que a religião cristã, desde o começo, não foi instituída para permanecer em sigilo; portanto, não é razoável vincular o conhecimento dos conteúdos desta religião com a obrigatoriedade de aderir a ela, ao menos quando se pensa de acordo com este autor anônimo.

A carta em si não é puramente catequética, e é contada entre as obras apologéticas, porém, uma vez que introduz o destinatário a conhecimentos cristãos,

⁵⁶ MOREAU, 1961, p. 87.

⁵⁷ FRANGIOTTI, 1995, p. 24.

⁵⁸ WALKER, Williston. **A History of the Christian Church**. New York: Scribner's Sons, 1934. p. 84.

contém catequese em algumas partes. Para se situar melhor no objetivo da obra, reproduz-se aqui o exórdio da mesma:

Excelentíssimo Diogneto, vejo que te interessas em aprender a religião dos cristãos e que, muito sábia e cuidadosamente, te informaste sobre eles: Qual é este Deus no qual confiam e veneram, para que todos eles desdenhem o mundo, desprezem a morte, e não considerem os deuses que os gregos reconhecem, nem observem a crença dos judeus; que tipo de amor é esse que eles têm uns para com os outros; e, finalmente, por que esta nova estirpe ou gênero de vida apareceu agora e não antes. Aprovo este teu desejo e peço a Deus, o qual preside tanto o nosso falar como o nosso ouvir, que me conceda a dizer de tal modo que, ao escutar, te tornes melhor, e assim, ao escutares, não se arrependa aquele que falou.⁵⁹

A primeira frase da carta pressupõe que locutor e interlocutor se conhecem, e que esta carta responde a questionamentos feitos pelo interlocutor anteriormente, o que facilmente pode ser percebido no trecho citado acima. Infelizmente, não é possível retrair este diálogo por falta de fontes.

O distanciamento para com as religiões grega e judaica é desdobrado em um capítulo para a questão grega e dois para a judaica. Quanto à religião grega, esta epístola apresenta argumentos racionais para provar ao interlocutor que as esculturas dos gregos não são deuses,⁶⁰ afinal, são esculpidas e forjadas por mãos humanas e precisam de cuidado e proteção para que não sejam destruídas.

Nos dois capítulos dedicados ao culto judaico, critica-se o sacrifício do templo – oferecer “algo a quem de nada precisa”⁶¹ e os muitos rituais e prescrições que tinham os judeus quanto a alimentos e posição dos astros, bem como a circuncisão.⁶² Aqui é necessário perguntar como o autor, que mostra ser leitor do Antigo Testamento, ao citar as propriedades dos ídolos que aparecem, por exemplo, em Is 44, questiona um culto que foi ordenado por Deus no mesmo Testamento. A ideia de que o culto cristão sucede e substitui o culto judaico existe mais tardar desde o apóstolo Paulo⁶³ - é provável, portanto, que o autor se valha de Paulo.

Contudo, o templo de Jerusalém deixa de existir em 70, com a incursão do imperador Tito sobre a cidade, o que faz o sacrifício a Deus no templo um ato impossível.⁶⁴ De que templo o autor fala? É possível que o autor considere a

⁵⁹ FRANGIOTTI, 1995, p. 19.

⁶⁰ FRANGIOTTI, 1995, p. 20.

⁶¹ FRANGIOTTI, 1995, p. 21.

⁶² FRANGIOTTI, 1995, p. 22.

⁶³ JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001. p. 49-50.

⁶⁴ JOHNSON, 2001, p. 11.

comunidade samaritana como parte da judaica – a erudição do texto original grego⁶⁵ implica em que, muito provavelmente, grego é a língua materna do escritor, e não, por exemplo, hebraico, e talvez não tenha tido conhecimento sobre as diferenças entre judeus e samaritanos, que falavam a mesma língua. A comunidade samaritana nunca deixou de praticar sacrifícios a Deus no monte Garizim, e o faz até o presente dia,⁶⁶ e contava com mais de um milhão de membros na época de Jesus.⁶⁷ Para quem não quer considerar esta carta como um documento anterior à destruição de Jerusalém, é difícil encontrar uma explicação diferente para a referência ao sacrifício. Quando se assume estas hipóteses, o autor critica o sacrifício sem se afastar da tradição do Antigo Testamento.

Os capítulos 5 e 6 são puramente apologéticos e não trazem ensinamento sobre os conteúdos da religião cristã, e por isto não precisam ser analisados neste momento.⁶⁸ Já o capítulo 7 contém uma definição de Cristo como Verbo Divino que merece ser reproduzida:

Ao contrário, aquele que é verdadeiramente Senhor e criador de tudo, o Deus invisível, ele próprio fez descer do céu, para o meio dos homens, a verdade, a palavra santa e incompreensível, e a colocou em seus corações. Fez isso, não mandando para os homens, como alguém poderia imaginar, algum dos seus servos, ou um anjo, ou algum príncipe daqueles que governam as coisas terrestres, ou algum dos que são encarregados da administração dos céus, mas o próprio artífice e criador do universo; aquele por meio do qual ele criou os céus e aquele através do qual encerrou o mar em seus limites.⁶⁹

Aqui o autor mostra ao interlocutor que Cristo não é somente homem, nem um ser inferior a Deus, mas o Verbo. Quanto à relação de Jesus Cristo para com Deus-Pai, é explicitado que Cristo é o Filho. Continuando no capítulo 7, o autor diz que Deus “enviou-o com clemência e mansidão, como um rei que envia seu filho. Deus o enviou, e o enviou como homem para os homens.”⁷⁰ O oitavo capítulo confirma o conteúdo do sétimo, implicando na divindade de Cristo: “Quem de todos os homens

⁶⁵ RAUSCHEN, 1913, p. 3.

⁶⁶ WEDEL, Gerhard. **Die Samaritaner**: ein Forschungsüberblick. Berlin: Freie Universität, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160729085837/http://www.geschkult.fu-berlin.de/e/semiarab/semistik/schwerpunkte/hebraistik/samaritanistik.html>. Acesso em 09 out. 2019.

⁶⁷ SCHMIDINGER, Thomas. *Die Samaritaner: Unter sich am Berg Garizim*. In: **Aufbau**. Wien: Universität Wien, 2004. Disponível em: https://homepage.univie.ac.at/thomas.schmidinger/php/texte/israel_palaestina_die_samaritaner.pdf. Acesso em 09 out. 2019.

⁶⁸ FRANGIOTTI, 1995, p. 22-24.

⁶⁹ FRANGIOTTI, 1995, p. 24.

⁷⁰ FRANGIOTTI, 1995, p. 25.

sabia o que é Deus, antes que ele próprio viesse?”⁷¹ Neste capítulo, Jesus Cristo é chamado duas vezes de Filho.⁷²

Ainda no capítulo 7, aparece brevemente a temática do juízo final, ressaltando que na primeira vez Jesus veio apenas com o intuito de salvar e propagar o amor de Deus, e haverá uma segunda vinda dele à terra para julgamento.⁷³ A temática do juízo final é retomada no fim do capítulo 10. Lá, o autor se expressa da seguinte maneira sobre o assunto:

Conhecerás o engano e o erro do mundo, quando realmente conheceres a vida no céu, quando desprezares esta vida que aqui parece morte e temeres a morte verdadeira, reservada àqueles que estão condenados ao fogo eterno, que atormentará até o fim aqueles que lhe foram entregues. Se conheceres esse fogo, ficarás admirado, e chamarás de felizes aqueles que, pela justiça, suportaram o fogo passageiro.⁷⁴

O juízo final com fogo para os ímpios não diminui a grandeza do amor de Deus. O capítulo 9, que Brandon Crowe chama de “síntese teológica” da epístola,⁷⁵ ensina que o sacrifício de Cristo na cruz, e não a tentativa do ser humano, é suficiente para a salvação da humanidade, e que não há outro meio de salvação. A história da humanidade é resumida em uma frase: “Ele antes nos convenceu da impotência da nossa natureza para ter a vida; agora mostra-nos o salvador capaz de salvar até mesmo o impossível.”⁷⁶

Acessar este tesouro de salvação é possível quando se conhece e se imita a natureza do Pai. O capítulo 10 representa a essência da religião cristã, e encontra paralelas em Didaquê 1. Primeiro, ele revela a natureza do Pai e depois explica a forma de imitar ao Pai, como se vê neste excerto:

Deus, com efeito, amou os homens. Para eles criou o mundo e a eles submeteu todas as coisas que estão na terra. Deu-lhes a palavra e a razão, e só a eles permitiu contemplá-lo. Formou-os à sua imagem, enviou-lhes seu Filho unigênito, anunciou-lhes o reino no céu, e o dará àqueles que o tiverem amado. Depois de conhecê-lo, tens idéia [sic!] da alegria com que serás preenchido? Como não amarás aquele que tanto te amou? Amando-o, tu te tornarás imitador da sua bondade. Não te maravilhes que um homem possa se tornar imitador de Deus. Se Deus quiser, o homem poderá. A felicidade não está em oprimir o próximo, ou em querer estar por cima dos mais fracos, ou enriquecer-se e praticar violência contra os inferiores. Desse modo,

⁷¹ FRANGIOTTI, 1995, p. 25.

⁷² FRANGIOTTI, 1995, p. 26.

⁷³ FRANGIOTTI, 1995, p. 25.

⁷⁴ FRANGIOTTI, 1995, p. 28.

⁷⁵ CROWE, 2011, p. 97.

⁷⁶ FRANGIOTTI, 1995, p. 27.

ninguém pode imitar a Deus, pois tudo isso está longe de sua grandeza. Todavia, quem toma sobre si o peso do próximo, e naquilo em que é superior procura beneficiar o inferior; aquele que dá aos necessitados o que recebeu de Deus, é como Deus para os que recebeu de sua mão, é imitador de Deus.⁷⁷

Tornar-se um verdadeiro cristão, portanto, exige o conhecimento do Pai – que foi revelado no Filho – amar ao Pai, e mediante o amor a Deus, tornar-se imitador a ele. A Didaquê começa com o Caminho da Vida, que é a imitação do amor de Deus; na Epístola a Diogneto, as atitudes de quem trilha o Caminho da Vida são consequência do conhecimento e da recepção da mensagem de salvação e amor de Deus revelado em Cristo. Este adicional – o sacrifício de Cristo como justificação, acessível mediante o amor a Deus, é a principal novidade que o escrito a Diogneto traz.

2.2.2 Ireneu de Lião

Ireneu de Lião, apesar do epíteto “de Lião”, era originário da Ásia Menor; isto é um dos poucos dados acerca dos quais há concordância entre os pesquisadores do teólogo. Embora todos os seguintes pensadores considerem que sua origem é daquela região, há ampla discórdia sobre a data de nascimento de Ireneu.

Ari Luís do Vale Ribeiro estabelece a sua data de nascimento entre 130 e 160,⁷⁸ enquanto Roque Frangiotti considera a década de 40 do século II como o mais provável período do nascimento do teólogo.⁷⁹ Ernst Klebba ainda supõe o seu nascimento por volta de 115.⁸⁰ Arthur Cleveland Coxe cita um historiador chamado Dodwell, que acreditava que Ireneu havia nascido em 97; contudo, ele próprio discorda desta hipótese, posicionando o nascimento de Ireneu entre 120 e 140.⁸¹ Conclui-se que, antes de se encontrar mais evidências sobre a vida do santo, não será possível determinar nada sobre as circunstâncias de nascimento e juventude de Ireneu; contudo, é difícil crer que Ireneu tenha nascido muito depois de 136 ou muito

⁷⁷ FRANGIOTTI, 1995, p. 27-28.

⁷⁸ VALE RIBEIRO, Ari Luís do. **Ireneu de Lyon**: Demonstração da pregação apostólica. São Paulo: Paulinas, 2014. p. 13.

⁷⁹ LIÃO, Ireneu de. **Contra as Heresias**: Denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulinas, 1995. p. 15.

⁸⁰ KLEBBA, Ernst. Des Heiligen Irenäus fünf Bücher gegen die Häresien. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung München: Kösel, 1912. v. 3, p. V.

⁸¹ CLEVELAND COXE, Arthur. Irenaeus: Against Heresies. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. (Orgs.) **Ante-Nicene Fathers**. Peabody: Hendrickson, 1994. v.1, p. 313.

antes de 126; esta conclusão pode ser auferida tanto destes dados como daquilo que Ireneu relata de si mesmo.

Dentro de suas próprias obras, Ireneu usa como argumento de autoridade o discipulado que recebeu de Policarpo de Esmirna, que, por sua vez, foi um discípulo dos apóstolos.⁸² A pessoa de Policarpo é bem mais desconhecida pela historiografia que a de Ireneu: Policarpo fora martirizado no ano de 156, conforme Buschmann.⁸³ Nesta citação de *Contra as Heresias III*, capítulo 3, parágrafo 4, existem três interpretações diferentes sobre um termo; Frangiotti traduz como “infância”⁸⁴; Cleveland Coxe, em inglês, como “early youth”, ou seja, adolescência;⁸⁵ Klebba, em alemão, traduz como “Jugend”, ou seja, juventude.⁸⁶ Na edição de William Wigan Harvey, que reproduziu o texto latim e grego conforme as fontes mais antigas e confiáveis que pôde encontrar da série “Contra as heresias”, consta “prima aetas”, em latim, ou “πρώτη ηλικία”, em grego,⁸⁷ o que significa, conforme o dicionário Schenkl,⁸⁸ “juventude”. Dificilmente teria sido discípulo do bispo esmirniota, na condição de homem jovem, se, ao momento do martírio de Policarpo, contasse menos que 20 anos; afinal, todos os conceitos e descrições de Ireneu sobre a natureza de Cristo dificilmente foram ministrados a ele em um ou dois anos. Caso Ireneu tivesse tido mais de 30 anos àquele momento, seria muito improvável que fizesse referência apenas à sua juventude; muito antes, contaria a sua história de vida ao lado deste grande professor cristão.

Cleveland Coxe apresenta, ao lado de Ireneu, outro grande teólogo do século II que foi discípulo de Policarpo e estudou junto com Ireneu: Potino. Este Potino foi evangelista na Gália celta – atual França -, e, em algum momento antes de 177, Ireneu emigrou de Esmirna para a Gália, para se tornar presbítero na comunidade cristã de Lião, na qual o colega Potino trabalhava como bispo.⁸⁹

⁸² LIÃO, 1995, p. 251.

⁸³ BUSCHMANN, Gerd. **Martyrium des Polykarp**: übersetzt und erklärt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998. p. 40.

⁸⁴ LIÃO, 1995, p. 251.

⁸⁵ CLEVELAND COXE, 1994, p. 416.

⁸⁶ KLEBBA, 1912, p. 213.

⁸⁷ WIGAN HARVEY, William. **Sancti Irenei Episcopi Lugdunensis libros quinque adversos haereses**. Cambridge: Typis Academicis, 1857. v. 2, p. 12.

⁸⁸ SCHENKL, Karl. **Deutsch-Griechisches Schulwörterbuch**. 5. ed. Leipzig: Teubner, 1897. p. 448.

⁸⁹ CLEVELAND COXE, 1994, p. 309.

A indicação de que Ireneu tenha passado a viver em Lião antes de 177 se deve ao fato de, naquele ano, ter ocorrido uma terrível perseguição contra a comunidade cristã em Lião; Roque Frangiotti explica que Ireneu fora encarregado pelas lideranças da comunidade a enviar cartas a Roma, ao bispo Eleutério, explicando a gravidade da situação na Gália.⁹⁰

Esta viagem, pelo que os historiadores elucidam da história de Ireneu, foi uma experiência que mudou a sua perspectiva de ministério. Após chegar em Roma, descobre mais e mais situações que fazem com que perceba a necessidade de redigir obras em combate às heresias de seu tempo. Cita-se aqui uma abordagem de Arthur Cleveland Coxe:

Mas ele teve a mortificação de encontrar a heresia montanista patrocinada por Eleutério, bispo de Roma; e lá, ele encontrou um velho amigo da escola de Policarpo, que havia abraçado a heresia valentiniana. Não podemos duvidar que devemos a esta visita a batalha vitalícia de Ireneu contra as heresias, que chegaram, como gafanhotos, para devorar as colheitas do Evangelho. [...] Retornando a Lião, nosso autor descobriu que o venerável Potino havia concluído sua santa carreira com uma morte de mártir; e naturalmente, Ireneu tornou-se seu sucessor. Quando os emissários de heresias lhe seguiram, e iniciaram a disseminar as suas práticas licenciosas e doutrinas tolas deles com a ajuda de mulheres bobas, a grande obra de sua vida começou. Ele se condescendeu a estudar estas doenças da mente humana como um médico sábio.⁹¹

É necessário lembrar que a comunidade de Lião é fruto direto da atividade docente de Policarpo de Esmirna. Potino foi enviado à Gália por Policarpo; se Ireneu foi também diretamente enviado por ele ou decidiu se mudar para uma cidade onde a escola de Policarpo continuava a existir, não é possível descobrir a partir das fontes presentes. Provavelmente, foi logo antes ou pouco depois do martírio de Policarpo que Ireneu abandonou Esmirna. Klebba afirma que Ireneu tinha profunda veneração por Policarpo;⁹² uma vez que este doutrinador esmirniota foi ensinado diretamente pelos apóstolos – os mais próximos seguidores de Jesus Cristo -, jamais Ireneu

⁹⁰ LIÃO, 1995, p. 14.

⁹¹ CLEVELAND COXE, 1994, p. 309. Tradução nossa. Original: “*But he had the mortification of finding the Montanist heresy patronized by Eleutherus the Bishop of Rome; and there he met an old friend from the school of Polycarp, who had embraced the Valentinian heresy. We cannot doubt that to this visit we owe the lifelong struggle of Irenaeus against the heresies that now came in, like locusts, to devour the harvests of the gospel. [...] Returning to Lyons, our author found that the venerable Pothinus had closed his career by a martyr’s death; and naturally, Irenaeus became his successor, and when the emissaries of heresy followed him, and began to disseminate their licentious practices and foolish doctrines by the aid of “silly women”, the great work of his life began. He condescended to study these diseases of the human mind like a wise physician.*”

⁹² KLEBBA, 1912, p. V.

ponderaria questionar a doutrina que recebeu de Policarpo, e muito provavelmente, a ideia de permanecer na comunhão dos discípulos do mestre que o comoveu a se mudar para a cidade onde Potino era bispo.

Ao viajar a Roma e descobrir a situação heterodoxa que havia se instaurado por lá, e que colegas da escola dele haviam apostatado da doutrina apostólica, certamente se sentiu muito desapontado – e retornar a Lião apenas para descobrir que era um dos únicos sobreviventes da escola de Policarpo, e possivelmente, um dos únicos membros da igreja em Lião que tinha conhecimento o suficiente para impedir que a comunidade dele se tornasse apóstata da doutrina apostólica, certamente o influenciou a escrever a série “Contra as heresias”.

Roque Frangiotti entende que a obra aconteceu durante um período de, no máximo, 18 anos, sendo que não pode ter iniciado antes de 180; O ano de 198, quando se findou o ministério do bispo romano Vítor, é o ano a partir do qual se tem certeza de que a série estava concluída.⁹³ Portanto, entendendo que Ireneu assumiu o episcopado logo após de ter voltado de Roma em 177, “Contra as Heresias” foi a obra que caracterizou o ministério dele como bispo.

Não bastava, porém, simplesmente denunciar e refutar as atitudes imorais e as doutrinas apóstatas das pessoas que estavam ameaçando destruir a comunidade cristã em Lião e em vários outros lugares. Ireneu também praticava a catequese a distância mediante cartas.

O único exemplo desta atitude que sobreviveu o tempo é a “Demonstração da Pregação Apostólica”, um escrito direcionado a um cristão chamado Marciano, em cujo contexto professores de heresia estavam disseminando doutrinas alheias àquela que os apóstolos haviam ministrado nos Evangelhos. Nesta dissertação, a Demonstração da Pregação Apostólica será estudada quanto ao seu conteúdo e sua hermenêutica bíblica. Entretanto, vários fragmentos de cartas de Ireneu são conhecidos, dos quais Cleveland Coxe apresenta 55.⁹⁴

Conforme São Jerônimo, a denúncia dos crimes cometidos pelos hereges e a refutação de sua doutrina a partir das Escrituras Sagradas provocou o ódio de alguns deles sobre Ireneu, que decidiram martirizá-lo. Eusébio de Cesareia afirma que a

⁹³ LIÃO, 1995, p. 11.

⁹⁴ CLEVELAND COXE, 1994, p. 577.

morte de Ireneu ocorreu no contexto de uma chacina de cristãos durante o governo do imperador Sétimo Severo.⁹⁵ Enquanto, a princípio, as duas informações não necessariamente são contraditórias – é possível que os hereges tenham aproveitado o momento de caos para eliminar Ireneu – historiadores como Roque Frangiotti preferem constatar que “nada se sabe – com certeza – a respeito de sua morte”.⁹⁶

Ireneu é importante para o estudo de catequese e Leitura Bíblica na Patrística por duas razões: em primeiro lugar, ele está diretamente conectado a Policarpo de Esmirna, que recebeu ensinamentos dos apóstolos. Somente isto bastaria para fundamentar o estudo de suas obras a este respeito, uma vez que Policarpo não legou quase nenhum escrito, exceto uma epístola e um fragmento.⁹⁷

A segunda razão para priorizar o estudo de Ireneu é a importância que tem para a dogmática, não por último fundamentada na metodologia que empregou. Conforme Ernst Klebba,

Ireneu é o pai da dogmática católica. Ele domina a Sagrada Escritura – ele aufere somente do Novo Testamento 558 citações, de forma que apenas alguns capítulos não são empregados por ele – com surpreendente segurança e exatidão. Ela forma o fundamento de seus axiomas. Ao lado dela, a tradição é valorizada ao máximo. Com perspicácia egrégia e santo entusiasmo, ele conduziu a defesa da doutrina legada pelos apóstolos à Igreja. E mesmo que ele, conforme o discípulo amoroso João, de cuja escola ele descendia, usava palavras severas contra os falsos doutrinadores e chamava a mentira sem adornos pelo nome, ele permanece em amor cristão justo para com seus adversários e protege os seduzidos pelos falsos doutrinadores contra a suspeita de que tivessem cometido todas as maldades que lhes foram imputadas ou que poderiam se dar como consequência de suas doutrinas. A isto se junta o seu amor absoluto à verdade e sua modéstia: ele não afirma nada além do que conseguiu confirmar de fonte confiável, de forma que suas informações resistiram a qualquer conferência de nossa era crítica.⁹⁸

⁹⁵ LIÃO, 1995, p. 16.

⁹⁶ LIÃO, 1995, p. 16.

⁹⁷ BAUER, Johannes Baptist. **Die Polykarpbriefe**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995. p.31

⁹⁸ KLEBBA, 1912, p. VI. Tradução nossa. Original: “*Irenäus ist der Vater der katholischen Dogmatik. Die hl. Schrift – allein aus dem Neuen Testament bringt er 558 Zitate, so dass aus ihm nur wenige Kapitel unbenutzt bleiben – beherrscht er mit überraschender Sicherheit und Genauigkeit. Sie bildet die Grundlage seiner Beweisführungen. Daneben kommt die Tradition zu voller Geltung. Mit hervorragendem Scharfsinn und heiliger Begeisterung hat er die Verteilung der in der Kirche von den Aposteln niedergelegte Lehre durchgeführt. Und wenn er auch gleich dem Liebesjünger Johannes, aus dessen Schule er já abstammte, gegen die Irrlehrer strenge Worte gebrauchte und Lüge ungeschminkt Lüge nannte, so bleibt er doch in christlicher Liebe auch seinen Gegnern gerecht und nimmt die von den Irrlehrern Verführten gegen den Verdacht in Schutz, als ob sie all die Schlechtigkeiten wirklich verübten, die ihnen nachgesagt wurden oder die sich als Konsequenz ihrer Lehren ergeben konnten. Dazu kommt seine absolute Wahrheitsliebe und Bescheidenheit: er sagt nicht mehr, als er aus zuverlässiger Quelle in sichere Erfahrung gebracht hat, so dass seine Angaben jeglicher Nachprüfung unseres kritischen Zeitalters standgehalten haben.*”

Portanto, considerando estes pressupostos, o emprego dos textos de Ireneu para o estudo de catequese e leitura bíblica do período pré-niceno é muito propício. A sua posição de discípulo de Policarpo, que por sua vez foi discípulo dos apóstolos, bem como o seu zelo pelo dogma, muito antes de haver um concílio oficial que definisse a diferença entre ortodoxia e heresia para a totalidade da Igreja cristã. A confirmação por acadêmicos da era moderna de que os resultados de suas pesquisas são capazes de resistir aos questionadores de sua veracidade reforça ainda mais a necessidade do estudo dos textos dele como fonte fidedigna de informação sobre o contexto da Igreja da segunda metade do século II.

2.2.2.1 Demonstração da Pregação Apostólica

Este livro esteve desaparecido por mais de um milênio, e foi redescoberto pelo arquiandrita armênio Karapet Ter-Mekerttschian em dezembro de 1904. A obra esteve guardada até então em uma igreja dedicada à Mãe de Deus, na capital armênia Erevan.⁹⁹

Conforme o tradutor da obra para o alemão, Simon Weber, o livro não foi escrito originalmente em armênio, como foi encontrado, e sim em grego – e o texto encontrado em Erevan pode tanto ser uma tradução direta do grego para o armênio assim como pode ter tido influências de uma tradução síria.¹⁰⁰

Sahak III, um dogmático armênio que atuou na segunda metade do século VII, conhece e usa a tradução encontrada em Erevan; pressupõe-se, portanto, que já era amplamente lida nesta época, conseqüentemente, o trabalho de tradução precisa ter ocorrido em um momento histórico anterior.¹⁰¹

A dependência literária que a Demonstração da Pregação Apostólica apresenta para com outra obra do mesmo autor - o terceiro livro da série “Contra as heresias”¹⁰² – leva Weber a acreditar que tenha sido escrito após o mesmo. Weber leva em consideração que, na época que Ireneu redigia “Contra as heresias”, Eleutério

⁹⁹ WEBER, Simon. Des heiligen Irenäus Schrift zum Erweis der apostolischen Verkündigung: aus dem Armenischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung München: Kösel, 1912. v. 4, p. IV. [O livro reinicia a contagem de páginas uma vez antes desta página IV].

¹⁰⁰ WEBER, 1912, p. VI.

¹⁰¹ WEBER, 1912, p. VIII.

¹⁰² WEBER, 1912, p. V.

era pontífice romano.¹⁰³ Conforme o historiador Franz Xaver Seppelt, o episcopado deste Eleutério durou desde 174 até 189.¹⁰⁴ Isto significa que o original foi redigido ou durante ou depois deste período. Ireneu, o escritor, faleceu entre o ano 200 e 202.¹⁰⁵ O escrito, portanto, dialoga com um interlocutor do último quarto do século II.

A obra se divide em duas grandes seções; na primeira, se traça uma história da queda e salvação do ser humano, a partir de referências bíblicas. A segunda, por sua vez, é um catálogo de citações bíblicas que servem para comprovar o conteúdo da pregação apostólica.¹⁰⁶ Aqui, apenas serão reproduzidos e comentados a introdução que antecede estas duas seções e alguns segmentos do início e fim da primeira seção, nos quais Ireneu faz afirmações sobre o batismo, a Trindade e a ressurreição. Um detalhe muito importante na Demonstração é o fato de que constantemente se fundamenta em textos bíblicos.¹⁰⁷

Assim como a epístola a Diogneto, a Demonstração é direcionada a um único destinatário – Marciano. Na introdução à obra, é evidenciado que este escrito está dentro de um contexto de correspondência, e assim como no caso da Epístola a Diogneto, somente sobrou este elo da correspondência e nada mais se pode saber sobre o restante até que se encontrem novos documentos.¹⁰⁸ Haja vista, porém, que a época de redação dista tantos anos da atualidade, é altamente improvável que se encontrem tais referências.

Para entender o propósito da carta, a seguinte frase da introdução dela se destaca: “Para tua confirmação na fé queremos te mostrar em breve como a verdade foi proclamada. Nós te enviamos esta apresentação para lembrança das doutrinas fundamentais.”¹⁰⁹ A carta a Marciano, portanto, é enviada para alguém que já conhece algumas “doutrinas fundamentais”, não para um pagão que nunca recebeu catecumenato e está interessado em doutrina cristã. O interlocutor já tem fé, já é

¹⁰³ WEBER, 1912, p. VI.

¹⁰⁴ SEPPELT, Franz Xaver. **Geschichte der Päpste**: von den Anfängen bis zur Mitte des 20. Jahrhunderts. Kempten: Kösel, 1954. v. 1, p. 22.

¹⁰⁵ LIÃO, 1995, p. 16.

¹⁰⁶ WEBER, 1912, p. XVII.

¹⁰⁷ FRIES, Heinrich; KRETSCHMAR, Georg. **Klassiker der Theologie**: Von Irenäus bis Luther. München: Beck, 1981. v. 1, p. 13.

¹⁰⁸ WEBER, 1912, p. 1.

¹⁰⁹ WEBER, 1912, p. 1. Tradução nossa. Original: “Zu deiner Befestigung im Glauben möchten wir Dir zeigen, wie die Wahrheit verkündigt wurde. Wir senden Dir diese Darstellung als eine Erinnerung über die Grundlehren.”

cristão; apenas se quer confirmar conhecimentos que Marciano já tem, não tentar convertê-lo ao cristianismo.

A introdução apresenta várias paralelas com os dois documentos anônimos analisados nos capítulos anteriores. Por exemplo, no início da introdução, aparece a temática dos dois caminhos, com a qual se inicia a Didaquê:

Isto servirá a ti mesmo para salvação, e tu envergonharás todos os falsos doutrinadores; todo aquele, porém, que quiser conhecer nossa doutrina salvífica e pura, tu o conduzirás a ela com toda a esperança. Pois só existe um caminho; a todos os que veem, ele os conduz juntos para cima, iluminados pela luz celestial. Todavia, os caminhos dos cegados são muitos e trôpegos. Aquele caminho une o ser humano com Deus e leva ao reino celestial, estes [caminhos] separam o ser humano de Deus e levam para baixo, à morte.¹¹⁰

Enquanto na Didaquê ainda não está cristalizado o conceito de “falso doutrinador”, aqui já aparece muito claramente; lá, os “falsos profetas” são majoritariamente aproveitadores, que querem usar da bondade da comunidade cristã para se locupletarem. Na introdução da Demonstração, a ênfase está na falsa doutrina, não necessariamente no estilo de vida dos hereges. Ademais, se na Didaquê havia um caminho de vida e um de morte, para Ireneu cada falsa doutrina é um caminho de morte por si, e o seguimento da reta doutrina permanece o único caminho de vida.

Ireneu não faz restrições quanto a quem poderá conhecer o conteúdo desta carta – muito antes, ele explicita que Marciano pode e deve compartilhá-lo com quem quiser ouvi-lo. Assim se percebe que Ireneu não faz uso da sua autoridade de bispo de Lião para fazer dependente de si mesmo o acesso à Igreja, muito antes, quer que mais e mais pessoas conheçam a doutrina cristã, independente se por ministério dele próprio ou de outra pessoa. O que importa para o autor é que Marciano consiga refutar as doutrinas dos hereges.

A introdução continua a discorrer sobre o caminho da vida – para o qual é necessário ter pureza de corpo e alma. A alma deve se manter pura mediante o

¹¹⁰ WEBER, 1912, p. 1. Tradução nossa. Original: “*Das wird Dir selbst zum Heil dienen, und Du wirst alle falschen Lehrer beschämen; jeden aber, der unsere heilvolle und lautere Lehre kennen lernen will, wirst Du ihr mit aller Zuversicht entgegenführen. Denn es gibt nur einen Weg; alle, die sehen, führt er gemeinsam empor, beleuchtet vom himmlischen Lichte. Die Wege der Verblendeten hingegen sind zahlreich und holperig. Jener Weg verbindet den Menschen mit Gott und führt zum himmlischen Reich, diese trennen den Menschen von Gott und führen abwärts zum Tode.*”

conhecimento da doutrina de Cristo e o corpo deve se manter puro mediante a abstinência para com a imoralidade sexual e as más ações.¹¹¹

Ireneu ainda escreve na introdução que a fé permite o agir; “a fé é o penhor de nossa salvação”;¹¹² conduzido pela fé, o cristão pode servir a Deus em temor – porque Deus é um senhor – e em amor, porque Deus é um pai. Ou seja, Ireneu não propõe a salvação a partir de obras, mas antepõe às obras a fé. Esta fé, porém, se manifesta em um sinal exterior: conforme Ireneu,

Em primeiro lugar, ela [a fé] nos admoesta a lembrarmos, que recebemos o Batismo para a remissão dos pecados em nome de Deus, o Pai, e em nome de Jesus Cristo, o filho de Deus, que tomou um corpo, morreu e ressuscitou dos mortos, e no Espírito Santo de Deus, e que este Batismo é o sinal da vida eterna e do renascimento em Deus, de forma que não somos mais crianças dos humanos mortais, mas sim do Deus eterno que dura para sempre.¹¹³

Na Didaquê, o batismo não é explorado como tema teológico além das consequências que ele tem para a vida comunitária – a permissão para participar na Eucaristia. Toda a introdução do texto de Ireneu não menciona o sacramento da Eucaristia, que é um tema fundamental da Didaquê. Contudo, é necessário dizer que também a Didaquê não põe a Eucaristia no capítulo 1, e sim apenas no capítulo 9, e que a natureza da Demonstração – uma carta dentro de um intercâmbio de correspondências cujas outras cartas se perderam – não exige que todos os assuntos relevantes à religião cristã sejam abordados. É perfeitamente possível que outro escrito a Marciano, que foi perdido, tenha tratado do assunto da Eucaristia.

Entretanto, como foi apresentado anteriormente, ambas as obras iniciam com a temática dos caminhos de vida e morte, o que evidencia que ela era fundamental na catequese do período pré-niceno. A fórmula trinitária do batismo aparece aqui novamente, o que mostra que não se pode dissociar Trindade de tradição cristã pré-nicena.

A Trindade é um tema explorado amplamente por Ireneu na Demonstração. No início da primeira parte deste livro, Ireneu afirma que Deus é anterior a tudo o que

¹¹¹ WEBER, 1912, p. 2.

¹¹² WEBER, 1912, p. 3. Tradução nossa. Original: “*der Glaube die Bürgschaft für unser Heil ist.*”

¹¹³ WEBER, 1912, p. 3. Tradução nossa. Original: “*Zuvörderst mahnt er uns zu gedenken, daß wir die Taufe zur Nachlassung der Sünden im Namen Gottes des Vaters empfangen haben, und im Namen Jesu Christi, des Sohnes Gottes, der einen Leib angenommen hat, gestorben und von den Toten auferstanden ist, und im heiligen Geist Gottes, und daß diese Taufe das Siegel des ewigen Lebens und der Wiedergeburt in Gott ist, so daß wir nicht mehr Kinder der sterblichen Menschen, sondern des ewigen, immerwährenden Gottes sind.*”

existe e criador de tudo o que existe mediante o seu Verbo, filho dele. O Espírito Santo é explicado como a Sabedoria de Deus. O Verbo é o meio pelo qual Deus age no mundo, e o Espírito é a hipóstase divina que existe dentro do ser humano, clamando pelo Pai.¹¹⁴ Mais uma vez, o tema do batismo volta à tona, conectado com mais explicação sobre a natureza da Trindade. Conforme Ireneu, Jesus apareceu aos profetas, que exerceram o ministério de profecia mediante o Espírito Santo; este mesmo Espírito foi derramado uma segunda vez sobre toda a terra, a fim de recriar o ser humano para Deus.¹¹⁵ Esta recriação, ou renascimento, se dá na seguinte forma:

Por isto, em nosso renascimento o Batismo é feito através destas três partes, de forma que o Pai nos dá a graça de renascermos através de seu Filho no Espírito Santo. Pois aqueles que recebem o Espírito Santo e o portam em si, são levados ao Verbo, isto é, ao Filho. Por sua vez, o Filho os conduz ao Pai e o Pai lhes faz consortes da imortalidade. Assim, não é possível ver o Verbo de Deus sem o Espírito e sem o Filho, ninguém pode vir ao Pai. Pois o saber do Pai é o Filho. O saber acerca do Filho, porém, é alcançado pelo Espírito Santo; o Filho, porém, dispensa o Espírito conforme a benevolência do Pai àqueles aos quais o Pai quer, e como ele [o Pai] o quer.¹¹⁶

Ou seja, a salvação, que é o retorno ao Pai, acontece por intermédio do Filho, e o Filho a dispensa conforme a vontade do Pai. A participação humana no retorno ao Pai, sem anterior dádiva do Espírito, não existe. Isto explica por que Ireneu não busca resguardar o conteúdo deste livro para um grupo seletivo escolhido por ele mesmo, e sim prefere que todas as pessoas interessadas compartilhem do conhecimento que Ireneu ministra a Marciano.

Se o conhecimento do Verbo, e, como foi analisado anteriormente, as boas ações, só dependem da obra de Deus no ser humano, isto é, da fé e da dispensação do Espírito Santo, tentar atrelar o processo de adesão à Igreja a uma pessoa ou uma estrutura imanente é completamente irracional. A Igreja é, antes de mais nada, um corpo espiritual. A obra de Deus – o renascimento do ser humano – é afeita de um sinal exterior, o batismo. Contudo, como Ireneu conclui a primeira parte da

¹¹⁴ WEBER, 1912, p. 5-6.

¹¹⁵ WEBER, 1912, p. 6-7.

¹¹⁶ WEBER, 1912, p. 7. Tradução nossa. Original: “*Deshalb wird bei unserer Wiedergeburt die Taufe durch diese drei Stücke vollzogen, indem der Vater uns zur Wiedergeburt begnadigt durch seinen Sohn im Hl. Geiste. Denn diejenigen, welche den Hl. Geist empfangen und in sich tragen, werden zum Worte, d. h. zum Sohne geführt. Der Sohn hinwieder führt sie zum Vater und der Vater macht sie der Unvergänglichkeit teilhaft. Also kann man ohne den Geist das Wort Gottes nicht sehen und ohne den Sohn kann niemand zum Vater kommen. Denn das Wissen des Vaters ist der Sohn. Das Wissen vom Sohne Gottes aber [erlangt man] durch den Hl. Geist; den Geist aber gibt nach dem Wohlgefallen des Vaters der Sohn als Spender an diejenigen, welche der Vater will und wie er es will.*”

Demonstração, para que o Espírito Santo seja mantido no receptor, este precisa estar em “verdade, santidade, justiça e perseverança”.¹¹⁷ A dispensação do Espírito e o conseqüente batismo são graça; a fé é graça; mas a fé compele às obras, e o descaso e o descompromisso para com a vida em Cristo afastam o Espírito Santo e não permitem, consecutivamente, ter parte na ressurreição.¹¹⁸

Conclui-se que, nesta obra, Ireneu concatena as noções de fé, batismo, Trindade e ressurreição. A Trindade é explicada a partir do sacramento do batismo, e as pessoas dela são distinguidas uma da outra pelas ações que exercem. O batismo acontece em vista à ressurreição; ele é o início da ressurreição, indicando o renascimento espiritual do ser humano para Deus. A graça de Deus é mantida para o ser humano se ele a acolher, rejeitando-a porém, ao seguir doutrinas heterodoxas àquela transmitida pelos apóstolos ou ao viver de um modo que não reflita o amor de Deus, o Espírito é rejeitado e a graça é rejeitada por conseguinte. O modo de vida desagradável a Deus pode ser tanto a adesão às doutrinas heréticas como a imoralidade.

2.2.2.2 *Contra as Heresias III*

Como foi explanado no item anterior, o terceiro tomo da série “Contra as heresias” é contemporâneo ao ministério do bispo Eleutério em Roma, portanto, foi redigida entre 174 e 189; na introdução ao autor, foi apresentado que a série “Contra as Heresias” foi iniciada após 180. Assim, tem-se estes dez anos, de 180 a 189, como período no qual o livro pode ter sido redigido.

Ireneu escreve aqui, também como na obra analisada anteriormente, despreocupado com a identidade de quem lê seus escritos. Em uma oração que está inserida dentro da obra, consta o seguinte pedido: “[...] Deus; que por nosso Senhor Jesus Cristo nos ofereces o dom do Espírito Santo, concede a quem lê este escrito que reconheça que só tu és Deus, seja confirmado em ti e se afaste de toda doutrina herética, negadora de Deus e sacrílega.”¹¹⁹

¹¹⁷ WEBER, 1912, p. 29-30. Tradução nossa. Original: “*Wahrheit, Heiligkeit, Gerechtigkeit und Beharrlichkeit.*”

¹¹⁸ WEBER, 1912, p. 30.

¹¹⁹ LIÃO, 1995, p. 260-261.

Ao contrário do livro anterior, não consta nome de destinatário ou interlocutor. Aqui o interesse de Ireneu estava exclusivamente nas consequências que o escrito deveria causar. O título do livro não deixa dúvidas sobre qual o seu objetivo – é lutar “Contra as heresias”. Por causa disto, Ireneu expõe “Doutrina Cristã” no seu terceiro tomo. Após dedicar dois livros à exposição e refutação de várias heresias, Ireneu mostra qual a verdadeira doutrina cristã.¹²⁰

O livro inicia com a apresentação da tradição apostólica. Para Ireneu, é um importante sinal validador da doutrina da Igreja que a sucessão de ministros tenha iniciado com os apóstolos; esta é a tradição apostólica. Ireneu refuta a validade de doutrinas que não são confirmadas pelo ensinamento de igrejas – isto é, comunidades – nas quais esta sequência tenha ocorrido.¹²¹ Aqui se tem a imagem de uma trajetória, pela qual a doutrina de Jesus é repassada fidedignamente de geração em geração. A ideia de começar o texto com a imagem de um caminho de vida persiste. Após esta afirmação, ele fundamenta a sua própria explanação ao informar que fora catequizado por Policarpo, que por sua vez, era discípulo dos apóstolos e conviveu com eles.¹²² Vale ressaltar que Ireneu não informa a sucessão de bispos da comunidade de Lião, e sim por meio de quem ele recebera a doutrina cristã. O argumento de autoridade não está numa sucessão ritual que acontece dentro da comunidade, e sim na transmissão de conteúdo. O conteúdo precisa, além disto, ser passível de comprovação pelas Escrituras:

Não foi, portanto, por ninguém mais que tivemos conhecimento da economia da nossa salvação, mas somente por aqueles pelos quais nos chegou o Evangelho, que eles primeiro pregaram e, depois, pela vontade de Deus, transmitiram nas Escrituras, para que fosse para nós fundamento e coluna de nossa fé.¹²³

Ireneu dá muita importância à origem do conteúdo que é ministrado na comunidade. Assim como a exposição de Ireneu é validada a partir de seus referenciais – sua condição de discípulo de Policarpo e sua fundamentação de cada afirmação que faz em textos bíblicos dos dois testamentos –, assim ele invalida outras formas de catequese pela ausência de comprovação bíblica e tradição apostólica, e pelo modo como a catequese é administrada. Não existe fundamento na Igreja para

¹²⁰ LIÃO, 1995, p. 245.

¹²¹ LIÃO, 1995, p. 249.

¹²² LIÃO, 1995, p. 251.

¹²³ LIÃO, 1995, p. 246.

ocultar um saber do público em geral. A tradição dos apóstolos fora “manifestada no mundo inteiro”,¹²⁴ e não existem mistérios além da pura e simples exposição que o povo pode receber na catequese:

Ora, se os apóstolos tivessem conhecido os mistérios escondidos e os tivessem ensinado exclusiva e secretamente aos perfeitos, sem dúvida os teriam confiado a mais ninguém àqueles aos quais confiavam as próprias Igrejas. Com efeito, queriam que os seus sucessores, aos quais transmitiram a missão de ensinar, fossem absolutamente perfeitos e irrepreensíveis em tudo, porque, agindo bem, seriam de grande utilidade, ao passo que se falhassem seria a maior calamidade.¹²⁵

Os apóstolos transmitiram, sim, conteúdos aos seus sucessores, mas não com o intuito de que estes conteúdos ficassem reservados a uma casta seleta, e sim com a missão de catequizar a quem quisesse ouvir. A forma pública de administrar o ensinamento das verdades da religião é a única plausível no meio cristão.

Para que se restrinja a noção de catequese conforme Ireneu, é importante que se observe o que NÃO é catequese cristã para ele, em método, conteúdo e referenciais. Hereges tinham uma forma muito diferente de catequizar àquela que Ireneu e todos os documentos analisados até agora propõem. Ireneu descreve esta maneira assim:

Eles fazem discursos ao povo com a finalidade de atingir os que pertencem à Igreja, que eles chamam de gente comum ou gente de igreja, e assim enganam e atraem os mais simples, simulando a nossa maneira de falar, para que venham mais vezes a escutá-los. [...] Mas quando, à força de apresentar dificuldades, convencem alguém a abandonar a fé, e a levar os ouvintes a não contradizê-los, então, separadamente, desvendam-lhes o mistério inexprimível de seu Pleroma. Enganam se os que acreditam poder distinguir só pelas palavras o que é verossímil do que é verdadeiro, porque o erro é convincente, verossímil, disfarçado, ao passo que a verdade é sem véus, e, por isso, acessível também aos pequenos.¹²⁶

O método proposto acima – apenas revelar o conteúdo da religião depois de que o interessado “se entrega a eles como cordeirinho”,¹²⁷ não é aceitável para Ireneu. A verdade prescinde de véus – é o erro que se esconde atrás deles para arrogar autoridade quando quem não o pode discernir se confronta com ele. Como a doutrina cristã, para Ireneu, é a mais pura verdade, já que Jesus é a Verdade e não mente,¹²⁸

¹²⁴ LIÃO, 1995, p. 249.

¹²⁵ LIÃO, 1995, p. 249.

¹²⁶ LIÃO, 1995, p. 312-313.

¹²⁷ LIÃO, 1995, p. 313.

¹²⁸ LIÃO, 1995, p. 254.

não existe plausibilidade para fazer depender da adesão à Igreja ou do abandono da sua religião anterior o serviço da catequese.

A ausência ou o desmerecimento de referências escriturísticas durante a catequese é outro sinal de inconsistência para o bispo de Lião. Nas obras dele, são poucas as afirmativas de doutrina que ele faz, emolduradas por muitas citações bíblicas. Ireneu não só é consistente nesta forma de fundamentação, porém espera que todo o ensinamento cristão seja passível de fundamentação bíblica. Não é aceitável se opor ao texto ao invés de restaurar a doutrina a partir dele. Ao se referir aos hereges, ele descreve o tratamento que dão à Escritura da seguinte maneira: “Quando são vencidos pelos argumentos tirados das Escrituras retorcem a acusação contra as próprias Escrituras, dizendo que é texto corrompido, que não tem autoridade, que se serve de expressões equívocas e não podem encontrar a verdade nele os que desconhecem a Tradição.”¹²⁹

Por fim, não apresentar os seus professores – o caminho pelo qual a doutrina chegou até a pessoa que a professa – é uma terceira indicativa de falsidade na opinião do teólogo. Quando se descobre que isto acontece porque não há predecessor, isto é, porque a doutrina professada é completamente nova e inventada por aquele que a professa, então não há possibilidade nem remota de conciliação com a comunidade cristã. Ireneu arrola o fato de que os sistemas elaborados por Marcião e Valentim simplesmente não existiam antes de que eles os tivessem inventado. O bispo lhes auferiu o título de “iniciadores e inventores de perversidades” e garante que “entre os hereges nunca houve agrupamento nem ensinamento devidamente instituído”.¹³⁰

A arrogância de não admitir como fonte de aprendizado a tradição da Igreja, e simplesmente permanecer em uma doutrina inventada por si próprio, se necessário, abrindo mão de todas as verdades do cristianismo, é o sinal mais evidente que o que se efetua não é catequese cristã. Ao se referir à atitude de hereges para com ela, Ireneu os retrata da seguinte forma:

E quando, por nossa vez, os levamos à Tradição que vem dos apóstolos e que é conservada nas várias igrejas, pela sucessão dos presbíteros, então se opõem à Tradição, dizendo que, sendo eles mais sábios do que os

¹²⁹ LIÃO, 1995, p. 247-248.

¹³⁰ LIÃO, 1995, p. 253.

presbíteros, não somente, mas até dos apóstolos, foram os únicos capazes de encontrar a pura verdade.¹³¹

Em que consiste, porém, o conteúdo da tradição apostólica, que Ireneu coloca como prerrogativa para uma catequese verdadeira? A “Demonstração da Pregação Apostólica”, o escrito endereçado a Marciano abordado no capítulo anterior, contém praticamente as mesmas afirmativas que aparecem em “Contra as Heresias III”. Em “Contra as Heresias III”, a Trindade é conteúdo essencial da catequese. Pai e Filho têm o atributo de “Senhor”;¹³² o Espírito têm por símbolo a pomba que desce sobre Jesus durante o seu batismo. E o batismo é o ritual pelo qual a pessoa se torna portadora do Espírito Santo.¹³³

Toda a atividade necessária para a salvação do ser humano foi executada mediante o ministério de Jesus; Jesus recapitula toda a história do ser humano; o Verbo – que é Jesus Cristo – se faz carne e assim se torna parte da humanidade, e mediante o sofrimento e a morte, sofre em lugar do ser humano pecador, e mediante a ressurreição, se torna senhor de mortos e vivos.¹³⁴ Unido a Deus, o ser humano pode tomar parte da salvação, de forma que, assim como Deus primeiramente tomou em Cristo a forma de ser humano mediante a encarnação, o ser humano comunga da natureza divina mediante a salvação alcançada no sofrimento de Cristo.¹³⁵

Conclui-se que não somente o conteúdo, mas também o modo de fazer catequese é importante para Ireneu. Catequese cristã tem um conteúdo pré-definido pelas Escrituras Sagradas e um método transparente, onde a pessoa não precisa fazer concessões e acordos para ganhar acesso ao conteúdo das Escrituras e sua interpretação. Cada vez que o inverso acontece, isto é, a refutação das Escrituras e da tradição da Igreja em geral e a necessidade de “se entregar como cordeiro” nas mãos do catequista, a catequese não é válida para Ireneu.

¹³¹ LIÃO, 1995, p. 248.

¹³² LIÃO, 1995, p. 257.

¹³³ LIÃO, 1995, p. 326.

¹³⁴ LIÃO, 1995, p. 329.

¹³⁵ LIÃO, 1995, p. 334.

2.3 CATEQUESE NA PATRÍSTICA NICENA E PÓS-NICENA

2.3.1 Atanásio de Alexandria

Atanásio de Alexandria nasceu em Alexandria, em uma data desconhecida. Se Roque Frangiotti admite o ano de 295 como sua data de nascimento,¹³⁶ Archibald Robertson identifica a sua data de nascimento como entre 296 e 298. A opção de Robertson é fundamentada com a ideia de que Atanásio não se recordava da perseguição contra os cristãos ocorrida em 303.¹³⁷ A partir deste pressuposto, portanto, teria sido uma criança de cinco a oito anos à época desta perseguição. Se é possível que a memória de um evento tão marcante não fique gravada na mente de uma criança dessa idade, pode ser discutido. A partir da evidência apresentada, pode-se afirmar que Atanásio nasceu perto do ano 300; muito antes desta data, por causa desta lacuna de memória, não é possível imaginar a infância do teólogo.

Se não é possível, por falta de dados, reconstruir a vida de Atanásio antes do Concílio de Nicéia ano após ano, ao menos deve se buscar compreender o contexto da igreja cristã no Egito de sua época. Archibald Robertson indica que mesmo antes da controvérsia ariana, que teve como consequência o Concílio de Nicéia, a situação eclesiástica no Egito não estava em paz. Robertson apresenta um cisma causado por um bispo chamado Melécio de Licópolis, que se recusava a readmitir cristãos que não resistiram às perseguições e cometeram abominações perante a sua própria religião para salvar sua vida na Igreja¹³⁸ – o próprio Melécio havia, conforme Atanásio, sacrificado a ídolos para salvar a vida em contexto de perseguição.¹³⁹

Seja notado que este cisma, cuja data exata é impossível de ser determinada, não teve nenhum relacionamento com a questão ariana no que tange a doutrina acerca da pessoa de Cristo. Melécio de Licópolis, até onde se sabe, não cria de forma diferente do que os cristãos católicos acerca da divindade do Filho. Ao tempo do cisma meleciano, Ário nem sequer estava em Alexandria.

Este Ário, um líbio, emigrou de sua terra natal ao Egito e se submeteu em primeira instância a Melécio (melecianismo), depois a Pedro de Alexandria

¹³⁶ FRANGIOTTI, Roque (Org.). **Santo Atanásio**. São Paulo: Paulus, 2002. p. 9.

¹³⁷ ROBERTSON, 1994, p. XIV.

¹³⁸ ROBERTSON, 1994, p. XV.

¹³⁹ ROBERTSON, 1994, p. 131.

(catolicismo). Fora deposto de seu cargo de diácono por Alexandre de Alexandria em 321, após várias tentativas fracassadas de reconciliação e convencimento de que o Filho é divino, como o Pai.¹⁴⁰ Alexandre alega, na carta pela qual anuncia a deposição do herege, que outros clérigos haviam se associado com Ário e pediram para sofrer a mesma privação;¹⁴¹ e Ário conseguiu ganhar mais e mais adeptos no Egito e fora dele, usando seus contatos do tempo de estudante de teologia, no qual ouvia o mártir Luciano ao lado de vários outros estudantes que, à época na qual Ário foi deposto, trabalhavam como diáconos, padres e bispos em comunidades de todo o Império Romano.¹⁴²

Desta forma, o cisma acabara por causar consequências políticas; muitos bispos orientais se convertiam à nova doutrina inventada por Ário, e a hostilidade entre os dois partidos crescia. No Egito, onde já havia três movimentos doutrinários diferentes concorrendo pelo mesmo espaço físico e se proclamando a única verdadeira Igreja, muitos outros cismas menores ocorreram, colocando em xeque a unidade da Igreja, e eventualmente, fomentando o caos social naquela região.¹⁴³

Os quatro anos da deposição de Ário até o Concílio de Niceia, em 325, foram, portanto, muito turbulentos em se falando de política, e o Concílio de Niceia não fora convocado por outra razão; o imperador Constantino o instaurara, um homem que nem sequer era batizado. Não se sabe qual foi o papel exato de Atanásio no concílio; Roque Frangiotti apresenta Marcelo de Ancira, e não Atanásio, como o “principal defensor da fé ortodoxa”¹⁴⁴ do Concílio de Nicéia. Fato é que as questões arianas e melecianas tiveram de ser resolvidas naquele concílio, e o concílio decidiu em prol do partido católico, isto é, da ideia de que Jesus é gerado do Pai e consubstancial a ele. Em todo caso, Atanásio participou ativamente dele; Gregório de Nazianzo o chama de “Campeão da Verdade”¹⁴⁵ pela sua capacidade em discussões teológicas e pela eloquência que teve. Pelo que Frangiotti apresenta, Atanásio teve seu papel nos bastidores do concílio: “Embora diácono, surpreendeu a todos os padres conciliares pelo talento nas discussões teológicas e seu conhecimento nas Escrituras. Sua

¹⁴⁰ ROBERTSON, 1994, p. XV.

¹⁴¹ BIBLIOTHEK DER KIRCHENVÄTER. **Alexander von Alexandrien**. Disponível em: <https://bkv.unifr.ch/works/299/versions/320/divisions/74932>. Acesso em 14 maio 2020.

¹⁴² ROBERTSON, 1994, p. XVI.

¹⁴³ ROBERTSON, 1994, p. XVI.; GRESCHAT, Martin. **Alte Kirche**. Stuttgart: Kohlhammer, 1984. v. 1, p. 267.

¹⁴⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 12.

¹⁴⁵ FRANGIOTTI, 2002, p. 12.

contribuição será decisiva para que a fórmula do Credo que afirma a consubstancialidade do Pai com o Filho fosse aceita.”¹⁴⁶

Três anos após Niceia, e, indubitavelmente, em decorrência de sua participação naquele concílio, Atanásio é entronizado como bispo em Alexandria logo após a morte de Alexandre. Esta decisão foi arduamente contestada pelos grupos heréticos, nominalmente pelos arianos, apesar de que tanto Alexandre havia designado Atanásio como seu sucessor quanto os cristãos da diocese de Alexandria apoiavam, em maioria, essa decisão – naquele tempo, o voto popular era decisivo na escolha de um bispo.¹⁴⁷ Os arianos haviam apenas sido refutados teologicamente e excomungados da Igreja durante o concílio; não houve nenhuma tentativa significativa de eliminação dessa seita. Desta forma, continuaram a oposição sistemática que haviam praticado a Alexandre para com Atanásio.

A eles Atanásio deve que seu episcopado iniciado em 328 foi abruptamente interrompido em 335. Foi durante este período, os sete anos antes da primeira interrupção forçada de seu trabalho como bispo, que Atanásio provavelmente redigiu a Exposição da Fé; a presente dissertação se ocupará com esta obra, por isto não se fará mais comentários sobre a mesma nesta introdução.

Como, porém, se deu o fato de que Atanásio interrompeu suas atividades episcopais em 335? Após várias tentativas fracassadas por parte de membros da comunidade ariana de convencer o imperador Constantino de que Atanásio era um criminoso, incluindo a invenção de um homicídio, cuja suposta vítima Atanásio apresentou viva em um sínodo após a acusação, e vandalismo em um templo meleciano em Mareotis, do qual se descobriu depois que nunca havia existido, alegaram que Atanásio estivesse proibindo que se exportasse trigo egípcio para Roma.¹⁴⁸ Considerando a qualidade das acusações anteriores, e o fato de que a posição de Atanásio como bispo não era nem política nem comercial, é estranho que Constantino cedesse aos apelos daqueles arianos e exilasse o teólogo em 11 de julho de 335.

Atanásio fez bom uso de seu exílio em Tréveres, e é sabido que permaneceu em contato com teólogos de sua linha de pensamento durante sua estadia naquela

¹⁴⁶ FRANGIOTTI, 2002, p. 12.

¹⁴⁷ ROBERTSON, 1994, p. XXXVII.

¹⁴⁸ FRANGIOTTI, 2002, p. 15-16.

cidade. A partir da evidência que se encontrou, pode-se acreditar que os dois escritos a Macário foram redigidos naquele exílio. Estes, semelhantemente à Exposição da Fé, serão abordados na dissertação, e por isto não receberão mais menção aqui.

Apenas em 17 de junho, Constantino II, um dos três herdeiros do trono, redigiu uma carta à comunidade cristã de Alexandria, avisando que se reinstauraria o episcopado de Atanásio – conforme Constantino II, a ideia fora de seu pai, porém Constantino I havia falecido antes de pô-la em prática. De fato, Atanásio consegue chegar em Alexandria vários meses mais tarde, em 23 de novembro de 337, onde deveria ficar até 16 de abril de 339.¹⁴⁹ O segundo exílio de Atanásio se deu em Roma, onde ele foi recebido pelo bispo Júlio. Atanásio permaneceu no exílio até 346.¹⁵⁰

Por dez anos, Atanásio pôde exercer sem maiores dificuldades o seu trabalho como bispo. Em 346, o irmão de Constâncio, Constante, que então reinava sobre a parte ocidental do império Romano, solicitou a Constâncio que readmitisse Atanásio como bispo em Alexandria, uma vez que o sucessor dele, Gregório da Capadócia, havia falecido. A maioria dos escritos de Atanásio são desta época. Porém, logo após o assassinato de Constante, Constâncio era o único imperador de todo o Império; assim, em 356, Atanásio foi novamente exilado, após vários sínodos convocados pelo imperador, cujo principal fim aparentava ser a neutralização de dissidentes do arianismo.¹⁵¹

Este terceiro exílio aconteceu no deserto do Egito, na região da Tebaida, em áreas ocupadas por monges. Um teólogo ariano, Jorge o Capadócio, foi instituído bispo de Alexandria assim que Atanásio fora exilado.¹⁵² Neste exílio, Atanásio redigiu um compêndio muito importante, que entretanto não será abordado nesta dissertação por ser bastante posterior ao Concílio de Niceia: as epístolas a Serapião de Thmuis. Serapião, que era bispo na cidade de Thmuis, havia questionado Atanásio acerca da posição do Espírito Santo, por volta de 358¹⁵³ – e em resposta, Atanásio explica que não há subordinação entre as pessoas da Trindade. “O Pai atua por meio do Filho no

¹⁴⁹ ROBERTSON, 1994, p. XLI.

¹⁵⁰ FRANGIOTTI, 2002, p. 17.

¹⁵¹ FRANGIOTTI, 2002, p. 17-19.

¹⁵² FRANGIOTTI, 2002, p. 19.

¹⁵³ FRANGIOTTI, 2002, p. 29.

Espírito na criação, na iluminação e nos dons da Graça. Como imagem do Filho, o Espírito comunica a participação do Filho enquanto imagem do Pai.”¹⁵⁴

Embora este documento seja 33 anos posterior ao Concílio de Niceia, não há porque duvidar de que esta concepção da Trindade tenha sido doutrina oficial na catedral de Alexandre de Alexandria durante e ainda antes dele; o concílio simplesmente não discorrera sobre este assunto, e sim principalmente sobre a natureza do Filho de Deus. Deste modo, existe uma prova documental de que havia cristãos professando a doutrina da Trindade antes do Concílio de Constantinopla.

O retorno de Atanásio a Alexandria se deu em 362, e foi muito breve. Durante o reinado do imperador Juliano Apóstata, um pagão aparentemente tolerante para com o monoteísmo, Atanásio regressou a Alexandria em 21 de fevereiro, conforme um édito de Juliano que permitia aos cristãos “oferecer suas orações de acordo com seus usos”.¹⁵⁵ Contudo, a aparente liberalidade de Juliano não foi exercida para com Atanásio. Chamado por Juliano de seu “pior inimigo”, foi expulso de Alexandria, a despeito de intervenções do povo alexandrino em seu favor, em 24 de outubro de 362.¹⁵⁶

Novamente esteve exilado na Tebaida. O quarto exílio, porém, foi igualmente por pouco tempo, conforme Frangiotti; aos 5 de setembro de 363, novamente estava Atanásio em Alexandria, reinstaurado – pela quarta vez – como bispo.¹⁵⁷ O imperador responsável por esta reinstalação, Joviano, que havia substituído Juliano após sua morte em campo de batalha contra os Sassânidas, faleceu apenas um ano depois, em fevereiro de 364. A este sucedeu Flávio Valentiniano, que por sua vez impôs o ariano Valente, seu irmão, como imperador da parte oriental do Império Romano, onde vivia Atanásio.¹⁵⁸ Em 5 de outubro de 365, Atanásio se vê forçado a abandonar uma quinta vez a sua sede, novamente rumo à Tebaida, apenas para retornar em 31 de janeiro de 366.¹⁵⁹

Deste dia até seu falecimento, entre 2 a 3 de maio de 373, pôde exercer seu ministério episcopal em Alexandria sem mais interrupções; ao contrário de Ireneu, não

¹⁵⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 31.

¹⁵⁵ FRANGIOTTI, 2002, p. 20.

¹⁵⁶ FRANGIOTTI, 2002, p. 21.

¹⁵⁷ FRANGIOTTI, 2002, p. 16.

¹⁵⁸ FRANGIOTTI, 2002, p. 21.

¹⁵⁹ FRANGIOTTI, 2002, p. 16.

foi mártir. Seus anos finais foram devotados principalmente à tentativa de reconciliação com os vários grupos discordantes da doutrina da Trindade; uma vez que faleceu sem obter o êxito desejado, oito anos mais tarde, foi celebrado o Concílio de Constantinopla, com o fim de resolver a questão.¹⁶⁰ Também foi nesta época, em 367, onde apresentou em uma carta Pascal, conhecida como a 39ª, o cânone bíblico.¹⁶¹

O estudo dos escritos de Atanásio propostos nessa dissertação é de suma importância para aprender o modo como o escritor se aproximava das Escrituras Sagradas e como catequizava em sua função de bispo e fora dela. As razões apresentadas em sua biografia – a saber, sua participação no Concílio de Nicéia, a sua opinião sobre a Trindade e sua elencação das Escrituras Sagradas no fim da sua vida – são suficientes para realçar o significado de Atanásio para a História da Igreja, e, conseqüentemente, o fato de que seus escritos são indispensáveis para a compreensão de Catequese e leitura Bíblica à sua época.

2.3.1.1 Exposição da Fé

A Exposição da Fé é um tratado muito exíguo sobre a natureza de Cristo. Conforme a opinião do comentarista Archibald Robertson, foi redigida após 328, e provavelmente não após 335.¹⁶² Isto significa que o escrito é imediatamente posterior ao Concílio de Niceia; pois este ocorreu entre maio e agosto do ano 325, e Atanásio tomou parte nele – ou seja, certamente a Exposição da Fé traz conteúdo homologado por este concílio, já que o partido do qual Atanásio era membro havia vencido o debate.¹⁶³ O que também se infere desta datação é que, muito provavelmente, Atanásio já tinha assumido o cargo de patriarca de Alexandria no momento em que escreve a Exposição – a sua ascensão ao patriarcado ocorreu, como Frangiotti transmite, “aos sete de junho de 328”.¹⁶⁴

¹⁶⁰ FRANGIOTTI, 2002, p. 22.

¹⁶¹ ROBERTSON, 1994, p. 551-552.

¹⁶² ROBERTSON, Archibald. Select writings and letters of Athanasius, Bishop of Alexandria: Edited, with prolegomena, índices and tables. In: SCHAFF, Philipp; WACE, Henry (Orgs.). **A Select Library of the Christian Church: Nicene and Post-Nicene Fathers** Peabody, EEUU: Hendrickson, 1994. v.4, p. LXIII.

¹⁶³ FRANGIOTTI, 2002. p. 11.

¹⁶⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 13.

Em 11 de julho de 335, Atanásio é exilado, pela primeira de cinco vezes ao todo, de sua sede patriarcal em Alexandria para Tréveres, a atual Trier na Alemanha. Dificilmente um documento redigido no exílio teria deixado de se manifestar sobre as atitudes fraudulentas de arianos que provocaram este exílio,¹⁶⁵ por isto a datação de Robertson parece adequada.

Archibald Robertson refuta acusações de pseudepigrafia do documento, porque, conforme ele, usa-se expressões para se referir à natureza humana de Cristo que, posteriormente, foram adotadas pela heresia nestoriana;¹⁶⁶ ora, se este documento fosse pseudoepígrafo, e escrito mais tarde para refutar heresias da época baseado na ficção de autoria de um grande patriarca do passado, certamente este cuidado teria sido tomado – o distanciamento da teologia nestoriana estaria presente no texto.

O documento inicia com “nós cremos”¹⁶⁷ e continua descrevendo a natureza de Deus até o fim. Isto indica que ele deve ter sido publicado por Atanásio durante o início de seu patriarcado, para explanar à comunidade alexandrina sobre a natureza de Jesus conforme a fé cristã.¹⁶⁸ Uma vez que a doutrina ariana fervilhava em Alexandria à época da redação do documento, apesar da excomunhão de Ário, praticamente toda a explanação se dirige a este objetivo – mostrar ao povo alexandrino como pensa a cristandade sobre Jesus. Outros temas eram menos importantes para aquele momento.

O tratado é subdividido em quatro capítulos. No primeiro capítulo, a Trindade em suas pessoas é abordada. Deus, o Pai, é onipotente, e criador de todas as coisas; e já a segunda frase inicia a discorrer sobre a natureza de Cristo. Ela está transcrita abaixo.

E em um Unigênito Verbo, Sabedoria, Filho, gerado do Pai sem início e eternamente; verbo não pronunciado nem mental, nem uma efluência do Perfeito, nem uma divisão da Essência impassível, nem um desenvolvimento; porém Filho absolutamente perfeito, vivente e poderoso, a verdadeira Imagem do Pai, igual em honra e glória.¹⁶⁹

¹⁶⁵ Cf. acima p. 53.

¹⁶⁶ ROBERTSON, 1994, p. 83.

¹⁶⁷ ROBERTSON, 1994, p. 84. Tradução nossa. Original: “*We believe.*”

¹⁶⁸ ROBERTSON, 1994, p. 83.

¹⁶⁹ ROBERTSON, 1994, p. 84. Tradução nossa. Original: “*And in one Only-begotten Word, Wisdom, Son, begotten of the Father without being and eternally; word not pronounced nor mental, nor an*

Perceba-se a quantidade de atributos que o Filho ganha na descrição de Atanásio. Um aspecto interessante é o fato de que se usa negações, para descrever o que o Filho não é. Induz-se que havia em Alexandria várias seitas, nas quais toda negação desta frase era afirmada, e várias das afirmações eram negadas. De certa forma, este documento mistura catequese com apologética – ele refuta doutrinas de seu contexto, que membros da comunidade cristã de Alexandria conheciam.

Para que se entenda a união e igualdade que há entre Pai e Filho, Atanásio cita o Evangelho de João (Jo 14, 9), no qual se afirma que quem vê o Filho vê o Pai. Jesus é, conforme Atanásio, Deus verdadeiro, e assim como Deus, não tem genealogia, e teve de nascer de uma virgem – “tomou a humanidade da imaculada Virgem Maria”.¹⁷⁰ Nesta sua condição simultânea de Deus e homem, Jesus é crucificado e morre pela humanidade, e através do seu poder de entregar e retomar sua vida, ressuscita dos mortos e abre o caminho para que a humanidade também possa retornar ao Paraíso. É possível, para Atanásio, conhecer o Paraíso ainda aqui na terra pela graça de Jesus, e um dos ladrões crucificado junto com ele e o apóstolo Paulo receberam de Jesus esta graça. No Paraíso, Jesus há de julgar vivos e mortos.¹⁷¹

A religião cristã, portanto, compreende também em Atanásio a temática dos caminhos que se viu na Didaquê e em Ireneu. O bom caminho é o retorno ao Paraíso, que foi perdido pelo pecado de Adão e cujas portas estão abertas pela graça de Cristo, mediante a fé. Só Jesus tem a autoridade de precursor neste caminho, e religião cristã é seguimento a Jesus. A ideia de nascimento virginal pode ser fundamentada na ideia de que “sendo Deus imaterial e incorpóreo, a realidade de Deus não pode ser comparada à maneira humana, como também essa realidade, a humana, não pode ser aplicada a Deus.”¹⁷²

Quanto ao Espírito Santo, o primeiro capítulo é bastante breve, dizendo que ele “perscruta todas as coisas, até as coisas profundas de Deus”,¹⁷³ e o capítulo finda

effluence of the Perfect, nor a dividing of the impassible Essence, nor an issue; but absolutely perfect Son, living and powerful, the true Image of the Father, equal in honor and glory.”

¹⁷⁰ ROBERTSON, 1994, p. 84. Tradução nossa. Original: “took from the undefiled Virgin Mary our Humanity.”

¹⁷¹ ROBERTSON, 1994, p. 84.

¹⁷² CORBELLINI, Vital. A participação de Atanásio no concílio de Nicéia e a sua defesa do Homooúsios. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007. v. 37, p. 400.

¹⁷³ ROBERTSON, 1994, p. 84. Tradução nossa. Original: “searcheth all things, even the deep things of God.”

com um anátema sobre todas as doutrinas contrárias ao que foi dito até então.¹⁷⁴ No último capítulo da obra, se declara que o Espírito Santo procede do Pai e é transmitido pelo Filho, e pelo qual todas as coisas são preenchidas.¹⁷⁵

Os últimos três capítulos mostram que Jesus é o tema central desta Exposição da Fé. No capítulo 2, nega-se que Pai e Filho sejam a mesma pessoa, e nega-se também que as três hipóstases da Trindade sejam três seres separados como corpos humanos, e, conseqüentemente, nega-se a ideia de que haja uma pluralidade de deuses.¹⁷⁶ Estas informações servem para introduzir a definição de igualdade de essência entre Jesus e Deus-Pai:

Mas assim como um rio, produzido de uma nascente, não está separado [dela], e mesmo assim existem dois objetos visíveis e dois nomes. Pois nem o Pai é o Filho, nem o Filho é o Pai. Pois o Pai é o Pai do Filho, e o Filho é o Filho do Pai. Pois assim como a nascente não é um rio, nem o rio uma nascente, porém ambos são a mesma água que é conlevada em um canal da nascente ao rio, assim a divindade do Pai passa para o Filho sem fluxo e sem divisão.¹⁷⁷

Deste trecho se conclui que Deus-Pai e Deus-Filho, ou seja, Jesus Cristo, têm uma única essência divina, e nem por isto deixam de ser duas pessoas. A divindade que ambos têm é a mesma; Jesus Cristo tomou a humanidade de Maria, e nasceu como ser humano dentro da história, porém existia antes da história, se não, não poderia comungar da mesma essência com o Pai.

Atanásio insiste no capítulo 3 que Jesus não é uma criação, porém aquele por meio do qual tudo foi criado; o corpo dele, porém, era criado – não como a criação do Gênesis, mas uma nova, dentro do ventre da mulher.¹⁷⁸ Haja vista que esta nova criação difere da criação do início do Gênesis, o filho de Maria não poderia ter sido concebido da mesma forma que os filhos de Eva. A razão desta criação se encontra

¹⁷⁴ ROBERTSON, 1994, p. 84.

¹⁷⁵ ROBERTSON, 1994, p. 85.

¹⁷⁶ ROBERTSON, 1994, p. 84.

¹⁷⁷ ROBERTSON, 1994, p. 84. Tradução nossa. Original: “*But just as a river, produced from a well, is not separate, and yet there are in fact two visible objects and two names. For neither is the Father the Son, nor the Son is the Father. For the Father is Father of the Son, and the Son is Son of the Father. For like as the well is not a river, nor the river is a well, but both are the same water which is conveyed in a channel from the well to the river, so the Father’s deity passes into the Son without flow and without division.*”

¹⁷⁸ ROBERTSON, 1994, p. 85.

na necessidade de salvar a humanidade, e de Jesus emana salvação assim como a luz emana de um foco de luz.¹⁷⁹

Em sua divindade, Jesus tem plena comunhão e igualdade com o Pai – em sua humanidade, ele é a primogenitura da nova criação de Deus, e por isto, como o capítulo 4 termina a Exposição da Fé afirmando que Jesus não é apenas, como foi referido anteriormente, o precursor do retorno ao Paraíso, e o autor da salvação, e sim também o próprio caminho para o retorno ao Pai.¹⁸⁰

A Exposição da Fé é uma obra muito densa, cheia de conteúdo e explicação sobre a natureza de Cristo, sem esquecer totalmente das outras pessoas da Trindade, porém explanando-as a partir da sua relação com Cristo. Conclui-se que Atanásio precisava de uma ferramenta simples, rápida e fácil de manusear para que ele ou seus presbíteros combatessem a heresia do arianismo. A eficiência do ministério de Atanásio em converter pessoas que confessavam as doutrinas de Ário se mostra pela forma como os arianos não pouparam meios de orquestrar o seu afastamento do cargo de patriarca de Alexandria. Em um documento que, impresso, não contempla mais que duas páginas, Atanásio apresenta uma súmula doutrinal sobre Cristo que demonstra claramente como a doutrina ariana não comunga da tradição apostólica. Catequese e apologia da fé caminham juntas e são inseparáveis neste documento.

2.3.1.2 A Encarnação do Verbo

Esta obra é creditada como uma das primeiras do escritor. Robertson a situa ainda no ano de 318,¹⁸¹ e Frangiotti a coloca mais vagamente “por volta do ano 320, antes mesmo do seu episcopado e da controvérsia ariana”, ou ainda entre 335 e 337, meses após a controvérsia entre Atanásio e a comunidade ariana mencionada no item anterior.¹⁸²

A ideia de que Atanásio, deposto de seu cargo de patriarca, e deportado de sua cidade natal Alexandria para outro continente, tudo isto sem haver cometido crime algum, não mencionasse estas injustiças em seu escrito, parece estranha. A favor da tese de Archibald Robertson fala a ausência do tema da controvérsia ariana; contra

¹⁷⁹ ROBERTSON, 1994, p. 85.

¹⁸⁰ ROBERTSON, 1994, p. 85.

¹⁸¹ ROBERTSON, 1994, p. LXIII.

¹⁸² FRANGIOTTI, 2002, p. 119.

esta e a favor da segunda tese apresentada por Frangiotti se erguem os sinais de dependência literária com escritos posteriores apresentados em sua introdução ao assunto.

Um recurso útil para dirimir este tipo de dúvida é a investigação do destinatário – e aqui Archibald Robertson e Roque Frangiotti divergem na tradução da obra. Onde Frangiotti traduz “caríssimo e verdadeiro amigo de Cristo”,¹⁸³ Robertson entende que se trata de um nome próprio e transmite “Macário, e verdadeiro amante de Cristo”¹⁸⁴. O termo grego “μακάριος” pode ser um nome próprio ou um adjetivo, e sua tradução pode ser “bem-aventurado”, (Frangiotti sugere “caríssimo”) como nas bênçãos do Sermão do Monte em Mt 5,3-11.

Não se pode, portanto, elucidar a partir do próprio texto quem possa ter sido este Macário, ou este homem que Atanásio chama bem-aventurado. O que se pode dizer mais sobre este destinatário é que o livro “Encarnação do Verbo” é a segunda obra de Atanásio que se refere a esta pessoa: O primeiro livro, uma apologia “Contra os pagãos”, contém no início um vocativo de “Macário/bem-aventurado”.¹⁸⁵ Uma vez que a primeira frase da “Encarnação do Verbo” se inicia com “Na obra precedente”,¹⁸⁶ só pode ser uma continuação de “Contra os Pagãos”.

Assim, Atanásio se corresponde com o destinatário a respeito de questões religiosas. Talvez é a partir deste fato que se pode finalmente afixar a data de redação. Se Atanásio estivesse em Alexandria no momento de redação, trabalhando na sede do patriarcado como diácono, não haveria razão para escrever duas cartas para alguém que morasse na mesma cidade. Além disso, havia naquele tempo o patriarca Alexandre e vários presbíteros que poderiam ter se encarregado da instrução daquela pessoa, pois, mais tardar desde 140, havia se instaurado nas comunidades cristãs o costume de se deixar tarefas relacionadas à doutrina e representação da Igreja na mão de presbíteros e bispo.¹⁸⁷ O diácono, porém, tem a tarefa de servir às necessidades materiais das pessoas empobrecidas – para isto este cargo fora instituído em At 7,2-5 pelos apóstolos de Jesus.

¹⁸³ FRANGIOTTI, 2002, p. 123.

¹⁸⁴ ROBERTSON, 1994, p. 36. Tradução nossa. Original: “*Macarius, and true lover of Christ.*”

¹⁸⁵ ROBERTSON, 1994, p. 4.

¹⁸⁶ FRANGIOTTI, 2002, p. 123.

¹⁸⁷ JACOBS, 1925, p. 19-20.

Porém, considerando a hipótese que Atanásio tenha redigido o documento em Tréveres, e “Macário” tenha sido um fiel que congregava em Alexandria e quisesse manter contato com o patriarca em exílio, a correspondência faz muito mais sentido. Esta hipótese de datação, portanto, é preferível – o exílio em Tréveres aparenta ser o tempo no qual este escrito foi concluído.

Há, porém, um Macário que se destacou na história da cristandade, e quando se assume que era este o destinatário, era um homem de aproximadamente 30 anos de idade quando recebeu o escrito; nascido em 300 e falecido em 390, Macário o Grande era um anacoreta egípcio e foi discípulo de Santo Antão,¹⁸⁸ que por sua vez, foi biografado pelo próprio Atanásio por volta de 360.¹⁸⁹ Tudo indica que Macário o Grande e Atanásio eram conhecidos; entretanto, uma vez que não se tem à mão as respostas do interlocutor, não se pode definir se “Macário” é um atributo (“bem-aventurado”), Macário o Grande, ou qualquer outro Macário que Atanásio tenha conhecido em sua vida.

Uma vez que “Contra os Pagãos” preponderantemente apenas objeta as doutrinas dos pagãos, sem apresentar conteúdos catequéticos que não estejam figurados na segunda parte, é preferível analisar neste capítulo apenas a segunda parte, “Encarnação do Verbo”, pois aqui aparecem conteúdos relativos à catequese em si. A obra é tripartite, e a última parte se dedica a refutar as religiões e cosmovisões judaica e pagã da época, sendo, portanto, somente as duas primeiras partes convenientes para a análise neste trabalho.

Atanásio fala sobre diferentes períodos da humanidade em sua abordagem. Ele cita a época da qual relata o início do livro de Gênesis, e lá mostra como Deus – que na sua visão, é a “fonte de toda bondade, e quem é bom a ninguém pode odiar”,¹⁹⁰ mediante a sua graça, criou para o ser humano uma lei, para que o ser humano pudesse permanecer em sua graça – não comer da árvore do conhecimento do bem e do mal.¹⁹¹ Se o ser humano, portanto, tivesse obedecido à lei, teria ficado isento de sofrimento; uma vez que desobedeceu, sofrimento e morte eram a consequência natural. Conforme Atanásio descreve a situação,

¹⁸⁸ ANÔNIMO DO SÉCULO XIX: **Relatos de um peregrino russo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013. p. 183.

¹⁸⁹ ROBERTSON, 1994, p. 188.

¹⁹⁰ FRANGIOTTI, 2002, p. 127.

¹⁹¹ FRANGIOTTI, 2002, p. 128.

Por conseguinte, Deus criou o homem, e queria para ele incorruptibilidade perdurável. Mas, os homens por negligência, abandonaram a contemplação de Deus, e conforme afirmamos no primeiro livro, conceberam e imaginaram a maldade. Por isso foi proferida a sentença de morte de que tinham sido ameaçados, e de então em diante deixaram de subsistir tal qual haviam sido feitos; corromperam-se em seus pensamentos e a morte subjugou-os, reinando sobre eles. A transgressão do mandamento os reconduziu ao estado natural, e assim como haviam passado do nada ao ser, era justo que doravante fossem sujeitos no decurso do tempo à corrupção, propensa ao nada.¹⁹²

Aqui se antagonizam dois elementos: bondade e não-ser. Para Atanásio, a corrupção nada mais é que o afastamento de Deus, que é e pelo qual todas as coisas são, não para um outro plano, mas sim para a ausência do ser. Na concepção de Atanásio, o bem, antes de qualquer coisa, É. O mal simplesmente não é.¹⁹³ Assim, pecado, isto é, afastamento de Deus, leva à corrupção – a passagem do ser, que provém de Deus, ao não-ser, que é a única alternativa. O diabo gosta de afastar o ser humano de Deus com muitas mentiras e falsidades, que não são, e assim transformar a criação de Deus em algo que não é.¹⁹⁴

Paulatinamente, o ser humano começou a dar mais e mais atenção às doutrinas do diabo, afastando-se mais e mais de Deus, até tornarem-se “insaciáveis relativamente ao pecado”.¹⁹⁵ Consequentemente, a “morte exercia cada vez mais o seu poder”,¹⁹⁶ porque o ser humano praticava mais e mais abominações, sempre influenciado pelo diabo.

O paralelismo com a cosmovisão neoplatônica, que coloca um certo bem superior, espiritual e intangível à matéria, acima de todas as coisas, e a matéria como a mais inferior e péssima das criaturas,¹⁹⁷ se faz evidente. A conclusão prematura de que Atanásio fosse um filósofo neoplatônico, ou sequer um simpatizante do neoplatonismo, não é, porém, bem-vinda a quem compara às demais ideias do neoplatonismo o pensamento teológico de Atanásio. Como fora visto na seção anterior, Atanásio considera Deus-Pai o criador de todas as coisas,¹⁹⁸ isto é, também da matéria, e do próprio diabo, que não é outro nome para a matéria, e sim um anjo

¹⁹² FRANGIOTTI, 2002, p. 128-29.

¹⁹³ FRANGIOTTI, 2002, p. 129.

¹⁹⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 129-131.

¹⁹⁵ FRANGIOTTI, 2002, p. 130.

¹⁹⁶ FRANGIOTTI, 2002, p. 131.

¹⁹⁷ HAGER, Fritz-Peter. Neuplatonismus. In: **Theologische Realenzyklopädie** v. 24. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 355.

¹⁹⁸ Cf. acima p. 57.

caído. Atanásio possivelmente sistematiza desta forma a relação de Deus com a sua criação e a apostasia da sua criação para com ele para explicar melhor a este destinatário desconhecido, possivelmente um intelectual egípcio em contato com as filosofias da sua época, para que fique mais claro onde diferem cristandade e neoplatonismo.

Atanásio segue explicando a “Macário” acerca da história da humanidade com Deus; visto que Deus amou a sua criação, que fez à sua imagem e semelhança, ele inventou outra forma de comunicar seu Verbo à humanidade: Como os seres humanos haviam visivelmente desistido de contemplar a Deus, olhando somente para outros seres humanos, Deus lhes enviou seres humanos, os profetas, para que lhes transmitissem este Verbo, e também a Lei, que Deus lhes tinha dado por graça, para que vivessem em virtude.¹⁹⁹ Contudo, conforme Atanásio, nada disso havia trazido resultado, e assim,

Apesar de tamanha bondade e filantropia de Deus, os homens vencidos pelos prazeres imediatos, as ilusões e seduções demoníacas, não se voltaram para a verdade, mas se deixaram arrastar a males e pecados cada vez mais numerosos, a ponto de não parecerem mais seres racionais, mas assemelharem-se pelos seres irracionais.²⁰⁰

O pecado desfigura a imagem de Deus, à semelhança de qual o ser humano foi criado, e o transfigura em semelhança de animal; o ser humano passa a viver apenas correndo atrás de mais e mais desejos, graças às ilusões de maus espíritos.

Em Cristo, Deus tem a solução para este dilema. Quando o ser humano estava completamente perdido, e somente seguia aos seus próprios desejos e vaidades inspiradas pelo diabo, Deus mesmo descende à terra e oferta a si mesmo pelos pecados da humanidade. De forma que, não importa que tipo de má atitude o ser humano tenha praticado, Deus dialoga com o ser humano a partir de sua situação e lhe mostra como os demônios e outros seres não podem salvá-lo, e sim apenas Deus o pode. Como os olhos dos “homens se haviam afastado da contemplação de Deus e de certo modo mergulhado em profundo abismo”,²⁰¹ Deus não apareceu à humanidade na sua forma espiritual, porém, como homem. Deus atraía os seres

¹⁹⁹ FRANGIOTTI, 2002, p. 141.

²⁰⁰ FRANGIOTTI, 2002, p. 141.

²⁰¹ FRANGIOTTI, 2002, p. 145.

humanos a si pelos sentidos, para que pudesse ser apreendido por eles.²⁰² Conforme o patriarca Atanásio:

Uma vez que o espírito dos homens havia caído no domínio do sensível, o Verbo se abaixou até se tornar corporalmente visível, a fim de atrair a si os homens enquanto homem e fazer com que a sensibilidade humana se inclinasse para ele; de então em diante, vê-lo-iam como homem, e suas obras os persuadiriam de que ele não é apenas homem, mas Deus, Verbo, Sabedoria do Deus verdadeiro.²⁰³

Deus não se aparta da humanidade porque ela se apartou dele. Deus acompanha a humanidade quando ela incorre em erro, e usa das mais variadas formas para manter o contato com ela, sem o qual, como foi apresentado anteriormente, ela se corrompe gradualmente até que, se não houver intervenção, deixe de existir. Deus, apesar de prescindir da humanidade para sua própria existência e não ter culpa nem parte na perdição dela – tudo isto é obra da própria humanidade e do diabo – desce do seu lugar original, os céus, inacessível ao ser humano, e se faz presente entre quem foge da sua presença, de forma que “o Verbo se desdobra em todas as direções, para cima, para baixo, para a altura e para a largura; para cima, isto é, a criação, para baixo, isto é, a encarnação, para as profundezas, a saber, os infernos, para a largura, o mundo.”²⁰⁴ Aqui se mostra quão diferente é o pensamento cristão das filosofias vigentes à época, porque não é o crescimento intelectual que leva o ser humano à salvação, e sim o sacrifício de Deus por ele.

Assim, Deus está extremamente empenhado em comunicar à humanidade a sua bondade, pela qual o gênero humano pode continuar a existir, e a Igreja precisa, portanto, seguir este modelo. Tal qual Deus não mediu esforços nem humilhações para fazer a humanidade conhecer o seu Verbo, a Igreja não pode deixar de comunicar a mensagem divina ao mundo, mesmo que haja obstáculos. Se é verdade que Atanásio redigiu este tratado a Macário no exílio, para o que a pesquisa aponta, ele deu testemunho disto com ações: impossibilitado de estar presente em Alexandria e ministrar pessoalmente a ele este conteúdo, redigiu pelo menos duas cartas a este homem para que recebesse as respostas que pediu.

²⁰² FRANGIOTTI, 2002, p. 145.

²⁰³ FRANGIOTTI, 2002, p. 146.

²⁰⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 146-147.

Portanto, a mensagem que o patriarca alexandrino lega à atualidade com este escrito é não apenas dogmática e catequética, mas também metodológica. O método de comunicação de Deus é espalhar-se por todos os lados para atrair todas as pessoas a si. A Igreja tem mais sucesso quando segue as pegadas de seu fundamento, o Verbo de Deus.

2.3.2 Aurélio Agostinho de Hipona: Primeira Catequese aos Não-Cristãos [parte 2]

Agostinho nasceu em Tagaste, uma cidade próxima de Hipona, no norte da África, em 13 de novembro de 354.²⁰⁵ Sua história começa em um lar no qual não se professa uma única religião – o pai era pagão, a mãe, Mônica, uma cristã, a qual Philipp Schaff descreve como uma das mulheres mais intelectuais e fiéis que a cristandade já teve.²⁰⁶ A liberdade de religião que reinava na casa de Agostinho provavelmente o marcou por toda a vida; nem seu pai forçou a sua mãe a prestar culto a ídolos, nem a sua mãe impôs a sua religião ao seu pai. Aurélio Agostinho, em primeira instância, não aceitou nenhuma das duas religiões: tornou-se maniqueu aos 20 anos de idade.²⁰⁷

Conforme ele mesmo descreve nas suas Confissões, ele vivera de forma dissoluta em sua juventude, muito embora nunca houvesse negligenciado os estudos. Aos 16 anos de idade, em 370, sai da casa dos pais rumo a Cartago, para continuar os estudos que já havia começado em Madaura, cidade próxima de Tagaste; a conselho do pai, deveria se tornar um retórico.²⁰⁸

Depois de emigrar a Cartago, torna-se professor de gramática naquela cidade, e é lá que ele se converteu à religião maniqueia. Agostinho constrói uma família em Cartago, com uma mulher cujo nome se perdeu, e tem um filho, Adeodato.²⁰⁹

A comunidade maniqueia, que aparentemente era bastante influente na época, consegue arranjar um novo emprego para Agostinho em Milão, na Itália: ele se torna catedrático de retórica naquela cidade, que era a residência do imperador

²⁰⁵ SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984. p. 5.

²⁰⁶ SCHAFF, Philipp. St. Augustine's Life and Work. In: SCHAFF, Philipp (Org.). **Nicene and Post-Nicene Fathers**. Peabody: Christian Literature Company, 1994. 1. Série, v.1, p. 3.

²⁰⁷ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 6.

²⁰⁸ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 5.

²⁰⁹ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 6.

romano. Em 383, ele se muda para Milão, onde se aprofunda mais ainda nos estudos da filosofia: Plotino, Porfírio e Cícero, o último dos quais já havia lido em Cartago, povoam a mente do professor africano. Entretanto, pelo aprofundamento da filosofia, ele se sente cada vez mais distante das doutrinas dos maniqueus e se aproxima mais e mais do Evangelho.²¹⁰

É interessante notar que, apesar de que em 380, Teodósio I havia transformado o cristianismo na religião oficial de Roma,²¹¹ não fora o temor do imperador que aproximara o sábio africano da religião cristã, e sim os estudos de obras filosóficas; as evidências históricas sugerem que a tolerância para com as religiões não-cristãs era uma realidade na década de 80 do século IV.

Novamente se destaca o papel que o neoplatonismo exercia no Império Romano; sabidamente, Plotino e Porfírio eram filósofos neoplatônicos²¹². É muito provável que, nos espaços de discussão pelos quais Agostinho transitava, alguém se valeu dos mesmos métodos empregados por Atanásio em uma de suas cartas a Macário, a saber, a explicação de doutrina cristã a partir de e em contraposição à filosofia neoplatônica.²¹³

Agostinho, por fim, decide-se pela religião de sua mãe em 386, após ter uma experiência mística em um jardim em Cassiciacum, atual Cassago Brianza,²¹⁴ perto de Milão. Agostinho viu uma criança dizendo para ele: “Tome, leia!”²¹⁵ Ele interpretou esta visão como um apelo à conversão por parte de Deus, e não apenas abandonou por completo a religião maniqueia, como também o trabalho de professor de retórica e todos os bens que tinha, dando-os aos pobres. Na páscoa de 387, ele, um amigo Alípio, e seu filho Adeodato, recebem o batismo pelas mãos de Ambrósio de Milão.²¹⁶

A caminho de volta para a África, em Óstia, a cidade portuária que servia Roma, a mãe de Agostinho morre. Ele retorna a Tagaste e passa três anos vivendo como monge em um sítio perto da localidade – originalmente, sua ideia era passar o resto de sua vida deste modo.²¹⁷ Entretanto, após estes três anos, em 391, o povo de

²¹⁰ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 17.

²¹¹ GRESCHAT, 1984, p. 80.

²¹² HAGER, 1994, p. 345, 353.

²¹³ Cf. acima p. 64.

²¹⁴ CASSICIACUM. The town or community of Cassago Brianza, formerly Cassiciacum or Augustine's town. Disponível em: <http://www.cassiciaco.it/Inglese/cassiciacum.html>. Acesso em 22 jul. 2020.

²¹⁵ SCHAFF, 1994, p. 4.

²¹⁶ SCHAFF, 1994, p. 4.

²¹⁷ SCHAFF, 1994, p. 4.

Tagaste pressiona as autoridades religiosas a ordená-lo padre, contra a sua própria vontade, e cinco anos depois, é eleito bispo de Hipona.²¹⁸

É nessa condição, sendo bispo de Hipona, que ele redige – por volta do ano 400 – a “Primeira Catequese aos Não-Cristãos”, a única obra do grande teólogo que será analisada nesta dissertação. Mais tarde, nesta introdução, será justificado porque dentre os 232 livros que Agostinho produziu,²¹⁹ apenas esta obra será apresentada.

Agostinho foi testemunha de um período crítico para a história da cristandade. Em 410, os visigodos, sob a liderança de Alarico, capturam Roma.²²⁰ O cristianismo trinitário estava em perigo no Império Romano. Entretanto, enquanto Roma estava dominada pelos visigodos, que eram seguidores da heresia de Ário, Hipona e região continuavam com a doutrina confirmada pelos concílios de Niceia e Constantinopla, dos quais Agostinho, embora não tenha participado de nenhum deles, hauria sua teologia. Agostinho viveu por mais 20 anos, exercendo até o fim de sua vida o ministério episcopal em Hipona. Faleceu em 28 de agosto de 430, aos 76 anos de idade, durante a captura de Hipona por Genserico Vândalo.²²¹

Como fora referido acima, Agostinho escreveu, em seus pouco mais de 40 anos de vida cristã, mais de 200 livros; entretanto, nesta dissertação, apenas uma obra será levada em consideração. Isto se dá porque a obra aqui analisada se encaixa perfeitamente no propósito da dissertação. A “Primeira Catequese aos Não-Cristãos” é um manual de catequese, onde, além de transmitir conteúdo, ele instrui extensivamente sobre metodologia da catequese. Nenhuma outra obra analisada até aqui apresenta explicitamente a metodologia com a qual o conteúdo é transmitido. Somente isto bastaria para fundamentar a escolha, entretanto, soma-se a esta premissa o contexto histórico.

A “Primeira Catequese aos Não-Cristãos” foi redigida durante o episcopado de Agostinho, o que garante que o texto era considerado de autoridade maior na época de sua redação. A queda de Roma pode ter influenciado os escritos posteriores à Primeira Catequese; um evento desta magnitude poderia forçar o africano a mudar

²¹⁸ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 8.

²¹⁹ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 9.

²²⁰ GESCHICHTE. Disponível em: <https://www.schule-bw.de/faecher-und-schularten/gesellschaftswissenschaftliche-und-philosophische-faecher/geschichte/unterrichtsmaterialien/sekundarstufe-l/vorgeschantike/rom/westgoten>. Acesso em 05 out. 2020.

²²¹ SANTO AGOSTINHO, 1984, p. 8.

sua perspectiva para dialogar com o contexto novo. A “Primeira Catequese aos Não-Cristãos”, datada em 400, foi redigida à luz dos concílios de Niceia (325) e Constantinopla (383). Agostinho estava em um contexto no qual o cristianismo católico ainda era religião oficial do Império Romano Ocidental. Desta forma, a obra reflete muito melhor a teologia conciliar que a antecede, sem traços de eventos históricos não relacionados diretamente à dogmática que possam ter comprometido a redação do texto.

2.3.2.1 Primeira Catequese aos Não-Cristãos [parte 1]

O escrito de Agostinho “Primeira catequese aos não-cristãos” é um manual de catequese. Conforme o comentarista Sigisbert Mitterer, o opúsculo foi redigido por volta de 400.²²² Paulo Antonino Mascarenhas Roxo apresenta a mesma opinião sobre a data do documento;²²³ percebe-se que a comunidade pesquisadora entende esta data como referência para a redação da obra, ao contrário de vários livros que foram analisados anteriormente, nos quais há discórdia entre os especialistas sobre o quesito datação.

Quanto à motivação e ao destinatário, também se tem por garantido quais eram, porque a introdução do livro as revela. Aqui, transcreve-se o início do tratado.

Deogratias, meu irmão, tu me pediste para que escrevesse alguma coisa que te servisse para a primeira catequese a não cristãos. De fato, contaste que, em Cartago, onde exerces o diaconado, muitas vezes, conduzem a ti pessoas a serem iniciadas na fé cristã, devido à fama de tua excelente capacidade de catequista, ao teu método de ensinar a fé e ao teu jeito agradável de falar. Dizes, porém, que, quase sempre, te questionas sobre a maneira mais fácil de transmitir aquilo que nos torna cristãos pela fé.²²⁴

Ou seja, Aurélio Agostinho, na sua posição de bispo de Hipona, recebe de um diácono chamado Deogratias (o nome significa “graças a Deus”, em latim), que exerce o seu ministério em Cartago, o pedido por um material para que este possa melhorar a sua prática catequética. Apesar de, como apresentado acima, Agostinho não duvidar

²²² MITTERER, Sigisbert. Des heiligen Aurelius Augustinus ausgewählte praktische Schriften homiletischen und katechetischen Inhalts: aus dem Lateinischen übersetzt und mit Einleitungen versehen. In: BARDENHEWER, WEYMAN et al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel & Pustet, 1925. v. 49, p. 229.

²²³ MASCARENHAS ROXO, Paulo Antonino. Primeira Catequese aos não-cristãos. In: SANTOS, Claudio Avelino dos (Orgs.). **Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 61.

²²⁴ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 69.

da capacidade de Deogratias, ele faz referência a alguns pressupostos que devem ser tomados em consideração antes de iniciar a catequese.

Um destes pressupostos é a identidade do interlocutor. Não é possível explicar o mesmo conteúdo da mesma forma e esperar que todas as pessoas compreendam na mesma velocidade e exatamente do mesmo modo – isto seria ignorar completamente a diversidade. Agostinho cita alguns possíveis grupos de ouvintes a serem considerados.

Mas, visto que estamos tratando da instrução daqueles que devem ser iniciados na fé cristã, dou testemunho da minha própria experiência, que eu mesmo me comporto desta ou daquela maneira quando vejo diante de mim, para ser catequizada, uma pessoa erudita, um incapaz, um cidadão, um peregrino, um rico, um pobre, um cidadão privado, uma pessoa de posição com algum cargo, um homem desta ou daquela nação, desta ou daquela idade ou sexo, desta ou daquela seita, um que vem deste ou daquele erro popular. De acordo com a diversidade dos meus sentimentos, o discurso é encaminhado, desenvolvido e encerrado. E ainda que se deva a todos a mesma caridade, não se dá a todos o mesmo remédio.²²⁵

O trecho dá a entender que a sociedade onde viviam Agostinho e Deogratias era bastante heterogênea, tanto no sentido étnico quanto no religioso. Apreende-se que havia várias nacionalidades e “erros populares”, que provavelmente são doutrinas pagãs e seitas. Havia pessoas com bastante recursos e influência no governo buscando instrução, e também havia aqueles que eram muito pobres.

Agostinho apresenta que é essencial ter bom conhecimento sobre a constituição da sociedade à sua volta, dos grupos que a constituem e de como estes grupos se organizam. Alguém que pertencesse a uma determinada cultura poderia considerar algum procedimento na catequese completamente abominável, enquanto outros não veriam nada de errado neste mesmo procedimento. Saber disto antes de iniciar a catequese é de grande vantagem para conseguir reter pessoas de diferentes origens na aula, evitando atitudes que possam ofender alguém.

Quando alguém vem à Igreja pedindo informações sobre a doutrina eclesial, e professa alguma heresia ou outra religião, é de grande valor conhecer em que consiste a fé que esta pessoa segue. Assim, o diálogo pode se basear a partir das diferenças entre o cristianismo e a doutrina professada pelo catecúmeno. A pessoa

²²⁵ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 104-105.

terá clareza sobre em quais quesitos ela precisa mudar seu pensamento e atitude se quiser vir a ser cristã e o que pode ser mantido da forma como está.

Quando alguém teve acesso a uma educação de maior qualidade, isto também precisa ser levado em consideração. Aurélio Agostinho dá exemplos em seu texto sobre como fazê-lo; haja vista que, na opinião dele, as pessoas intelectuais normalmente se achegam à Igreja por ter lido sobre a religião cristã, é necessário inquirir o catecúmeno intelectual sobre quais livros leu acerca da doutrina cristã – e quando se percebe que a pessoa já tem suficiente conhecimento sobre a doutrina, pode-se partir para outras questões.²²⁶

Se a pessoa que requer catequese é notoriamente uma representante da mais alta casta intelectual, é óbvio para Agostinho que ela já conhece a doutrina cristã até aos mínimos detalhes a partir de leituras que fez, e, portanto, não se precisa ensinar nada a essa pessoa exceto duas coisas: que se aproximem da Escritura com respeito, entendendo que muitas vezes apenas a alegoria e não o sentido literal da frase servem de interpretação, e que seja humilde para com os outros membros da igreja, que não tiveram as mesmas oportunidades que ela. É necessário que, embora possam usar de sua habilidade para corrigir um orador que cometa um erro crasso na Igreja, não esqueçam que somente a oração sincera e profunda, independentemente da qualidade ortográfica ou gramatical, é ouvida por Deus, e que considerem a entrega total a Deus como algo superior à capacidade de forjar frases impecáveis.²²⁷

Por outro lado, pode ocorrer que a pessoa não só não saiba nada sobre a Igreja, como também dê sinais de que não compreende o que está sendo dito durante a aula, e caso sim, é necessário elaborar a catequese a partir desta situação. Para Agostinho, é uma atitude de seguimento a Cristo simplificar mais e mais o modo de falar quando quem ouve não entende da primeira vez. Assim como Cristo desceu até ao escândalo da cruz pela humanidade, assim a pessoa que catequiza deve descer das “alturas do pensamento” para a simplicidade de quem ouve.²²⁸ De acordo com o historiador van der Meer, a maioria dos ouvintes de Agostinho nunca teve acesso à

²²⁶ MITTERER, 1925, p. 250.

²²⁷ MITTERER, 1925, p. 252.

²²⁸ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 91.

formação intelectual, e muitos dos membros das igrejas do Norte da África nem sequer sabiam assinar o próprio nome.²²⁹

Quando se fala sobre o quesito do interlocutor, a motivação que o levou a querer saber mais sobre a Igreja, ou ainda a ponderar a adesão à mesma, deve ser levada em consideração e conhecida. Corre-se o perigo de que a pessoa se converta buscando algo que não existe, e depois se torne um membro da Igreja por razões completamente alheias à existência da mesma. Conforme Aurélio Agostinho,

Se alguém quer ser cristão, visando alcançar vantagens das pessoas que pensa desagradar se não o fizer, ou pretendendo evitar prejuízos daqueles de cuja ofensa ou inimizade tem medo, de fato, não está querendo ser cristão, mas apenas fingir ser cristão. Pois a fé não é uma questão de ter uma aparência que agrade aos outros, mas de um coração que crê. [...]Na verdade, seria útil, se fosse possível, aqueles que o conhecem informar-nos antes, em que estado de ânimo ele se encontra ou quais os motivos que o levaram a aceitar a religião. Se não houver ninguém que nos informe, ele mesmo deve ser interrogado, a fim de podermos começar a instrução a partir daquilo que ele responder.²³⁰

Ou seja, é necessário, antes de mais nada, garantir que a pessoa saiba que cristianismo não é uma religião de fingimento. Não é admissível que alguém participe da comunhão cristã apenas por formalidade, sem concordar com o conteúdo da catequese que recebe; assim, Aurélio Agostinho exorta a lidar com este mal antes de que a catequese inicie, explicando sobre a necessidade de almejar ser cristão para poder se tornar cristão.

Quando a pessoa que se achega ao catequista para receber a instrução fala a verdade ao explicar suas intenções, a situação é muito simples de resolver – a partir da sua resposta, se inicia a instrução. Se a pessoa apresenta um motivo pertinente à religião cristã, como, por exemplo, o desejo por ter “repouso verdadeiro e felicidade nesta vida”, o discurso inicia com este assunto. Agostinho escreveu a Deogratias um discurso-exemplo baseado no caso de que esta seja a resposta do interlocutor,²³¹ no qual ele desenvolve o tema até concluir com a afirmação de que os verdadeiros cristãos são aqueles que o são “por causa da felicidade eterna e o repouso perpétuo prometido no futuro para os santos após esta vida.”²³² Em seguida, Agostinho parte

²²⁹ VAN DER MEER, Frederik. **Augustinus der Seelsorger**: Leben und Wirken eines Kirchenvaters. Köln: Bachem, 1953. p. 153.

²³⁰ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 80-81.

²³¹ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 106.

²³² MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 109.

para a catequese em si, baseada nas Escrituras Sagradas de Antigo e Novo Testamentos, que será abordada no segundo capítulo.

Quando o interlocutor, porém, ao ser confrontado com a pergunta sobre a intenção alega uma razão incompatível com a fé cristã – por exemplo, aquela demonstrada na citação acima, de agradar a alguém ou evitar a ira de alguém – então, Agostinho determina que “ele deve ser corrigido mansa e delicadamente como alguém que ainda não tem experiência nem conhecimento, mas também recomendando e apresentando o verdadeiro fim da doutrina cristã, com convicção, mas brevemente, para não ocupar o tempo da narrativa, nem querer impô-la a um ânimo não preparado”.²³³

É de fundamental importância para Aurélio Agostinho que a pessoa que recebe a catequese participe por vontade própria. Porém, somente é possível determinar qual a intenção da pessoa se esta for fiel à verdade quando interrogada. O que fazer quando a pessoa mentir sobre as suas intenções? Para esta ocasião, Agostinho também tem um conselho para Deogratias. “Mas, se ele se aproximou com falsa intenção, seja em busca de vantagens humanas, seja para evitar prejuízos, com certeza vai mentir. Contudo, pelo próprio fato de estar mentindo, devemos assumir a regra de não assumir a mentira como coisa certa, mas fazer com que ele goste de ser aquilo que deseja parecer”.²³⁴

Percebe-se que Aurélio Agostinho não vê a pessoa catecúmena como alguém inferior; a palavra do catecúmeno é tomada por verdade, e ele precisa arcar com as consequências de sua decisão. A boa catequese atrai a pessoa interessada ao cristianismo.

Como, porém, aumentar as chances de que a pessoa se identifique com a religião após o primeiro encontro? Até então, se falou da pessoa que recebe a instrução e como a constituição da mesma e suas intenções são decisivas para o modo como se dá a catequese. Mas não existe somente o catecúmeno – a pessoa na posição de Deogratias, que recebeu a difícil tarefa de ensinar neófitos e interessados sobre a doutrina cristã, igualmente recebe aconselhamento sobre como se portar. A atitude de quem catequiza é muito importante para que a transmissão do conteúdo

²³³ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 81.

²³⁴ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 81.

ocorra da melhor forma. Por exemplo, a catequese pode ser infrutífera quando é feita com coração pesaroso, quando o catequista está distraído. É necessário estar em oração, pedindo a Deus ajuda para a catequese ser ministrada da melhor forma possível, e outras coisas, ainda que importantes, não obstruam o pensamento da pessoa que ensina.²³⁵

O que pode entristecer o catequista, ou desviar sua atenção? Faz-se preciso lidar com estas circunstâncias. Aurélio Agostinho lista quatro possíveis motivos:

O motivo dela [da queixa de Deogratias] poderia ser aquele a que me referi, isto é, que temos mais prazer e fazemos mais questão de trabalharmos com a mente, em silêncio, sem querermos sair para o que é de longe diferente, o ruído das palavras. Outra razão poderia ser a seguinte: mesmo que a nossa fala seja agradável, gostamos mais de ouvir ou ler coisas ditas de maneira melhor e produzidas sem o nosso trabalho e preocupação, do que improvisar palavras adaptadas à capacidade de uma pessoa, sem a certeza de que vão servir para a compreensão e se serão aceitas com alguma utilidade. Outra razão poderia ser, porque é desagradável voltar sempre de novo àquilo que se ensina aos não cristãos, uma vez que tudo já nos é bem familiar e não nos traz mais proveito; [...] para quem fala, um ouvinte impassível causa tédio.²³⁶

Quando o catequista não quer se expressar com “ruído de palavras” sobre sua fé, a pergunta se levanta por que solicitou ou aceitou este cargo na comunidade onde atua. Talvez se delegou o cargo à pessoa pelo conhecimento de causa que tinha, sem se preocupar se ela tinha o dom ou sequer o interesse de se comunicar sobre os assuntos pertinentes à doutrina da Igreja.

Uma vez que, como foi comprovado pelos escritos de Atanásio, Ireneu e os escritores anônimos, a divulgação de conteúdo cristão de forma escrita já era uma prática muito comum desde o início da era patrística, poder-se-ia empregar estas pessoas que não gostam de falar exclusivamente como remetentes de cartas para pessoas que estão longe da sede da congregação.

Quando, porém, o problema está na falta de interesse de adaptar a didática para o catecúmeno, ou no enfado de repetir sempre as mesmas coisas, Agostinho oferece um consolo: Uma das formas de não perder o prazer em ser catequista é agradecer-se ao ver o catecúmeno conhecendo os mistérios do cristianismo, assim

²³⁵ MITTERER, 1925, p. 256.

²³⁶ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 90.

como o morador antigo de uma cidade e campo pitorescos sente novamente o prazer esquecido na beleza da região ao mostrá-la ao turista.²³⁷

O catecúmeno entediante e impassível é o quarto item citado por Aurélio Agostinho no trecho acima. O que fazer quando nada serve para atrair sua atenção e tirá-lo da apatia? Quando o discurso já foi simplificado e mesmo assim o interlocutor não se manifesta na instrução, e, posto isto, nem a tentativa de envolver o catecúmeno com perguntas e indagar a sua opinião, e nem sequer transformar a leitura em diálogo traz efeitos, então é necessário falar apenas do indispensável, que para Agostinho, são a unidade da Igreja, as tentações, e como o cristão deve viver em vista do juízo final, e orar pelo catequizando.²³⁸

Ainda há mais dois itens sobre os quais Agostinho refere em outra parte do livro que podem gerar tristeza no catequista: Um deles é o catecúmeno que, ao invés de impassível, é desrespeitoso e não perde oportunidades para zombar dele e mostrar quão pouco sabe, preferencialmente na frente de outros catecúmenos. “Porém os maldizentes, detratores, odiados por Deus, que, obcecados por uma violenta inveja, se alegram com o nosso erro, assim nos dão ocasião para exercer a paciência junto com a misericórdia, visto que também a paciência de Deus os conduz à penitência”.²³⁹ É necessário tentar curar este ouvinte de seus erros, não tentando arrogar autoridade sobre a própria pessoa, mas corrigindo os erros dele com amplas provas,²⁴⁰ a não ser que o catequista tenha cometido algum equívoco. Neste caso, a situação exige o exercício da humildade, isto é, confessar e corrigir o erro, ao invés de defendê-lo, tendo sempre em foco quão grande é a importância de retransmitir fidedignamente a Palavra de Deus em relação à própria fama de bom orador.²⁴¹ Este foco na Palavra de Deus pode afastar a tristeza em relação com as más atitudes deste catecúmeno.

O sexto fator pode ser o fato de que a pessoa que catequiza está em pecado e se arrepende gravemente, de forma que não consegue parar de pensar em seu pecado e isto o entristeça durante o momento da aula. Agostinho admoesta que a catequese é um tipo de caridade.

²³⁷ MITTERER, 1925, p. 262.

²³⁸ MITTERER, 1925, p. 263.

²³⁹ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 93.

²⁴⁰ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 94.

²⁴¹ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 93.

Alegremo-nos pela ocasião que se nos apresenta de fazer uma obra de misericórdia, como se uma fonte nos fosse oferecida, de onde pegar água para apagar o que estava queimando. A não ser que sejamos tão tolos de acharmos que deveríamos correr mais rapidamente com pão para encher a barriga de quem tem fome, do que com a Palavra de Deus para instruir a mente de quem a saboreia. Acrescente-se ainda que, se fazer isso é bom, mas não faria mal deixar de o fazer, infelizmente, no que diz respeito ao perigo de salvação, desprezariamos o remédio oferecido, não tanto para a salvação do próximo, mas para a nossa salvação.²⁴²

Como Agostinho pode dizer que “não faria mal” deixar de alimentar uma pessoa faminta, se em Mt 25, 41-43 consta que tal atitude é causa de condenação eterna no inferno? O olhar para o contexto é a única forma de entender Agostinho. Agostinho não abandonou a ideia de ajudar a humanidade e prestou inclusive auxílio jurídico a pessoas que nem sequer pertenciam ao seu episcopado, quando sofriam algum tipo de injustiça.²⁴³ Agostinho ensinou que a Igreja deveria praticar a caridade, como fruto e resposta do amor de Deus para com a humanidade.²⁴⁴

Mas aqui Agostinho não escreve um tratado para todos os fiéis de seu episcopado, ou a toda a Igreja, e sim para o catequista Deogratias. Este Deogratias tinha notoriamente o dom de ensinar e por isto havia sido instituído como catequista em Cartago. A Igreja tinha vários ministérios para o exercício de caridade – enquanto outros se preocupavam com o pão, Deogratias tinha por ministério a catequese. Assim, seria digno de condenação eterna se ele, após estar ciente de um eventual pecado e arrependido, desperdiçasse o dom que recebera de Deus ao administrar mal o ministério que a Igreja havia lhe confiado.

Contudo, se ele usar da graça que Deus lhe concede para cumprir a ordem de Deus, dando testemunho de sua fé em Deus deste modo, isto poderá lhe ser auxiliar à salvação, mediante a graça divina. Desta forma, Deogratias, e quem estiver na posição de catequista e assolado pela consciência de sua própria pecaminosidade, deve estar igualmente cômico de que a ministração da catequese sobre o Verbo divino é cumprimento da ordem de Deus, e sendo este cumprimento um testemunho da fé, a salvação está novamente à vista; esta alegria deve sobrepujar a tristeza para com o pecado e ser transmitida para quem ouve a catequese.

²⁴² MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 102-103.

²⁴³ WEHR, Gerhard. **Aurelius Augustinus**: Größe und Tragik des umstrittenen Kirchenvaters. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1979. p. 51.

²⁴⁴ SCHAFFNER, Otto. **Christliche Demut**: des heiligen Aurelius Augustinus Lehre von der Humilitas. Würzburg: Augustinus-Verlag, 1959. p. 67.

Um último aspecto, ainda não mencionado, é apresentado por Agostinho para melhorar a qualidade da instrução. Apesar de ser a tradição da época e lugar receber aulas em pé, Agostinho recomenda que as pessoas recebam a aula sentadas, para que não se cansem de ouvir seu professor de pé – algumas pessoas passavam muita fome e teriam que sair antes do fim da aula porque não aguentariam ficar de pé por tanto tempo.²⁴⁵ Percebe-se que, conforme o bispo de Hipona, o ambiente de ministração das aulas precisa responder às necessidades de quem a elas assiste.

Conclui-se que Aurélio Agostinho elabora aqui um manual que trata de todos os aspectos possíveis da catequese: além do conteúdo, se aborda o catecúmeno, o catequista e o ambiente. Não existe uma receita pronta de conteúdo; quer-se alcançar o maior número possível de pessoas, então o tipo de pessoa que participa das aulas determina como se dará a explicação do conteúdo e quais conteúdos precisam ser ministrados. Quanto à pessoa docente, Agostinho somente se importa com a tristeza que ela possa sentir a partir de situações endógenas à aula ou de outra natureza, e como evitá-la para que a aula não se torne triste. Vale ressaltar que Deogratias é considerado um bom catequista por Agostinho - por isto, provavelmente, não são abordados assuntos relevantes à dogmática.

2.4 CONCLUSÃO

Neste capítulo foram analisados sete escritos patrísticos sobre o tema catequese. O que se pode dizer sobre a catequese na Patrística? A Didaquê abre o assunto, e sua percepção de vida cristã como o caminho de vida, em contraposição ao caminho de morte, que inclui adultério, roubo, assassinato, pedofilia e atos semelhantes, influencia todo o período pré-niceno. A catequese era indissociável do ensinamento da moralidade, pois esta não é derivada de uma cultura, nação, ou pensamento, e sim do ensinamento de Cristo. Se bem que, no escrito a Diogneto, as boas obras vêm após a aceitação de Jesus Cristo, e em Ireneu, já se distingue a pureza da alma – doutrina sã – da pureza do corpo – abstinência de práticas que o cristianismo considera imoral – ainda prevalece em Ireneu a forte ênfase na vida cristã como vivência de bons costumes.

²⁴⁵ MITTERER, 1925, p. 264.

Isto muda na época do Concílio de Nicéia e depois. Enquanto Ireneu distingue, mas não separa a vida imoral das heresias que eram apregoadas onde ele vivia – para ele, as duas coisas entram na categoria de caminho de morte – Atanásio praticamente apenas condena as doutrinas que ele não consegue encontrar nas Escrituras, não se delongando sobre as práticas que seriam nocivas à vida cristã. Isto não significa que ele as apoiasse ou considerasse passíveis de tolerância na comunidade cristã; nos escritos analisados, ele apenas sentia mais necessidade de combater as doutrinas heréticas, principalmente o arianismo.

Outra mudança que se percebe de forma gradual é como os escritos se tornam mais específicos para situações determinadas. A Didaquê, em um formato tão exíguo, contempla todos os aspectos da vida de seu público-alvo, de forma que toda a comunidade sabia de todas as atividades que nela ocorriam. Atanásio, ao menos nos escritos aqui apresentados, discorre quase que somente sobre conteúdos a serem memorizados e decorados, e praticamente não versa sobre as tarefas da Igreja. Agostinho já escreve um manual completamente atrelado a uma situação específica da vida da Igreja, a catequese, enquanto os outros documentos serviram a mais propósitos, como apologia e ordenamento eclesial, por exemplo. Conforme a Igreja crescia, as tarefas eram mais e mais subdivididas em níveis, a ponto de Agostinho ter de lembrar a Deogratias que ele deve primeiro zelar pelo seu ministério específico – a catequese – e não abandonar este serviço a fim de cumprir uma tarefa geral da Igreja – a alimentação dos pobres.

Algumas constantes, porém, permanecem. Mais da metade dos escritos – a epístola a Diogneto, a Demonstração da Pregação Apostólica de Ireneu de Lião para Marciano, a Encarnação do Verbo de Atanásio para Macário, e a Primeira Catequese aos não-Cristãos de Agostinho para Deogratias – têm um destinatário. Não são um escrito encíclico, destinado para toda a Igreja, e sim focam nas perguntas e dúvidas de um único interlocutor, estão inseridas em uma troca de correspondências. Isto mostra como o uso do correio para fins catequéticos era frequente nas comunidades cristãs dos primeiro cinco séculos. Nem por isto, os autores exigem ou sequer recomendam que se guarde sigilo sobre o conteúdo – pelo contrário, exortam aos destinatários que retransmitam o que aprenderam para o seu próprio contexto. Isto mostra que não havia restrições para que o conteúdo da doutrina cristã se espalhasse também fora do ambiente eclesiástico.

Outra constante é o pressuposto de que o conteúdo da catequese precisa estar fundamentado em textos escriturísticos. Mais tardar a partir de Ireneu, o que era comum, tornou-se ordem; uma vez que, como foi referido, professores de heresia fundamentavam suas doutrinas ao criticar o texto das Escrituras, negando-lhe autoridade, um catequista, para provar sua autenticidade, precisaria apresentar amplas provas de seu posicionamento a partir da Escritura. Aurélio Agostinho dá a entender que havia até catecúmenos que gostavam de desautorizar seu catequista, arrazoando com ele durante a catequese para tentar anular seus argumentos.

O ambiente eclesial era, portanto, um lugar de ampla liberdade para a expressão da própria opinião, se uma pessoa com nulo interesse em aprender coisa alguma não só não fora expulsa da catequese, mas também recebe direito de falar, a prejuízo dos demais catecúmenos e do próprio catequista. Além disso, o lugar da carta ao invés da oralidade na transmissão de conteúdo aponta para uma Igreja disposta a usar todos os meios de comunicação acessíveis para proclamar a sua mensagem. A Igreja não se preocupava com a natureza do veículo pelo qual a pessoa recebia a instrução sobre o Evangelho – o que realmente se queria alcançar é que ela chegasse ao bom caminho proposto por Jesus. A importância da Escritura Sagrada na Patrística impele a se aprofundar mais sobre o assunto, razão pela qual o próximo capítulo da dissertação se ocupará com este tema.

3 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA

Visto que a catequese na Patrística se deu profundamente embasada nas Escrituras Sagradas, é necessário analisar o modo como estas são interpretadas e aplicadas nos mesmos textos cujo conteúdo será verificado na dissertação. Antes disto, precisa-se entender melhor qual é o cânone das Escrituras Sagradas que era vigente na época e como se dá a interpretação de um texto em geral.

3.1 DEFINIÇÃO DE LEITURA BÍBLICA

Não serve para a compreensão da leitura bíblica dos Pais da Igreja o estudo da metodologia exegética como se pratica em tempos hodiernos na academia, preocupando-se com qualidade da tradução, a forma do texto, o lugar teológico original do texto e outras questões que importam para a comunidade acadêmica de hoje. Por isto, a única forma de se aproximar do exercício da leitura bíblica na Patrística é a definição mais simples e universal possível do ato de interpretação de texto, pois é tudo o que se pode pressupor.

3.1.1 Interpretação de texto

Segundo a filóloga Enilde Faulstich, a interpretação de um texto se dá em cinco passos: Compreensão, análise, síntese, avaliação e aplicação.²⁴⁶ Resumidamente, conforme a filóloga, compreensão é a primeira captação da mensagem de um texto; análise, o ato de compreender como o texto se subdivide; síntese, a apreensão de uma mensagem que o texto transmite, não da mesma forma que na compreensão, mas sim de forma que “em torno do ponto de vista do autor gravitem todas as outras ideias importantes”.²⁴⁷ Isto quer dizer, ao analisar o texto, o intérprete extrai das partes do texto as ideias principais e é capaz de reproduzi-las sem respeitar a ordem na qual aparecem no texto. Avaliação é o ato de julgar se o conteúdo do texto é verídico e válido ou não. Aplicação é o emprego das faculdades

²⁴⁶ FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 1988. p. 23-24.

²⁴⁷ FAULSTICH, 1988, p. 24.

listadas anteriormente em outro contexto que a própria interpretação do texto (p. ex., aqui, citando um trecho bíblico e fundamentando com ele uma doutrina).

Fica evidente que a compreensão, a análise e a síntese não podem mais ser retraçadas a partir do que legaram os Pais da Igreja a serem estudados. Apenas dois passos da interpretação de texto podem ser apurados na dissertação: o primeiro deles é a avaliação, implícita no fato de que os autores reconhecem o texto bíblico como canônico, porém quase nunca explicitamente, com exceção de um parágrafo onde Ireneu de Lião apresenta provas para a autenticidade dos quatro Evangelhos do Novo Testamento a partir do Apocalipse de João.²⁴⁸

O segundo, que em verdade é a totalidade dos escritos a serem analisados, é a aplicação da leitura bíblica que fizeram os Pais ao escrever os seus textos – a fundamentação dos escritos destes teólogos são, salvo raras exceções, o Antigo e o Novo Testamento. Quando os comentaristas conseguiram apurar a partir de qual perícopes ou versículo bíblicos o respectivo autor construiu a sua reflexão, ou qual livro fora mais significativo para a elaboração de determinado trecho, esta informação servirá de auxílio para entender como o autor em questão entendeu o referido texto bíblico e quais as consequências que a aplicação do mesmo causava na vida comunitária.

3.1.2 Cânone bíblico

Ao se fazer a pergunta sobre quais livros eram considerados sagrados na Patrística, a historiografia não consegue encontrar documentos normativos nos primeiros três séculos dos quais se tenha certeza que foram ecumênicos, isto é, tinham validade em toda a Igreja. Alfred Schindler apresenta o herege Marcião, em meados do século II, como o primeiro teólogo do qual se tem um cânone bíblico²⁴⁹ – nenhum dos escritores e textos analisados aqui, porém, se orienta por este cânone marciônico, que excluía o Antigo Testamento e apenas tolerava uma versão editada do Evangelho de Lucas e algumas epístolas paulinas.

²⁴⁸ Cf. abaixo p. 103.

²⁴⁹ SCHINDLER, Alfred. Kanon: Kirchengeschichtlich. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft**. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 768.

Schindler deixa claro que, ao menos nestes primeiros séculos, apenas estava canonizado o Antigo Testamento, este ainda com vários livros que caíram em desuso posteriormente. Houve também, com conseqüências bastante posteriores ao período no qual os escritos da presente dissertação se encontram, uma divergência teológica entre Agostinho e Jerônimo, dos quais o primeiro cria que tanto a versão grega como a hebraica do Antigo Testamento fossem inspiradas. Jerônimo, porém, apenas reconhecia a versão grega.²⁵⁰ Aparenta que esta pergunta simplesmente não tinha importância para a cristandade antes do século V. A grande quantidade de livros pseudepígrafos, redigidos por membros das escolas gnósticas, gerava um zelo muito maior pela autenticidade do escrito em si que pela identidade da versão com o original.²⁵¹ Este posicionamento, que Walter Künneth chama de “*confitemur et damnamus*”²⁵², é desde então até o presente momento a principal fonte de unidade entre todas as denominações cristãs:²⁵³ a coleção de livros aceitos delimita o cristianismo em relação a outros movimentos religiosos não apenas do contexto da Patrística, mas do presente e do porvir, e por isto o estudo dos livros bíblicos e da aproximação que se fez deles na Patrística é fundamental para compreender melhor o cristianismo.

O mais antigo elenco de livros que pode servir de referência para este fim é aquele que Atanásio de Alexandria publicou na sua 39ª Epístola Pascal em 367; importa reproduzir aqui este catálogo de livros por completo, porque, ao menos no Novo Testamento, não houve alterações na cristandade até o dia de hoje, e é o único cânone do período anterior ao ano 400 da qual se tem certeza que teve validade para pessoas cristãs.

Então, do Antigo Testamento, há o número de 22 livros; pois, como escutei, foi transmitido que este é o número de letras entre os Hebreus; a sua ordem e nomes respectivos são da forma seguinte. O primeiro é Gênesis, daí Êxodo, depois Levítico, após este Números, e daí Deuteronômio. Seguindo estes há Josué o filho de Num, daí Juizes, daí Rute. E novamente, após estes, quatro livro dos Reis [àquela época, 1 Samuel e 2 Samuel eram chamados de 1 Reis e 2Reis, e os livros chamados hoje em dia de 1Reis e 2 Reis eram 3 Reis e 4 Reis], o primeiro e o segundo [1Sm e 2Sm] são reconhecidos como um livro, e o terceiro e o quarto [1Rs e 2Rs] são reconhecidos como um livro. E novamente, a primeira e a segunda das Crônicas são reconhecidas como um

²⁵⁰ SCHINDLER, 2001, p. 768-769.

²⁵¹ SCHNEEMELCHER, Wilhelm. Bibel III: Die Entstehung des Kanons des neuen Testaments und der christlichen Bibel. In: **Theologische Realenzyklopädie**. v. 6. Berlin: de Gruyter, 1980. p. 37.

²⁵² KÜNNETH, Walter. Kanon. In: **Theologische Realenzyklopädie**. v. 17. Berlin: De Gruyter, 1988. p. 567.

²⁵³ KÜNNETH, 1988, p. 568.

livro. Novamente Esdras, o primeiro e o segundo [que atualmente se chama Neemias], são semelhantemente um livro. Após estes há o livro dos Salmos, daí Provérbios, depois Eclesiastes, e o Cântico dos Cânticos. Jó segue, depois os profetas [Oséias, Joel, Amós, Obadias, Jonas, Miquéias, Naum, Habacuque, Sofonias, Ageu, Zacarias, Malaquias], os 12 sendo reconhecidos como um livro. Daí Isaías, um livro, daí Jeremias com Baruque, Lamentações, e a epístola [Baruque 6, na maioria das tradições], um livro; após, Ezequiel e Daniel, cada um, um livro. Isto constitui o Antigo Testamento.

Novamente, não é enfadonho falar dos livros do Novo Testamento. Estes são, os quatro Evangelhos, conforme Mateus, Marcos, Lucas e João. Após, os Atos dos Apóstolos e Epístolas, chamadas católicas, sete, de Tiago, uma; de Pedro, duas; de João, três; após estas, uma de Judas. Adicionalmente, existem 14 epístolas de Paulo, escritas nesta ordem. A primeira, aos Romanos; daí, duas aos Coríntios; depois destas, aos Gálatas; depois, aos Efésios; daí aos Filipenses; daí aos Colossenses; depois destas, duas aos Tessalonicenses, e aquela aos Hebreus; e novamente, duas a Timóteo; uma a Tito; e finalmente, aquela a Filemom. E além disto, a Revelação [Apocalipse] de João.

Estas são as fontes de salvação, para que aqueles que têm sede possam ser satisfeitos com as palavras vivas que elas contêm. Nestas apenas está proclamada a doutrina da divindade. [...].

Mas para maior exatidão, adiciono ainda isto, escrevendo por necessidade; que há ainda outros livros além destes, de fato não inclusos no cânone, mas apontados pelos Pais a serem lidos por aqueles que se unem a nós recentemente, e que desejam instrução no verbo da divindade. A Sabedoria de Salomão, e a sabedoria de Siraque, e Ester, e Judite, e Tobias, e aquele chamado a doutrina dos apóstolos [Didaquê], e o Pastor [de Hermas].²⁵⁴

²⁵⁴ ROBERTSON, ARCHIBALD. Select writings and letters of Athanasius, Bishop of Alexandria: Edited, with prolegomena, indices and tables. In: SCHAFF, Philipp; WACE, Henry (Orgs.). **A Select Library of Christian Church: Nicene and Post-Nicene Fathers** Peabody, EEUU: Hendrickson, 1994. Série 2, v. 4, p. 552. Tradução nossa. Original: *"There are, then, of the Old Testament, twenty-two books in number; for, as I have heard, it is handed down that this is the number of the letters among the Hebrews; their respective order and names being as follows. The first is Genesis, then Exodus, next Leviticus, after that Numbers, and then Deuteronomy. Following these there is Joshua, the son of Nun, then Judges, then Ruth. And again, after these four books of Kings, the first and second being reckoned as one book, and so likewise the third and fourth as one book. And again, the first and second of the Chronicles are reckoned as one book. Again Ezra, the first and second are similarly one book. After these there is the book of Psalms, then the Proverbs, next Ecclesiastes, and the Song of Songs. Job follows, then the Prophets, the twelve being reckoned as one book. Then Isaiah, one book, then Jeremiah with Baruch, Lamentations, and the epistle, one book; afterwards, Ezekiel and Daniel, each one book. Thus far constitutes the Old Testament. Again it is not tedious to speak of the [books] of the New Testament. These are, the four Gospels, according to Matthew, Mark, Luke, and John. Afterwards, the Acts of the Apostles and Epistles (called Catholic), seven, viz. of James, one; of Peter, two; of John, three; after these, one of Jude. In addition, there are fourteen Epistles of Paul, written in this order. The first, to the Romans; then two to the Corinthians; after these, to the Galatians; next, to the Ephesians; then to the Philippians; then to the Colossians; after these, two to the Thessalonians, and that to the Hebrews; and again, two to Timothy; one to Titus; and lastly, that to Philemon. And besides, the Revelation of John. These are fountains of salvation, that they who thirst may be satisfied with the living words they contain. In these alone is proclaimed the doctrine of godliness. [...]. But for greater exactness I add this also, writing of necessity; that there are other books besides these not indeed included in the Canon, but appointed by the Fathers to be read by those who newly join us, and who wish for instruction in the word of godliness. The Wisdom of Solomon, and the*

É necessário notar que livros que Atanásio não citou aparecem de forma extremamente limitada nos escritos dos Pais; não é possível pressupor a partir das obras estudadas na presente dissertação que houvesse um cânone oculto à historiografia, que tivesse sido abandonado antes do ou pelo próprio Atanásio, e que estivesse em vigor e fundamentasse a doutrina cristã antes do Concílio de Niceia – livros elencados aqui são a fonte única das doutrinas postuladas nos escritos a serem analisados nesta dissertação, e tanto antes, em Ireneu de Lião,²⁵⁵ por exemplo, quanto nesta mesma epístola atanasiana,²⁵⁶ obras que não aparecem aqui são condenadas como pseudoepígrafas e falsas. Conclui-se, portanto, que não pode ter sido muito diferente deste catálogo a quantia de livros usada na Patrística Pré-Nicena.

3.2 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA PRÉ-NICENA

3.2.1 Obras de autor desconhecido

3.2.1.1 *Didaquê*

Como foi apresentado no capítulo anterior, a *Didaquê* data do primeiro século da era cristã, ou seja, está muito próxima da redação de vários escritos do Novo Testamento. É indubitável que ao menos alguns destes livros estavam à disposição do escritor da *Didaquê*.

Certo é que o Evangelho de Mateus, particularmente o Sermão do Monte, era de caráter elementar para a comunidade que lia a *Didaquê*. O comentarista Franz Zeitler encontra apenas no primeiro capítulo, onde se inicia a descrição do “Caminho da Vida”, quatro referências ao Sermão do Monte.²⁵⁷ Evidencia-se que este sermão de Jesus é o principal fundamento para a ideia deste caminho da vida, pois ainda é citado uma vez em cada um dos capítulos 2 e 3.²⁵⁸

O Sermão do Monte ainda tem uma importância basilar para a vivência litúrgica da comunidade da *Didaquê*. O tratado sobre jejum e oração, o capítulo 8, se

Wisdom of Sirach, and Esther, and Judith, and Tobit, and that which is called the Teaching of the Apostles, and the Shepherd.”

²⁵⁵ Cf. p. 44.

²⁵⁶ ROBERTSON, 1994, p. 552.

²⁵⁷ ZEITLER, 1918, p. 6-7.

²⁵⁸ ZEITLER, 1918, p. 7-8.

baseia com exclusividade no sermão do Monte – três referências ao capítulo 6 de Mateus se encontram no comentário de Zeitler,²⁵⁹ sendo que o comentarista ainda apresenta a possibilidade de que a transcrição do Pai-Nosso possa ser originária do Evangelho de Lucas.

Todas as citações do Evangelho de Lucas encontradas por Zeitler na Didaquê podem ser igualmente derivadas do Evangelho de Mateus, porém algumas citações de Mateus não encontram equivalente em Lucas. Existe, portanto, a possibilidade de que a comunidade tivesse acesso ao Evangelho de Lucas, mas muito provavelmente a base doutrinária para a Didaquê se encontra, com exclusividade entre os quatro Evangelhos canônicos, no Evangelho de Mateus.²⁶⁰ Também o Evangelho de Marcos só aparece como opção secundária para citações do Evangelho de Mateus.²⁶¹

Ainda se encontra fundamentado no Sermão do Monte – Mt 7,6: “Não deis aos cães o que é santo” – uma parte do tratado sobre a celebração eucarística, onde se nega a participação da mesma às pessoas que ainda não foram batizadas.²⁶²

Quanto ao conceito de “cão” no Evangelho de Mateus, é necessário aprofundá-lo para entender o que significa. Manfred Lurker explica que o cão era considerado, em várias religiões, inclusive na egípcia e babilônica, um servente de várias divindades.²⁶³ Com a renúncia categórica de judaísmo e cristianismo à adoração de outros deuses a não ser o Deus da Bíblia, um animal que serve a um destes deuses necessariamente é considerado abominável; é necessário perceber que judaísmo, cristianismo e vários cultos politeístas concorriam no mesmo espaço geográfico e assim as pessoas que frequentavam a sinagoga ou a Igreja necessariamente ouviam falar de cultos e práticas que as comunidades pagãs perfaziam.

Otto Michel entende que o “cão” em Mt 7,6 não é simplesmente qualquer pessoa não-batizada, mas especificamente alguém comprometido com a mentira e a

²⁵⁹ ZEITLER, 1918, p. 11.

²⁶⁰ Cf. ZEITLER, 1918, p. 6; 11; 14; 16. A citação 6 da p. 6 (Lc 6,30) pode ser deferida também de Mt 5,42.

²⁶¹ Cf. ZEITLER, 1918, p. 6; 13; 16.

²⁶² ZEITLER, 1918, p. 12.

²⁶³ LURKER, Manfred. Dogs. In: ELIADE, Mircea (Org.). **The Encyclopedia of Religion**. New York: MacMillan, 1983. v.4, p. 396.

morte²⁶⁴ – esta interpretação coaduna com o que pensariam judeus e cristãos contemporâneos do autor da Didaquê sobre “cães”, conforme a definição de Lurker.

Seja considerado aqui o capítulo 5 da Didaquê. Como foi analisado no primeiro capítulo da dissertação, o caminho da morte é descrito lá, e pessoas comprometidas com a destruição da obra de Deus e a iniquidade em geral são consideradas ineptas até para passar tempo juntos com membros da comunidade cristã, quem diria frequentar a Igreja, a definição de “cão” no contexto da Didaquê não é cônica com “pessoa não-batizada”.

O batismo é o ato público no qual a pessoa desejosa de entrar na Igreja renuncia a tudo aquilo que Deus abomina. Se é impossível que esta definição de “cão” possa ser aplicada a todos os judeus e pagãos, desconsiderando as decisões que tomaram em suas vidas, quem não é “cão” se compromete com o caminho da vida, aceitando o batismo e vivendo-o até a morte. Quem não é cão, dá assim testemunho de uma conversão real ao cristianismo não apenas pelo batismo, mas também pelas obras que provêm da fé.

Por outro lado, desde o capítulo 10 até o capítulo 14 da Didaquê se discorre, entre outros assuntos, sobre enganadores que se deixaram batizar apenas em vistas de aplicar golpes na comunidade cristã, por exemplo, poder viver sem trabalhar às custas dos outros²⁶⁵ e fingir possessão pelo Espírito Santo ao pedir dinheiro para si mesmos.²⁶⁶ Ou seja, os “cães” estão dentro e fora da comunidade cristã e a essas pessoas que se deixaram batizar, mas deram um testemunho de vida condizente com a sua falta de fé na doutrina de Cristo, também não cabe a admissão ao sacramento da Eucaristia.

Retornando ao Evangelho de Mateus, percebe-se mais um trecho que foi explorado na Didaquê. O capítulo 24 deste Evangelho, que trata do fim dos tempos, aparece, ainda conforme o comentarista Zeitler, seis vezes apenas no capítulo 16.²⁶⁷ Além disto, existem mais duas citações: uma aparição no capítulo 10,²⁶⁸ onde se trata da ação de graças após a Eucaristia; naquela oração, pede-se que a “igreja

²⁶⁴ MICHEL, Otto. Κύων. In: KITTEL, Gerhard (Orgs.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. v. 3, p. 1103.

²⁶⁵ ZEITLER, 1918, p. 14.

²⁶⁶ ZEITLER, 1918, p. 13-14.

²⁶⁷ ZEITLER, 1918, p. 16.

²⁶⁸ ZEITLER, 1918, p. 12.

santificada” seja reunida dos “quatro ventos no teu reino que lhe preparaste”.²⁶⁹ A outra aparição está no capítulo 6, onde se exorta ao leitor que não dê ouvidos a alguém que professe outras doutrinas e queira retirá-lo do caminho da vida.²⁷⁰ A apostasia do cristianismo é, como se percebe aqui, um caminho certo para a condenação eterna – o retorno para o caminho da morte.

A Eucaristia está, portanto, entre Mt 5-7 – o Sermão do Monte – e Mt 24 – o discurso sobre o fim dos tempos. Ela é o cumprimento da nova ordem instituída por Cristo, mas ela aponta para o seu retorno, para o Reino dos Céus que está por vir. E, fiel ao testemunho de Mateus, o capítulo 16 da Didaquê prevê que haverá uma sequência de sinais antes do retorno do Messias. Primeiro, uma grande decadência moral na humanidade, coroada pelo advento do anticristo; segundo, uma abertura no céu; terceiro, o sinal de toque de trombetas; e quarto, a ressurreição dos mortos.²⁷¹

Aqui se mostra que, contrário ao que poderia se pensar, a comunidade da Didaquê não esperava o retorno de Cristo a qualquer momento. Esperava-se uma sequência de sinais, perceptíveis a toda a humanidade, que culminaria no retorno de Cristo. Não era uma comunidade indiferente à volta de Cristo; tampouco se fixava em uma data específica, conforme a fala do Senhor em Mt 24,36, onde Jesus afirma que nem ele mesmo sabe o dia de sua volta.

A comunidade didaquista também dificilmente acreditaria em qualquer pessoa que aparecesse dizendo que Jesus voltaria em instantes, porque sabia que antes da volta dele haveria de serem manifestos os sinais acima descritos, na ordem descrita acima, e exigiria prova destes sinais para confirmar o anúncio. Acreditava-se, sim, que a volta não demoraria, mas se tinha confiança nas palavras de Jesus de que estes sinais antecederiam a sua vinda.

Sobre o método de aproximação dos textos bíblicos, a teóloga Inês Pozzagnolo analisou o texto do Sermão do Monte – que ela opta por denominar de Sermão da Montanha –, e sobre o seu significado, afirma:

No centro do ensinamento do Sermão da Montanha, está o propósito de um comportamento que corresponda à natureza de Deus. Jesus também não promete triunfos pessoais. Jesus ressignifica (sic!) o conceito de felicidade e Reino, ancorando-os no amor a Deus e ao próximo. Também, mapeia o

²⁶⁹ ZILLES, 1971, p. 33.

²⁷⁰ ZEITLER, 1918, p. 10.

²⁷¹ ZEITLER, 1918, p. 16.

progresso do Evangelho na medida em que nos entregamos a uma vida cristã atuante e resplandecente, cujo propósito não é alguma glória pessoal, e sim, a dinâmica do reino de Deus.²⁷²

Como fora analisado na seção referente à catequese, a Didaquê entende cristianismo como um estilo de vida que abrange todas as áreas da mesma, não apenas a vivência comunitária, e entende que todos os aspectos da vida comunitária afetam a cada membro da mesma. Aqui se evidencia que esta situação se origina no próprio conteúdo do Sermão do Monte.

Possivelmente, o Sermão do Monte ocupava naquela comunidade o mesmo lugar teológico dos Dez Mandamentos na sinagoga.²⁷³ Percebe-se, por conseguinte, que desde o início do cristianismo se fazia diferenciação entre textos da Escritura Sagrada – o Sermão do Monte, como acima descrito, ocupa um lugar fundamental como reposição da Torá, que não se refere mais aos cristãos; um texto aleatório da Torá, por exemplo, que, isolado do contexto, não coadunasse com a doutrina proposta por Jesus no Sermão do Monte, dificilmente seria aceito como fundamentação para uma doutrina.

Erra, portanto, quem afirma que a comunidade leitora da Didaquê interpretava todos os textos bíblicos da mesma forma, como se qualquer texto fosse aplicável para qualquer propósito. Se o Sermão do Monte substitui a Torá como lei, mas a inclusão do Sermão do Monte não abole a leitura de textos do Pentateuco, significa que ambos os compêndios não perdem a validade; apenas são interpretados cada um de forma diferente.

Existe um grave perigo de trair a mensagem do texto quando se aplica o mesmo sem respeitar o contexto no qual está inserido e sem ponderar qual o objetivo que persegue. Martinho Lutero explica este fato quando comenta a história de Gn 22, onde Abraão quase imola seu filho Isaque. Este trecho de seu comentário ao Gênesis mostra quão nociva uma atitude desta para com o texto bíblico pode se tornar.

Abraão tinha um mandamento extraordinário de Deus, mas outros não tinham o mesmo preceito, porque Deus não diz, em geral, que todo aquele que imola seu filho a Deus agrada a Deus. Não podemos fazer todos um único e mesmo trabalho, exatamente como é necessário que haja, no corpo, diferentes funções de seus diversos membros. Os pés não fabricam, as mãos não

²⁷² POZZAGNOLO, Inês. **Bem-Aventuranças**: Didaqué Querigma e Ensino Transformador. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo. 2012. p. 24.

²⁷³ POZZAGNOLO, 2012, p. 17.

caminham. [...] Tampouco, as obras agradam quando não há mandamento de Deus. [...] Mas isto é algo auto escolhido de acordo com a própria imaginação. Portanto, é uma devoção que pertence ao diabo, não a Deus. Por isso, esse exemplo extraordinário de Abraão não deveria se tornar uma atitude a ser seguida.²⁷⁴

Evidencia-se que este exercício proposto por Lutero, de buscar interpretar se há um mandamento de Deus para o leitor ou não no texto bíblico, já data de mais de um milênio antes da Reforma, uma vez que se mostrou que quem redigiu a Didaquê se valia do mesmo; caso um texto bíblico citado na Didaquê ou em outro documento a ser analisado reaparecer, é necessário perceber se os redatores se valem do texto da mesma forma ou tiram conclusões diferentes.

Quanto às epístolas canônicas, existem poucas citações. Zeitler encontra apenas quatro citações que pertencem sem dúvida a uma epístola. Uma citação é de 1 Pe 2,11, no capítulo 1 da Didaquê,²⁷⁵ onde se admoesta a comunidade à abstinência dos desejos da carne. Duas citações são de Paulo: a primeira, no capítulo 5, foi retirada de Rm 12,9 – onde se exemplifica uma das características de alguém que segue o caminho da morte, a saber, é alguém que não busca as coisas boas.²⁷⁶ A segunda é de 1 Co 16,22, e se encontra no capítulo 10.²⁷⁷ É a palavra aramaica Maranatha.

Ainda existe uma citação de uma epístola que não entrou no cânone do Novo Testamento: 1 Clemente 2,1, no capítulo 4. Trata-se de uma admoestação a não querer somente receber, mas também dar aos outros de seus bens.²⁷⁸ Percebe-se que as epístolas de Pedro e Paulo, e de outros cristãos proeminentes da época da comunidade eram lidas e conhecidas, entretanto, seu conteúdo não era tomado em tão alta consideração como as falas de Jesus no Evangelho de Mateus. O fato de que apenas o Sermão do Monte recebe muito mais atenção que todo o Corpus Paulinum indica claramente qual era a ordem de importância na qual se elencava os escritos que viriam a constituir o Novo Testamento. As epístolas eram utilizadas como fontes para informações adicionais, sem as quais a mensagem ainda poderia ser compreendida, porém que enriquecem o texto quando aprofundam certos tópicos.

²⁷⁴ LUTERO, Martinho. Preleção ao Gênesis. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014. v. 12, p. 487-488.

²⁷⁵ ZEITLER, 1918, p. 6.

²⁷⁶ ZEITLER, 1918, p. 10.

²⁷⁷ ZEITLER, 1918, p. 12.

²⁷⁸ ZEITLER, 1918, p. 9.

Não existe nenhuma citação que Zeitler pudesse relacionar com exclusividade aos escritos joaninos. Existe a possibilidade de que estes escritos ainda não estivessem concluídos ou fossem ainda muito recentes para estarem disponíveis no contexto geográfico da obra aquando da redação da Didaquê. O fato de que o livro de Atos dos Apóstolos não aparece na obra, e que Lucas muito provavelmente não fora citado, pode inferir o mesmo sobre os escritos lucanos.

Qual é, porém, a relação da Didaquê com o Antigo Testamento? Elucidou-se que o Pentateuco não é considerado pela comunidade didaquista como lei – esta função foi absorvida pelo Sermão do Monte. Nem por isto, os cinco primeiros livros da Bíblia deixam de aparecer na ordem eclesiástica. Êxodo, Números e Deuteronômio são trabalhados em alguns capítulos. Reaparece uma parte do Decálogo “não cobiçar o bem do próximo” no capítulo 2, uma citação de Êx 20,17.²⁷⁹ Zeitler infere que a citação pode provir também de Romanos. Percebe-se que, uma vez que Jesus não aboliu, mas manteve e reforçou o mandamento de não cobiçar o que é do próximo, o escritor da Didaquê não evita usar este livro.

Deuteronômio aparece duas vezes no capítulo 4; as duas citações se referem à ideia de manter fidedignamente o recebido, julgando corretamente algum problema na comunidade sem fazer distinção da pessoa e não adicionando ou removendo partes da doutrina.²⁸⁰ Interessante é que as admoestações em Deuteronômio não se referem, ao menos no contexto onde estão na Bíblia, ao Sermão do Monte, e sim às leis que Moisés recebera de Deus no Sinai.

Contudo, quando se aplica o pressuposto de que o Sermão do Monte é a nova lei dada por Deus, que interpreta e contextualiza o Pentateuco – e que Jesus é Deus, a saber, o mesmo Deus que ministrou o Decálogo a Moisés – nada obsta que o mesmo pressuposto, ou seja, que as leis não fazem distinções entre pessoas e não podem ser alteradas, valha para o Sermão do Monte. Assim se percebe, implicitamente, que Jesus era considerado verdadeiro Deus pelos cristãos desde os primórdios da Igreja.

²⁷⁹ ZEITLER, 1918, p. 7.

²⁸⁰ ZEITLER, 1918, p. 9.

Há mais duas citações do Pentateuco, uma que Zeitler atribui tanto a Êxodo e Números,²⁸¹ e outra apenas a Números,²⁸² ambas no capítulo 13, onde se discorre sobre as obrigações para com os profetas. Assim como qualquer outro operário, o autêntico profeta é digno de seu salário, e deve ser recompensado com alimento – pão, vinho, óleo, carne, trigo etc. – pelo seu serviço, além de roupa e dinheiro, conforme a necessidade. Aqui aparece a mesma curiosidade apresentada no parágrafo anterior: o destinatário original destas admoestações não era a comunidade cristã, e sim os hebreus, e o benefício, originalmente, não era para os obreiros e obreiras da comunidade cristã, e sim, para os levitas!

Acontece que aquela comunidade, como já foi mencionado, cria que a religião instituída por Deus no monte Sinai havia sido substituída pela religião instituída por Deus mediante Jesus Cristo. Isto pode ser percebido por dois diferentes fatores. A primeira é a total ausência de referências aos livros históricos dos judeus. A segunda é a interpretação que a comunidade fazia dos livros proféticos do Antigo Testamento.

No capítulo 14, entende-se, por exemplo, que Malaquias profetiza o advento de um “novo sacrifício”, que é a Eucaristia;²⁸³ esta interpretação mostra muito claramente onde o autor queria chegar. A história do povo hebreu não interessa para a formação de um compêndio doutrinário cristão; afinal, um novo sacrifício, não o do Templo em Jerusalém, é ordenado para a comunidade cristã. Um novo dia para a adoração, não mais o sábado, e sim o domingo, um novo ritual, não mais o sacrifício de animais – Levítico não aparece na Didaquê – e sim o sacrifício do Corpo e Sangue de Jesus Cristo, feito não por um sacerdote, mas pelo próprio Cristo em favor da humanidade pecadora na cruz, é administrado aos fiéis pelo ritual eucarístico.

Conclui-se, portanto, que a aproximação do texto bíblico de modo algum é aleatória: a norma são os ditos de Cristo nos Evangelhos – todo o resto apenas pode ser usado de forma que coadune com o que Cristo diz. Qualquer interpretação de qualquer passagem escriturística que rompa com a harmonia postulada pelo Verbo Divino precisa ser desconsiderada ou corrigida à luz dos Evangelhos.

²⁸¹ ZEITLER, 1918, p. 14.

²⁸² ZEITLER, 1918, p. 15.

²⁸³ ZEITLER, 1918, p. 15.

3.2.1.2 *Epístola a Diogneto*

Como foi analisado na capítulo anterior, não é possível até este momento definir autor, destinatário, local e época do documento por nenhuma referência exterior; meramente se chegou à conclusão de que o escrito, pelo seu conteúdo, é pertencente à era pré-nicena, e provavelmente não foi escrito após o século II, e quase certamente não após 253. Único elo sobrevivente de um intercâmbio de cartas entre os dois desconhecidos que estavam envolvidos nele, praticamente nada se pode dizer sobre o escrito que não esteja contido nele próprio.

O bispo católico-romano Fernando Figueiredo não discerne, como se evidenciou na análise da Didaquê, um único Evangelho que servisse de fonte para a doutrina desta epístola. Sua obra “A carta a Diogneto” apresenta possíveis referências bíblicas para o conteúdo do livro; lá, ele arrola oito possíveis citações de Mateus e Lucas, respectivamente, apenas duas de Marcos e 11 do Evangelho segundo São João.²⁸⁴

Ao lidar com os três Evangelhos sinóticos, é necessário levar em consideração a realidade de que há muitos versículos que aparecem em mais de um Evangelho, o que dificulta muito ao comentarista o trabalho de discernir onde se encontra uma citação de qual Evangelho. Por isto, normalmente só é possível identificar com mais facilidade de qual Evangelho se trata quando versículos de uma seção específica do Evangelho – por exemplo, o Sermão do Monte, em Mateus – são citados repetidamente por toda a obra.

A primeira das duas citações de Marcos listadas por Figueiredo, que se encontra na parábola do jovem rico, (Mc 10,18), está também em Mt 19,17, e ambas as aparições são arroladas por Figueiredo. Igualmente, a segunda citação de Marcos – Mc 10,45: “porque o Filho do homem também não veio para ser servido, mas para servir e dar a sua vida em resgate de muitos.” – é achada em Mt 20,28 – e Figueiredo, também neste caso, apresenta as duas referências. Ou seja: o autor da epístola conhece os sinóticos, mas é impossível retrazar, com toda a certeza, quais deles foram empregados.

²⁸⁴ FIGUEIREDO, Fernando. **A carta a Diogneto**: tradução do original grego pelas monjas beneditinas da abadia de Santa Maria, São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1976. p. 32.

O Evangelho de João também não é utilizado com a mesma consistência na epístola a Diogneto com a qual o autor da Didaquê se valeu de trechos específicos de Mateus. Entretanto, uma das seções deste Evangelho é citada quatro vezes no livro, a saber, Jo 3,1-22, a perícopa na qual Nicodemos visita Jesus. É condizente com a natureza do documento este enfoque na história de Nicodemos; porque Nicodemos veio a Jesus para conhecer mais sobre os ensinamentos dele. Semelhante a Nicodemos, Diogneto está em contato com o escritor desconhecido desta carta para saber mais sobre a religião cristã.

Os dois temas desta passagem do Evangelho de João que aparecem na carta são o renascimento da água e espírito (Jo 3,3;5) e a ideia de que Jesus veio ao mundo para salvá-lo, não para condená-lo (Jo 3,16;17).²⁸⁵ O autor está, portanto, interessado em preparar Diogneto para a sua possível admissão em alguma comunidade cristã – não necessariamente a mesma da qual participa, mostrando o significado do batismo como renascimento para a vida eterna e fazendo-o entender a origem da religião cristã. É importante notar que Jo 3 aparece quatro vezes na obra, porém não de forma coesa, sendo que cada aparição está em um capítulo diferente.

Outros textos das Escrituras Sagradas foram empregados de forma muito mais abundante que os Evangelhos. De longe, o livro mais citado é a Epístola de Paulo aos Romanos. Dentro dos dez capítulos a serem analisados nesta abordagem, Figueiredo encontra nada menos que 18 citações da Epístola aos Romanos.²⁸⁶

O clérigo católico apresenta uma concentração do emprego desta epístola nos dois primeiros versículos do capítulo 9 do escrito a Diogneto; quatro vezes, aparece lá Rm 3. Segue a tradução de Balancin e Storniolo para os dois versículos onde se concentram as ditas referências a Romanos:

Quando Deus dispôs tudo em si mesmo juntamente com seu Filho, no tempo passado, ele permitiu que nós, conforme a nossa vontade, nos deixássemos arrastar por nossos impulsos desordenados, levados por prazeres e concupiscências. Ele não se comprazia com os nossos pecados, mas apenas os suportava. Também não aprovava aquele tempo de injustiça, mas preparava o tempo atual de justiça, para que nos convencêssemos de que, naquele tempo, por causa de nossas obras, éramos indignos da vida, e agora, só pela bondade de Deus, somos dignos dela. Também para que ficasse claro que por nossas forças era impossível entrarmos no reino de Deus, e que somente pelo seu poder nos tornamos capazes disso. ² Quando a nossa injustiça chegou ao máximo, e ficou totalmente claro que a única retribuição

²⁸⁵ FIGUEIREDO, 1976, p. 32.

²⁸⁶ FIGUEIREDO, 1976, p. 32.

que podíamos esperar era castigo e morte, chegou o tempo que Deus estabelecera para manifestar a sua bondade e o seu poder. Oh imensa bondade e amor de Deus! Ele não nos odiou, não nos rejeitou, nem guardou ressentimento contra nós. Pelo contrário, mostrou-se paciente e nos suportou. Com misericórdia tomou sobre si os nossos pecados e enviou o seu Filho para nos resgatar: o santo pelos ímpios, o inocente pelos maus, o justo pelos injustos, o imortal pelos mortais.²⁸⁷

O capítulo 3 da epístola aos Romanos contraria toda tentativa do ser humano de se tornar justo perante Deus sem o sacrifício de Cristo na cruz. Lutero propõe a seguinte analogia para melhor compreensão do excerto da epístola paulina: Quem quer receber o título de justo pelas suas próprias obras, e não pelo sangue de Cristo, é semelhante a uma pessoa que finge ser um sacerdote, mas não tem ordenação, e engana a si mesmo e a outros com vestimenta, e rituais de sacerdote.²⁸⁸

Assim, é perfeitamente possível que Diogneto, na sua então condição de pagão, tenha feito obras de justiça, superiores até àquelas de alguns cristãos; mas isto não o faz justo. Apenas aceitando o resgate oferecido por Cristo, “nascendo de novo da água e do Espírito”, como foi descrito acima, é possível acessar este resgate. Não se pode retrair, por falta de evidências, se Diogneto aceitou a Cristo como seu senhor e salvador ou permaneceu pagão.

Brandon Crowe afirma que não é possível determinar se esta interpretação dos textos de Paulo era padrão durante os primeiros dois séculos da Igreja.²⁸⁹ Entretanto, a epístola prova que, antes de ocorrer o Concílio de Niceia, já havia comunidades cristãs que entendiam o Filho como semelhante ao Pai;²⁹⁰ se ambos dispuseram juntos o plano de redenção, o Filho certamente não é uma criação do Pai, porém, igual a ele em glória e autoridade – Crowe entende a expressão “no tempo passado” como “antes do tempo”;²⁹¹ isto exclui a possibilidade da geração de Cristo ter ocorrido durante, por exemplo, o relato da criação em Gênesis, mostrando que a doutrina do Concílio de Niceia certamente subsistia bem antes da execução do mesmo.

Se os escritos de Paulo foram amplamente aproveitados para a redação da epístola – a ponto de que o bispo anglicano Arthur Cleveland Coxe considera a

²⁸⁷ FRANGIOTTI, 1995, p. 27.

²⁸⁸ LUTERO, Martinho. A epístola do bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: **Obras Seleccionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 270-271.

²⁸⁹ CROWE, 2011, p. 109.

²⁹⁰ CROWE, 2011, p. 99.

²⁹¹ CROWE, 2011, p. 99.

possibilidade de que o escritor fora um discípulo de Paulo²⁹² – não se pode dizer o mesmo do Pentateuco. Apenas se encontram três referências aos cinco primeiros livros da Bíblia, das quais apenas uma é indubitavelmente pertencente a eles; a saber, uma citação de Gn 1,26-30, no capítulo 10, onde se fala sobre a criação da humanidade;²⁹³ as duas outras referências, a Êx 20,11²⁹⁴ e a Dt 4,28,²⁹⁵ podem ser fruto da leitura de outros textos, conforme Figueiredo.

Isto mostra que o Pentateuco não era empregado, normalmente, como fundamento para convencer pagãos a participar da religião cristã. Olhando para a Didaquê, ordens de Deus para a comunidade hebreia legadas no Pentateuco são reinterpretadas para dentro do contexto cristão. Aqui, na Epístola a Diogneto, não se fala com pessoas que participam da vida comunitária, muito antes, a tarefa do escrito é convencer um homem que ainda não é cristão a se tornar membro da Igreja.

Por isto, não interessa pormenorizar os estatutos e regras que vigoram dentro da comunidade do redator da epístola, e sim apresentar sucintamente a um interessado qual é a religião cristã. Portanto, o fato de que aqui não se usa o Pentateuco, com uma exceção confirmada e duas possíveis, não significa que na comunidade do redator da epístola este compêndio era desconhecido ou não usado.

Outras partes do Antigo Testamento foram consideradas de forma muito mais detalhada na elaboração da Epístola a Diogneto. O capítulo 2, cujo objetivo é condenar a religião grega, cita dois livros deuterocanônicos: A Sabedoria de Salomão e a epístola de Jeremias, que se encontra dentro do livro de Baruque em algumas traduções.²⁹⁶

Cinco são as citações do livro da Sabedoria de Salomão neste capítulo, e nada menos que oito as da Epístola de Jeremias. No segundo parágrafo do capítulo 2, aparece, segundo Figueiredo, claramente o capítulo 13 do livro de Sabedoria de Salomão, três vezes,²⁹⁷ e cinco citações da Epístola de Jeremias.²⁹⁸ Sb 15 aparece uma vez no mesmo versículo, e reaparece no quinto versículo do capítulo 2.²⁹⁹ A

²⁹² CLEVELAND COXE, Arthur. Epistle of Mathetes to Diognetus. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Orgs.). **Ante-Nicene Fathers** v.1. Peabody: Hendrickson, 1994. p. 23.

²⁹³ FIGUEIREDO, 1976, p. 27.

²⁹⁴ FIGUEIREDO, 1976, p. 21; 31.

²⁹⁵ FIGUEIREDO, 1976, p. 20.

²⁹⁶ FIGUEIREDO, 1976, p. 31-32.

²⁹⁷ FIGUEIREDO, 1976, p. 20; 31.

²⁹⁸ FIGUEIREDO, 1976, p. 32.

²⁹⁹ FIGUEIREDO, 1976, p. 31.

epístola de Jeremias ainda tem mais duas aparições no terceiro versículo e uma no sétimo.³⁰⁰ Roque Frangiotti traduz os versículos em questão da seguinte forma:

²Não é verdade que um é pedra, como a que pisamos; outro é bronze, não melhor do que aquele que serve para fazer os utensílios que usamos; outro é madeira que já está podre; outro ainda é prata, que necessita de alguém que o guarde, para que não seja roubado; outro é ferro, consumido pela ferrugem; outro de barro, não menos escolhido que aquele usado para os serviços mais vis? ³Tudo isto não é de material corruptível? Não são lavrados com o ferro e o fogo? Não foi o ferreiro que modelou um, o ourives outro, e o oleiro outro? Não é verdade que, antes de serem modelados pelos artesãos na forma que agora têm, cada um deles poderia ser, como agora, transformado em outro? E se os mesmos artesãos trabalhassem os utensílios do mesmo material que vemos, não poderiam transformar-se em deuses como esses? [...] ⁵A essas coisas chamais de deuses, as servis, as adonais, e terminais sendo semelhantes a elas. [...] ⁷Contudo, vós que os julgais e imaginais deuses, não os desprezais mais do que eles? Por acaso, não zombais deles e os cobris mais ainda de injúrias, vos que venerais deuses de pedra e de barro, sem ninguém que os guarde, enquanto fechais à chave, durante à noite, aqueles feitos de prata e de ouro, e de dia colocais guardas para que não sejam roubados?³⁰¹

Perceba-se a metodologia que o autor da epístola a Diogneto emprega na sua condenação à adoração de estátuas. Em primeiro lugar, se faz um catálogo de quais tipos de ídolos eram adorados, mostrando a origem de cada um. Após, o escritor mostra quão incapazes estas estátuas são de vir a ser por vontade própria, porque, afinal, é necessário que um artífice trabalhe a matéria-prima até que se transforme em ídolo. Após, nos últimos dois versículos, o escritor propõe a Diogneto que o culto a estas estátuas seria algo tão irracional que nem seria admissível caso fosse verdade a premissa de que os ídolos fossem deuses.

O autor não despreza a base bíblica para fundamentar seus postulados, valendo-se também da lógica, que é mais acessível a Diogneto enquanto homem pagão, desconhecedor da tradição escrita de judeus e cristãos. O escritor aproveita as assertivas de Sabedoria de Salomão e da Epístola de Jeremias para dialogar com Diogneto. Assim, o autor usa o Antigo Testamento de modo que seja compreendido no contexto onde está sendo ensinado, sem que se perca o foco principal, que é a aceitação de Jesus como Senhor e Salvador mediante o batismo.

Conclui-se, sobre o escrito a Diogneto, que persegue dois fins com a sua aproximação das Escrituras Sagradas: em primeiro lugar, afastar Diogneto da idolatria; em segundo, aproximá-lo de Cristo. A razão, orientada pelo conteúdo dos

³⁰⁰ FIGUEIREDO, 1976, p. 32.

³⁰¹ FRANGIOTTI, 1995, p. 20.

escritos sapienciais do Antigo Testamento, deve levar Diogneto a abandonar o culto às estátuas; e uma vez convencido de que este culto não é admissível, Diogneto lê que pode obter total perdão dos pecados em Cristo, e a salvação eterna, mediante a aceitação dele como seu Senhor e Salvador. O uso dos escritos de Paulo, que foi apóstolo dos gentios, é apropriado à causa pretendida; Paulo teve um ministério muito grande entre os gregos, e convertia muitas pessoas a Jesus. Caso não por ser discípulo de Paulo, apenas esta razão convenceu o escritor da carta a empregar tantas citações do apóstolo.

A Sabedoria do Antigo Testamento deve afastar o interlocutor da religiosidade pagã; os escritos de São Paulo devem atraí-lo a Cristo; e só quando estiver decidido a se tornar cristão – pelo renascimento da água e do Espírito – poderá se submeter à nova obediência ao Evangelho.

3.2.2 Ireneu de Lião

3.2.2.1 *Demonstração da Pregação Apostólica*

A Demonstração da Pregação Apostólica é uma obra que permite ao seu leitor conhecer como se fazia uso do texto bíblico no último quarto do século II. Uma vez que, como foi analisado no capítulo anterior, é direcionada a Marciano, um homem cristão que está em constante contato com as diferentes heresias de sua época, a Demonstração serve de fundamentação bíblica para a doutrina considerada ortodoxa pelo bispo Ireneu e por Marciano; a partir das Escrituras Sagradas, Ireneu fundamenta o que considera “doutrina sã” e retransmite isto a Marciano.

Quanto ao emprego dos Evangelhos na obra, percebe-se que já estava decidido, muito antes de Atanásio, quais seriam os canônicos. O comentarista Ari Luís do Vale Ribeiro encontra mais de 50 citações dos quatro Evangelhos canônicos,³⁰² comparado com uma única que poderia ter sido extraída do Evangelho de Tomé ou do Evangelho de Filipe.³⁰³ O fato de que os comentários analisados referentes aos dois escritos anônimos apresentados anteriormente neste capítulo não encontraram referência alguma aos evangelhos apócrifos mostra que não eram empregados no

³⁰² VALE RIBEIRO, 2014, p. 144-145.

³⁰³ VALE RIBEIRO, 2014, p. 103.

contexto onde os escritos surgiram, caso sequer tenham sido conhecidos naquela região.

Quais, porém, eram as perícopes evangélicas mais importantes para o escrito? O capítulo 87 se baseia quase que inteiramente em uma única passagem do Evangelho – a explanação de Jesus ao doutor da Lei sobre qual seria o maior mandamento da Lei. Enquanto Vale Ribeiro entende que a citação é oriunda de Mc 12, 28-31,³⁰⁴ Simon Weber adiciona a possibilidade de que tenha sido extraída de Mt 22, 37-40.³⁰⁵ Como Ireneu não revela qual dos Evangelhos serviu de base para este capítulo, não convém especular; o capítulo contém ao todo quatro citações da passagem, e por isto, será reproduzido aqui para análise.

Não é com argumentação prolixa da lei que o gênero humano é salvo, mas com a concisão da fé e da caridade. Disse Isaías: ‘uma palavra concisa e breve ne justiça, porque Deus enviará uma palavra concisa, com eficácia, sobre toda a terra’. Iguamente Paulo disse: ‘a caridade é a plenitude da lei’. De fato, aquele que ama a Deus cumpre a Lei. Quando ao Senhor foi perguntado: ‘Qual é o primeiro de todos os mandamentos?’, respondeu: ‘Amarás o Senhor, teu Deus, de todo o teu coração [...] com toda a tua força’; e o segundo é semelhante a esse: ‘Amarás teu próximo como a ti mesmo’. Desses dois mandamentos, disse, ‘dependem toda a Lei e os profetas’. Assim, com a fé nele cresceu o nosso amor por Deus e pelo próximo para fazer-nos mais piedosos, mais justos e bondosos. Por isso, ele mandou uma ‘palavra breve sobre a terra’.³⁰⁶

Emblemático para toda a obra é o frequente emprego de Paulo e Isaías; isto será estudado mais adiante. Para o momento, fique registrada a afirmação de Ireneu de que Jesus é cumprimento de profecias do Antigo Testamento. Os dois testamentos foram lidos por Ireneu como duas partes de um todo, não como se o Antigo Testamento não dissesse mais respeito à atualidade.³⁰⁷

A Bíblia, mormente o Evangelho, era lida com vistas à soteriologia, ou seja, com interesse em meios de salvação. Ireneu apresenta a salvação como o conjunto de fé (teoria) e caridade (prática). A fé em Cristo, cujo mandamento fora ministrado a Ireneu mediante um Evangelho sinótico, transforma o ser humano, para que ele seja mais amante de Deus e do seu semelhante. O fato de que se cita aqui Mateus ou Marcos mostra o quão importante o Evangelho tem sido na formação do ordenamento eclesiástico. Semelhante ao que ocorreu na Didaquê, trechos do Evangelho são

³⁰⁴ VALE RIBEIRO, 2014, p. 130.

³⁰⁵ WEBER, 1912, p. 22.

³⁰⁶ VALE RIBEIRO, 2014, p. 130.

³⁰⁷ Ireneu dedicou o livro de Contra as Heresias IV exclusivamente à fundamentação dessa tese.

apresentados como ordem a ser seguida para os cristãos e as cristãs, enquanto o testemunho de Paulo é apresentado como uma informação adicional ao Evangelho.

Paulo é muito mais empregado aqui, na Demonstração da Pregação Apostólica, que na Didaquê. Mais de 50 citações foram encontradas pelo comentarista Vale Ribeiro.³⁰⁸ Ao contrário do Evangelho, onde, além de citações avulsas espalhadas por toda a obra, existe um capítulo escrito a fim de interpretar uma perícopes específica, a Demonstração não age deste modo com os escritos paulinos. Paulo serve, como descrito acima, como informação adicional, como explicação ao que se quer transmitir. Informação que complementa tanto conteúdos do Evangelho – como foi referido agora – quanto do Antigo Testamento.

O Antigo Testamento é muito mais citado que o Novo na Demonstração; Ireneu reconta a primeira parte do Gênesis a Marciano, começando no capítulo 10 de sua obra com a história da criação do universo, continuando com a criação de Adão e Eva e sua vida no Paraíso,³⁰⁹ passando para a primeira Lei e a primeira desobediência,³¹⁰ e as suas consequências, a saber, a expulsão do Paraíso, o assassinato de Abel, o advento à existência da raça dos gigantes, e, por fim, o dilúvio do qual apenas Noé e os seus saíram vivos.³¹¹ Ao todo, estes dez capítulos até o 19 se referem à história de Adão à Noé; mais quatro capítulos, até o 23, recontam a trajetória de Noé até a torre de Babel;³¹² assim, 14 capítulos da obra são simples releitura e recontagem do que Zimmerli chama de protohistória,³¹³ ou seja, os primeiros 11 capítulos do Gênesis. A obra, porém, investe mais ainda em explanação referente ao Gênesis; os capítulos 24 e 25 ainda se referem à história dos Patriarcas Abraão, Isaque e Jacó.³¹⁴

Excluindo demais referências avulsas, a Demonstração da Pregação Apostólica devota nada menos que 16 dos seus cem capítulos a recontar trechos de um livro que, muito provavelmente, era acessível a Marciano. Se a comunidade da

³⁰⁸ VALE RIBEIRO, 2014, p. 145-46.

³⁰⁹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 78-80.

³¹⁰ VALE RIBEIRO, 2014, p. 81-82.

³¹¹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 82-83.

³¹² VALE RIBEIRO, 2014, p. 84-87.

³¹³ ZIMMERLI, Walter. **1. Mose 1-11**: die Urgeschichte. 2. ed. Zürich: Zwingli, 1957. p. 5. Tradução nossa. Original: "*Urgeschichte*".

³¹⁴ VALE RIBEIRO, 2014, p. 87-89.

qual Marciano fazia parte estivesse tão mal servida que lhe faltassem os rolos dos cinco livros de Moisés, poderia ir a uma sinagoga ouvir este livro.

Por que Santo Ireneu não simplesmente instruiu Marciano a buscar um lugar de culto no qual possa ouvir o livro? Não seria menos dispendioso que gastar o material necessário para redigir tantas folhas? Qual o propósito do bispo?

A princípio, a Demonstração tem – como já foi apresentado no primeiro capítulo desta dissertação – o propósito de reforçar a fé de Marciano, e de fazê-lo capaz de refutar argumentos de professores de heresia aos quais o destinatário da obra está exposto.³¹⁵ Vale Ribeiro intitula os capítulos 4-41 da obra de “Catequese dos Apóstolos”,³¹⁶ ou seja, o Gênesis, que é apresentado nos capítulos 10 a 25, domina a primeira metade desta catequese.

Este princípio deve orientar a compreensão sobre a necessidade de Ireneu de reproduzir uma obra que, muito provavelmente, já era conhecida na comunidade cristã do destinatário. Para entender a diferença teológica que havia entre a comunidade cristã e os gnósticos acerca da origem do mundo, os escritos do próprio Ireneu são de grande auxílio. No livro “Contra as Heresias I”, Ireneu apresenta e refuta vários sistemas de crença gnósticos; Possivelmente, Ireneu temia que Marciano, não tendo fundamentação teológica para se opor à opinião explanada por um gnóstico acerca da origem do mundo, acabasse se convertendo ao gnosticismo, abandonando a cristandade. Aqui adiante, reproduzir-se-á um de vários sistemas gnósticos sobre a cosmogonia, encontrado em “Contra as Heresias I”, também do bispo de Lião, para que fique manifesto o quão distante está a tradição cristã dos sistemas de fé gnósticos quando o assunto é a origem do mundo.

Eles dizem que existia, nas alturas, invisíveis e inenarráveis, um Éon perfeito, anterior a tudo, que chamam Protoprincípio, Protopai e Abismo. Incompreensível e invisível, eterno e ingênito que se manteve em profundo repouso e tranquilidade durante uma infinidade de séculos. Junto a ele estava Enóia, que chamam também Graça e Silêncio. Ora, um dia, este Abismo teve o pensamento de emitir, dele mesmo, um Princípio de todas as coisas; essa emissão, de que teve o pensamento, depositou-a como semente no seio de sua companheira, o Silêncio. Ao receber esta semente, ela engravidou e gerou o Nous, semelhante e igual ao que o tinha emitido e que é o único capaz de entender a grandeza do Pai. Este Nous é também chamado Unigênito, Pai e Princípio de todas as coisas. Juntamente com ele foi gerada a Verdade e esta seria a primitiva e fundamental Tétrada pitagórica que chamam também Raiz de todas as coisas. Ela seria composta pelo Abismo e

³¹⁵ WEBER, 1912, p. 1.

³¹⁶ VALE RIBEIRO, 2014, p. 74.

o Silêncio, o Nous e a Verdade. O Unigênito, tendo aprendido o modo como foi gerado, procriou, por sua vez, o Logos e Zoé, Pai de todos os que viriam após ele, Princípio e formação de todo o Pleroma. Por sua vez, foram gerados pelo Logos e Zoé, segundo a sizígia, o Homem e a Igreja. Esta seria a Ogdôada fundamental, Raiz e substância de todas as coisas, que por eles é chamada com quatro nomes: Abismo, Nous, Logos e Homem. Cada um deles é masculino e feminino, da seguinte forma: inicialmente o Protopai se uniu, segundo a sizígia, à sua Enóia, que eles chamam também Graça e Silêncio; depois o Unigênito, também chamado Nous, uniu-se à Verdade; depois o Logos, à Zoé; por fim, o Homem, à Igreja.³¹⁷

Tendo em vista este contexto de doutrinas estranhas à tradição cristã surgindo em meio à Igreja, Ireneu realmente tinha motivação para dispende tanto esforço em renovar em Marciano a memória sobre qual a origem do cosmos de acordo com os cristãos. Ademais, combatendo frontalmente outras opiniões sobre Jesus Cristo, Ireneu não deixa de mencionar na sua recontagem do Gênesis, explicitamente, que Jesus Cristo não é uma criação de Deus-Pai, e sim o Verbo pelo qual todas as coisas foram criadas, conforme o Evangelho de João o ensina. “Ele [Deus Pai], com o Verbo, fez existir o mundo inteiro”.³¹⁸

Também é Cristo quem Ireneu enxerga ao analisar o livro de Isaías. Isaías, como foi referido acima, é um livro crucial para esta obra. Mais de 50 referências a este único livro da Bíblia foram encontradas por Vale Ribeiro!³¹⁹ Isto significa que, a fins de demonstrar o conteúdo da fé cristã, Isaías é páreo em importância aos quatro Evangelhos.

Os três capítulos de Isaías que ganham o maior destaque são Is 9, para o qual Ireneu escreveu o capítulo 56 da “Demonstração da Pregação Apostólica”,³²⁰ Is 11, para o qual o bispo de Lião redigiu os capítulos 60 e 61,³²¹ e o capítulo 53 de Isaías, apresentado na Demonstração no capítulo 69.³²² Todos os três merecem atenção porque, como foi referido acima, são interpretados de forma cristológica; encontrar Jesus Cristo no Antigo Testamento é uma característica *sine qua non* desta Demonstração.

No capítulo 56, o bispo de Lião reproduz o texto de Is 9, 4-6 conforme a Septuaginta.

³¹⁷ LIÃO, 1995, p. 31-32.

³¹⁸ VALE RIBEIRO, 2014, p. 78.

³¹⁹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 143-144.

³²⁰ VALE RIBEIRO, 2014, p. 112-113; 143.

³²¹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 115-117; 143.

³²² VALE RIBEIRO, 2014, p. 121-122; 143.

Diz ainda Isaías: ‘serão queimadas, serão devoradas pelo fogo. Porque um menino nos nasceu, um filho nos foi dado, ele recebeu o poder sobre seus ombros e lhe foi dado este nome: Conselheiro-maravilhoso, Deus-forte, Pai-eterno, Príncipe-da-paz, para que se multiplique o poder, assegurando o estabelecimento de uma paz sem fim sobre o trono de Davi e sobre o seu reino, firmando-o, consolidando-o sobre o direito e sobre a justiça.’³²³

Ao citar uma passagem escriturística, na qual um menino denominado “Deus-forte” nasce, como referência à natividade de Jesus Cristo, Ireneu extrai do Antigo Testamento a ideia de que o Cristo é simultaneamente divino e humano. Fazendo de uma tradição que não nasceu no meio cristão – Isaías foi um profeta hebreu que viveu muitos séculos antes de Cristo³²⁴ – a prova escriturística para a divindade de Cristo, ele garante que Marciano não se deixe levar por doutrinas como aquela do herege Carpócrates,³²⁵ ou a de Cerinto, ou ainda dos ebionitas,³²⁶ que acreditavam que Cristo tivesse a José como seu pai biológico e tivesse nascido como qualquer outra pessoa, isto é, como consequência da cópula.

Percebe-se a coerência que a “Demonstração da Pregação Apostólica” tem com a série “Contra as Heresias”. Os argumentos que Ireneu levanta ao apresentar sua doutrina a Marciano cabem perfeitamente como refutação a heresias apresentadas naquele compêndio; Marciano, provavelmente, havia levantado perguntas acerca dos mesmos tópicos de discordância entre hereges e cristãos apresentados em “Contra as Heresias”.

Ademais, Ireneu encontra nesta passagem dois elementos que, para ele, servem de anúncio a dois momentos fundamentais à doutrina cristã. O primeiro elemento é escatológico: aparenta, à primeira vista, um tanto estranha a frase incompleta “[...] serão queimadas, serão devoradas pelo fogo” logo no início da perícopie. Ireneu entende que quem será queimado são aqueles que “não creem nele e que lhe fizeram o que lhe fizeram”³²⁷ – estes deverão queimar no inferno. Se em Is 9,4, originalmente, se trata de vestuário e botas de soldados que deverão ser incinerados, Ireneu alegoriza, omitindo a primeira parte do versículo 4, que se trata de condenação eterna dos incrédulos e praticantes da maldade; estas pessoas são, na concepção de Ireneu, como acessórios de guerra que perderam a utilidade.

³²³ VALE RIBEIRO, 2014, p. 112.

³²⁴ SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2009. p. 201.

³²⁵ LIÃO, 1995, p. 104.

³²⁶ LIÃO, 1995, p. 108.

³²⁷ VALE RIBEIRO, 2014, p. 112.

O segundo elemento é a cruz, que Ireneu enxerga na sequência “ele recebeu o poder sobre seus ombros”. Ireneu entende que a cruz é o “sinal de soberania”³²⁸ de Cristo. Portanto, mediante o sacrifício da própria vida, Cristo recebe de Deus o poder de rei eterno sobre a terra. Percebe-se que, à época de Ireneu, o uso de alegorias já era muito comum; mediante a alegoria, Ireneu apregoa Cristo a Marciano sem sair do Antigo Testamento.

O capítulo 11 de Isaías é compreendido por Ireneu como profecia da segunda vinda de Cristo a este mundo, na qual ele virá para julgar e reinar sobre o mesmo. O capítulo 60 da “Demonstração da Pregação Apostólica” cita exclusivamente passagens de Is 11; uma citação de Is 11, 3-4, outra de mais uma parte do versículo 4 do capítulo, e mais uma, finalmente, de Is 11,5.

Da citação de Is 11, 3-4 – “Ele não julgará segundo a aparência. Ele não dará sentença apenas por ouvir dizer. Antes, julgará os fracos com justiça, com equidade pronunciará sentença em favor dos pobres da terra”³²⁹ –, o bispo conclui, considerando que o juiz em questão é Cristo, que com todas estas virtudes, ele “dá a entender com maior firmeza a sua divindade”.³³⁰ Ou seja, novamente Ireneu extrai de Isaías a noção de divindade de Cristo.

Entretanto, Ireneu também apresenta a Marciano argumentos para enfatizar que Cristo não é apenas divino, mas também humano, e para diferenciar a hipóstase do Pai da do Filho. O segundo excerto de Is 11,4, “ele ferirá a terra com o bastão de sua boca, e com o sopro de seus lábios matará o ímpio”, é interpretado como um castigo de Deus [Pai], executado, assim como a criação, pelo Verbo [Filho]³³¹. Adiante, a citação do quinto versículo do capítulo 11 de Isaías, “A justiça será o cinto de seus lombos, e a fidelidade, o cinto de seus rins”, é apresentada como prova da humanidade de Cristo, afinal, descreve a forma de um ser humano.³³²

Se no capítulo 60, Ireneu de Lião explica a Marciano, a partir de Isaías, as duas naturezas de Cristo, o capítulo 61 da Demonstração se refere a uma interpretação escatológica de Is 11, 6-9.³³³ A visão de Isaías sobre animais ferozes e

³²⁸ VALE RIBEIRO, 2014, p. 113.

³²⁹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 115.

³³⁰ VALE RIBEIRO, 2014, p. 115.

³³¹ VALE RIBEIRO, 2014, p. 115-116.

³³² VALE RIBEIRO, 2014, p. 116.

³³³ VALE RIBEIRO, 2014, p. 116-117; 143.

domésticos pastando juntos é alegorizada. Os animais ferozes e domésticos representam os diferentes tipos de seres humanos. Alguns deles “assemelham-se a lobos e leões, ao rapinar os fracos e ao lutar com os seus pares”³³⁴. Praticam, portanto, atitudes abomináveis a Deus. Porém, ao se converterem a Cristo, abandonam as atitudes que ofendem a Deus; “mal acreditaram, e se mudaram, para que não se prendessem diante de um supremo ato de justiça. Assim radicais são as mudanças que a fé em Cristo, filho de Deus, opera naqueles que nele creem.”³³⁵

Ou seja, muitas das pessoas que agora praticam o mal, e mostram com cada uma de suas obras que estão muito distantes da doutrina de Cristo, ainda podem ser convertidas e tomar parte no Reino dos Céus. Ireneu mostra a Marciano, com esta alegoria, que nem o pior dos malfeitores está tão decaído, que, caso se arrependesse e aceitasse a Cristo, abandonando os crimes que praticava, não poderia ter parte na salvação eterna. Cristo perdoa completamente o passado de quem entra na Igreja, mas, uma vez que esta pessoa se torna cristã, exige um comportamento condizente à opção: não pode continuar oprimindo o seu próximo como fazia outrora.

O terceiro e último capítulo da Demonstração da Pregação Apostólica a ser analisado aqui, o 69, retrata Is 53. A citação de Is 53, 5-7 é encontrada desta forma em Ireneu:

Isaías vai mais além: ‘Mas ele foi trespassado por causa das nossas transgressões, esmagado por causa das nossas iniquidades. O castigo que havia de trazer-nos a paz caiu sobre ele, sim, por suas feridas fomos curados. Todos nós como ovelhas andávamos errantes, seguindo cada um o seu próprio caminho, mas lahweh fez cair sobre ele a iniquidade de todos nós’. É claro que, pela vontade do Pai, lhe ocorreram tais coisas em vista da nossa salvação. Então prossegue: “Foi maltratado, mas livremente humilhou-se e não abriu a boca, como cordeiro conduzido ao matadouro; como ovelha que permanece muda na presença dos tosquiadores ele não abriu a boca.”³³⁶

Ireneu interpreta Is 53, 5-7 como um relato da crucificação de Cristo. Uma história central em todos os quatro Evangelhos, porém não reproduzida a partir de um deles, e sim conforme Isaías. Ireneu prova seu conhecimento dos Evangelhos ao citá-los mais de 50 vezes. Por que nenhuma delas se encontra neste capítulo 69?³³⁷ Qual

³³⁴ VALE RIBEIRO, 2014, p. 116.

³³⁵ VALE RIBEIRO, 2014, p. 116-117.

³³⁶ VALE RIBEIRO, 2014, p. 121.

³³⁷ VALE RIBEIRO, 2014, p. 121-122; WEBER, 1912, p. 49-50.

a intenção de Ireneu em recontar um acontecimento literalmente crucial do Novo Testamento a partir de uma testemunha do Antigo?

Como já foi referido anteriormente, Ireneu considera que o profeta Isaías previu acontecimentos da vida de Cristo, e não apenas eventos já ocorridos, como o seu nascimento e sua crucificação, mas também aqueles pelos quais a Igreja espera, como a sua segunda vinda. O que interessa nesta citação de Isaías é o sofrimento vicário que se delineia nela. Deus faz cair sobre o sofredor a iniquidade de todos e o pune pelos pecados de toda a humanidade.

A ideia de um erro jurídico do estado romano com consequências fatais para com a pessoa de Jesus de Nazaré não é, nem pode ser toda a explicação do evento da crucificação. A crucificação foi deliberada e anunciada por Deus ao seu povo muito antes de acontecer, e sua intenção estava clara a Isaías quando recebeu esta revelação. A crucificação não só – como foi referido acima, quando se tratava de Is 9 – é a entronização de Cristo como senhor soberano do Universo, mas também a única forma possível de gerar salvação para a humanidade perdida. Não há salvação sem o Cristo crucificado. Não há entrada no Reino celestial sem a aceitação de Cristo como Salvador.

A interpretação das passagens do livro de Isaías acima citadas, e de outras, como anunciação da vida de Jesus, foi uma atitude constante na leitura bíblica da Igreja tanto da Idade Antiga como da Idade Média. Martinho Lutero, ao escrever um prefácio ao livro de Isaías em 1545, apresenta Is 53 como relato da crucificação de Cristo, e afirma que dentre todos os profetas, “Isaías, acima de todos, da forma mais abundante e mais rica”,³³⁸ prenunciou a vinda e o Reino de Cristo.

Semelhante a Ireneu, Lutero cria, ao contrário de manuais exegéticos mais modernos,³³⁹ que se tratava de uma única pessoa que redigiu todos os 66 capítulos, e não de três autores diferentes cujas obras foram compiladas posteriormente em um único livro. Entretanto, ele reconhece uma tripartição.³⁴⁰

A compreensão que Lutero tem de Isaías, apresentada no seu prefácio, não discorda em nenhum ponto daquela defendida por Ireneu, se bem que acrescida de

³³⁸ LUTERO, Martinho. Prefácio ao Profeta Isaías. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 48.

³³⁹ SCHMITT, 2009, p. 201.

³⁴⁰ LUTERO, 2003, p. 47.

outras informações que Ireneu provavelmente não julgou importante adicionar na Demonstração da Pregação Apostólica. Não é possível descobrir se Lutero teve acesso a um exemplar deste livro, o qual foi descoberto, ou redescoberto, há pouco mais de cem anos; fato é que a compreensão irenaica do livro de Isaías perdurou na Igreja por mais de 1300 anos.

Quanto ao conteúdo da Demonstração da Pregação Apostólica, é necessário sempre ter em vista o contexto no qual Ireneu e Marciano estavam inseridos. Esta afirmativa da exclusividade salvífica de Cristo encontrava contestadores em várias escolas de pensamento gnóstico.

Tome-se por exemplo a doutrina de Simão, o Mago, que Ireneu apresenta em “Contra as Heresias I”; Simão cria que ele próprio havia trazido a salvação ao mundo, ao ter comprado para si uma escrava prostituta chamada Helena; esta mulher haveria reencarnado várias vezes, e seria originalmente o “primeiro Pensamento” daquele Simão, que aparentemente se considerava uma divindade, e a “Mãe de Todas as Coisas”. Várias pessoas tinham este mago por Filho de Deus, Deus Pai, Espírito Santo, ou lhe davam vários outros títulos de potências divinas à época, e Ireneu dá testemunho de que o então imperador romano Cláudio havia erigido uma estátua à homenagem de Simão.³⁴¹ Provavelmente, Ireneu temia que, caso não apresentasse a Marciano o quão ancorada nas Escrituras está a doutrina da salvação mediante o sangue de Cristo, e como este plano de salvação já havia sido revelado a Isaías muito antes de ocorrer, Marciano pudesse incorrer em heresia, e aceitar outra doutrina soteriológica em voga no seu contexto.

Conclui-se que, na Demonstração à Pregação Apostólica, Ireneu não se afasta do modo de ler os Evangelhos e os escritos paulinos proposto na Didaquê. O Evangelho serve como ordenança divina, como nova obediência; os escritos do apóstolo Paulo aparecem como informação adicional aos demais livros da Escritura, como explicação e complemento.

O Antigo Testamento não é mais Lei – como também não é na Didaquê nem na Epístola a Diogneto, mas serve perfeitamente como relato histórico aos fins de Ireneu, como se pode ver quando ele reconta grande parte do Gênesis a Marciano. O livro profético de Isaías, por sua vez, serve como anúncio de situações que já

³⁴¹ LIÃO, 1995, p. 98-100.

ocorreram e que, conforme a tradição da Igreja, ainda virão a ocorrer. Entretanto, a sua leitura pura e simples não permite desvendar todo o mistério; é necessária a ferramenta da alegoria para se apropriar da doutrina.

Ao interpretar o Evangelho e Paulo, Ireneu não usa – como foi já analisado – esta ferramenta. Isto significa que a doutrina da Igreja, implícita no Antigo Testamento, é explicitada no Novo; a alegorização do Antigo Testamento, nominalmente de Isaías, é o modo com o qual se prova ao interlocutor que a doutrina ministrada nos Evangelhos é muito mais antiga que a edição deles.

3.2.2.2 *Contra as Heresias III*

Contra as Heresias III é uma obra que usa amplamente referências das Sagradas Escrituras. Uma vez que não foi possível encontrar um índice de citações bíblicas desta obra, para averiguar como se distribuía as citações entre os livros bíblicos, esta dissertação contém um apêndice, no qual consta um índice elaborado a partir das referências encontradas durante a pesquisa.³⁴²

É em *Contra as Heresias III* que Ireneu explicita aquilo que está implícito na *Demonstração da Pregação Apostólica* acerca dos Evangelhos. Se foi apresentado na abordagem sobre aquela obra a grande quantidade de citações dos Evangelhos canônicos, comparada com uma única possível citação de obras não canonizadas, como evidência de que Ireneu já considerava estes quatro como os Evangelhos autênticos, em *Contra as Heresias III*, Ireneu define e fundamenta porque os quatro Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João são os únicos válidos para o uso no contexto eclesial. Como se pode ler no primeiro capítulo, Ireneu apresenta a autoria de cada um dos quatro como a primeira fundamentação da autenticidade destes escritos e a invalidade de todos os outros que não condigam com a doutrina pregada neles:

Assim, Mateus publicou entre os judeus, na língua deles, o escrito dos Evangelhos, quando Pedro e Paulo evangelizavam em Roma e aí fundavam a Igreja. Depois da morte deles, também Marcos, o discípulo e intérprete de Pedro, nos transmitiu por escrito o que Pedro anunciava. Por sua parte, Lucas, o companheiro de Paulo, punha num livro o Evangelho pregado por ele. E depois, João, o discípulo do Senhor, aquele que recostara a cabeça ao peito dele, também publicou o seu Evangelho, quando morava em Éfeso, na Ásia. Eles todos nos transmitiram que há um só Deus, Criador do Céu e da

³⁴² O índice se encontra na p. 149.

Terra, anunciado pela Lei e pelos profetas, e um só Cristo, Filho de Deus. E se alguém não acredita neles despreza os que tiveram parte com o Senhor, despreza ao mesmo tempo o próprio Senhor, como também despreza o Pai; e ele mesmo condena-se, ao resistir e opor-se à própria salvação. E é isto que fazem todos os hereges.³⁴³

Ireneu demonstra como cada um destes Evangelhos foi redigido por pessoas próximas aos apóstolos de Jesus. O Evangelho de Lucas, portanto, poderia ser chamado também de “Evangelho de Paulo”, porque foi escrito a partir do que Paulo ensinava. O Evangelho de Marcos remete ao ensinamento de Pedro. Mateus e João foram apóstolos. Porém, Ireneu apresenta fundamentação bíblica para a autoridade destes escritos, além daquela inerente à posição que detiveram os seus escritores. Em 11,8, Ireneu prova a autenticidade destes quatro escritos evangélicos, bem como a inexistência de outros autênticos, a partir do Apocalipse de João:

Por outro lado, os Evangelhos não são nem mais, nem menos, do que estes quatro. [...] Por isso Davi, ao invocar a sua vinda [de Jesus Cristo], diz: ‘Tu que te assentas acima dos querubins, aparece’. Ora, os querubins tem quatro aspectos, e suas figuras são a atividade do Filho de Deus. Ele diz ‘O primeiro animal é semelhante a leão’, caracterizando o poder, a supremacia, a realeza; ‘o segundo é semelhante a novilho’, manifestando a sua destinação ao sacrifício, ao sacerdócio; ‘o terceiro tem rosto semelhante a homem’, o que lembra claramente sua vinda em forma humana; e “o quarto se assemelha à águia que voa”, sinal do dom do Espírito que sopra sobre a Igreja. Os Evangelhos, portanto, correspondem a estes animais, acima dos quais está sentado Jesus Cristo. Um conta a geração preeminente, poderosa e gloriosa que tem do Pai, com estas palavras: ‘No princípio era o Verbo e o Verbo estava com Deus e o Verbo era Deus; [...]’ [...] O Evangelho segundo Lucas, portador de caráter sacerdotal, começa com o sacerdote Zacarias que oferece a Deus o sacrifício do incenso, porque já estava pronto o vitelo gordo que devia ser imolado por causa da volta do filho menor. Mateus, por sua vez, narra a sua geração humana, dizendo: ‘Livro da origem de Jesus Cristo, filho de Davi, filho de Abraão.’ [...] É, portanto, o Evangelho da humanidade de Cristo, por isso Jesus sempre é apresentado como homem humilde e manso. Marcos, por sua vez, inicia pelo Espírito profético que do alto investe o homem: ‘Princípio do Evangelho: conforme está escrito no profeta Isaías...’ dando uma imagem alada do Evangelho.³⁴⁴

Infelizmente, pela falta de informações que se tem da vida e obra de Policarpo de Esmirna, não é possível encontrar documentação para afirmar ou refutar a ideia de que Ireneu tenha aprendido esta informação sobre os Evangelhos de Policarpo, e este, por sua vez, dos apóstolos, ou se Ireneu fez esta interpretação do Apocalipse por conta própria.

³⁴³ LIÃO, 1995, p. 247.

³⁴⁴ LIÃO, 1995, p. 285.

O fato de, por exemplo, o Evangelho de Mateus ser considerado o Evangelho da humanidade de Cristo, porém, reflete em obras anteriores a Ireneu; a Didaquê, por exemplo, cujo texto cita quase exclusivamente Mateus para organizar a convivência dos cristãos dentro e fora da comunidade, enfim, para orientar toda a vida humana, de certa forma, coloca Jesus como exemplo de vida para a humanidade. Como fora analisado na seção do presente capítulo dedicada à Didaquê, a autora Inês Pozzagnolo interpreta o Sermão do Monte como “o propósito de um comportamento que corresponda à natureza de Deus”.³⁴⁵ Desta forma, embora não se pode provar documentalmente a origem apostólica da doutrina, há indícios de que era anterior a Ireneu.

Conforme o índice apresentado no apêndice, dentre os Evangelhos, Lucas é o mais empregado. Lá se encontram mais de 70 citações do livro.³⁴⁶ Ireneu apresenta, desta forma, total adesão à ideia de que Paulo é apóstolo, e, portanto, o livro escrito por seu companheiro Lucas é apostólico. Conforme Ireneu, a ideia de refutar Lucas como “alguém que não tivesse conhecido a verdade”³⁴⁷ é absurda; afinal, conforme Ireneu, muitas das mais importantes histórias bíblicas sobre Jesus somente são conhecidas através deste Evangelho, além de vários ditos de Jesus.³⁴⁸

Dentre estas histórias, Ireneu aparentemente considera uma das mais essenciais aquela do sacerdote Zacarias e seu filho João Batista; Ireneu abstrai do fato de que um sacerdote veterotestamentário e um profeta aparecem no Evangelho a ideia de que o Deus do Velho e o Deus do Novo Testamento são um e o mesmo Deus,³⁴⁹ contrariando assim algumas das heresias de seu tempo, que discordavam desta opinião.

Lucas, porém, não é valorizado apenas por ter escrito um Evangelho. Também o livro de Atos recebe atenção, com mais de 50 citações.³⁵⁰ Em 12,14, Ireneu apresenta o Concílio dos Apóstolos e a epístola que foi redigida naquele contexto aos gentios crentes em Jesus (At 15); pode se resumir a compreensão de Ireneu acerca

³⁴⁵ POZZAGNOLO, 2012, p. 24.

³⁴⁶ Cf. p. 149-150.

³⁴⁷ KLEBBA, 1912, p. 267. Tradução nossa. Original: “*als ob er die Wahrheit nicht erkannt habe.*”

³⁴⁸ KLEBBA, 1912, p. 267-268.

³⁴⁹ LIÃO, 1995, p. 270-271.

³⁵⁰ Cf. p. 151-152.

deste concílio, que à sua época era o único normativo para toda a Igreja – Niceia aconteceu mais de 250 anos após o concílio de Jerusalém –, às seguintes conclusões:

Em primeiro lugar, apesar de haver mudanças quanto à conduta e vivência em comparação com os judeus – por exemplo, cristãos não necessitam da circuncisão –, Ireneu deixa novamente explícito que se trata de um e o mesmo Deus adorado pelas duas religiões.³⁵¹ “É, portanto, evidente, de tudo isto, que os apóstolos não ensinavam outro Pai, mas anunciavam a nova Aliança da liberdade aos que, de maneira nova, pelo Espírito Santo, criam em Deus”.³⁵²

A segunda conclusão é sobre o ministério de Paulo. A missão de Paulo entre os gentios é completamente aprovada pelo concílio apostólico, e não apenas aprovada, mas instituída. Ireneu reproduz a epístola contida em At 15, 23-29 no seu livro, para que não fique dúvida alguma acerca do assunto:

Os apóstolos e os presbíteros, vossos irmãos, aos irmãos convertidos dos gentios, que estão em Antioquia, na Síria e na Cilícia, saúde. Tendo nós sabido que alguns, indo do meio de nós, sem nenhuma ordem da nossa parte, vos perturbaram com discursos que agitaram as vossas almas, dizendo: Fazei-vos circuncidar e observai a Lei, aprouve a nós, depois de nos termos reunido, escolher alguns homens e enviá-los a vós com os nossos muito amados Barnabé e Paulo, homens que tem exposto suas vidas pelo nome de nosso Senhor Jesus Cristo. Enviamos, portanto, Judas e Silas, que lhes exporão as mesmas coisas de viva voz. Porque pareceu bem ao Espírito Santo e a nós não vos impor mais encargos além destes indispensáveis: que vos abstenhais das coisas imoladas aos ídolos, do sangue e da fornicção e o que não quereis que se vos faça, não o façais aos outros; ao guardar-vos destas coisas fareis bem e caminhareis no Espírito Santo.³⁵³

A importância desta epístola dentro do livro de Atos para a cristandade primeva e para a comunidade de Ireneu não pode ser enfatizada suficientemente. Afinal, era o único documento normativo para toda a Igreja Cristã até o Concílio de Niceia. Judas, Silas, Barnabé e Paulo, além de outros desconhecidos, foram enviados àquelas comunidades listadas acima. Desta forma, à ação sem ordem apostólica de alguns cristãos ierosolimitas, de forçar os cristãos gentios a obedecer leis do judaísmo, se contrapõe a ordem do concílio apostólico, que envia Paulo a estes cristãos para apregoar a doutrina cristã. Paulo, portanto, tem aqui novamente uma confirmação de sua autoridade como pregador autêntico do Evangelho.

³⁵¹ LIÃO, 1995, p. 302.

³⁵² LIÃO, 1995, p. 303.

³⁵³ LIÃO, 1995, p. 303.

Os escritos do próprio Paulo – as epístolas paulinas – também são amplamente citados. Quando Ireneu enuncia a comunidade cristã de Roma como fonte de autoridade para a cristandade, ele apresenta pessoas que foram citadas nas epístolas paulinas como figuras importantes da religião cristã; assim, no capítulo 3 de “Contra as Heresias III”, se encontra a seguinte citação: “Os bem-aventurados apóstolos que fundaram e edificaram a Igreja [em Roma] transmitiram o governo episcopal a Lino, o Lino que Paulo lembra na carta a Timóteo.”³⁵⁴

Assim se mostra que as epístolas paulinas estiveram direcionadas a pessoas do seio da Igreja, como, por exemplo, um homem que mais tarde se tornou bispo de Roma. Quanto ao conteúdo destas epístolas, e qual foi mais empregada, o índice apresenta 1 Co 15 como o capítulo mais recorrente, com ao todo dez citações. Em 18,3 Ireneu embasa com esta epístola a ideia de que Cristo morreu e ressuscitou da morte para que, mediante seu sacrifício e sua ressurreição, a humanidade também possa ressuscitar.³⁵⁵

É importante notar que a compreensão de que 1Co 15 se refere não apenas à ressurreição da carne como doutrina em si, mas como ensinamento “contra as heresias” – como o título do livro indica – é presente também em autores muito posteriores, que não tinham como enfoque principal de sua vida o combate de heresias acerca deste tema específico, como era o caso de Ireneu de Lião. Martinho Lutero, no seu prefácio à primeira epístola aos Coríntios, diz que Paulo “repreende aqueles que haviam ensinado e crido coisas erradas sobre a ressurreição da carne”³⁵⁶ no capítulo 15 da carta.

Novamente, como no livro de Isaías, a leitura bíblica feita por Ireneu, e sua aplicação, é confirmada por Lutero, mostrando a autoridade das opiniões de Ireneu mais de um milênio após sua morte. 1 Co 15 foi um trecho tão importante ao reformador que ele escreveu um comentário exclusivamente acerca deste capítulo da Bíblia, e inicia a obra reiterando que o fim deste capítulo era rebater as falsas doutrinas que surgiam no tempo dos apóstolos e seus discípulos.³⁵⁷ Considerando a posição de Ireneu na história, discípulo de Policarpo, que por sua vez, foi discípulo dos apóstolos,

³⁵⁴ LIÃO, 1995, p. 250.

³⁵⁵ LIÃO, 1995, p. 330.

³⁵⁶ LUTERO, 2003, p. 143.

³⁵⁷ LUTERO, Martinho. O capítulo 15 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005. v. 9, p. 290-291.

é plausível afirmar que Lutero se refira à atividade de Ireneu, dentre a de outros apologetas.

No Antigo Testamento, se destaca a frequente citação dos Salmos. Os salmos são o livro mais empregado do Antigo Testamento em *Contra as Heresias III*. São citados mais de 40 vezes.³⁵⁸ A maioria dos versículos apenas aparece uma vez; contudo, o Sl 110,1 é citado em quatro passagens. Será analisado aqui qual o sentido de cada uma das aparições.

A primeira aparição, em 6,1, apresenta o Espírito Santo como garante de que Pai e Filho merecem o título de Senhor.

Com efeito, assim está escrito: 'Disse o Senhor ao meu Senhor: senta-te à minha direita até que ponha os teus inimigos como escabelo dos teus pés.' Aqui o Pai é apresentado falando com seu filho ao qual dá em herança as nações e lhe submete todos os inimigos. Justamente, portanto, o Espírito Santo chamou o Pai e o Filho com o nome de "Senhor" porque efetivamente o são.³⁵⁹

Ou seja, para Ireneu, a igualdade de glória entre o Pai e o Filho não são uma invenção dos Evangelhos, porém já estavam claramente descritos no Antigo Testamento. Em 10,6, a segunda aparição, este versículo é entendido como profecia da ascensão de Cristo aos céus, retirado do Evangelho de Marcos (Mc 16).³⁶⁰ Aqui se percebe novamente que Ireneu entende Marcos como o "Evangelho do Espírito profético", uma vez que, no mesmo local, afirma que o Evangelho começa "nas palavras dos santos profetas".³⁶¹ Desta forma, o Evangelho não é um novo bloco em relação ao Antigo Testamento, mas é cumprimento de profecias já presentes no Antigo Testamento, que, corretamente interpretadas à luz da tradição da Igreja, servem igualmente de mensagem evangélica.

Na terceira aparição, Ireneu reitera que o Salmo é de autoria davídica. No capítulo 12,2 consta que Davi recebeu e transmitiu nos seus salmos a ideia de que haveria um seu descendente cujo corpo não apodreceria na terra (Sl 15, 8-10); este descendente não é outro senão Jesus Cristo, e é deste mesmo que Davi relata no Sl

³⁵⁸ Cf. p. 146.

³⁵⁹ LIÃO, 1995, p. 257.

³⁶⁰ LIÃO, 1995, p. 277.

³⁶¹ LIÃO, 1995, p. 277.

110,1.³⁶² Esta mesma opinião é confirmada por Ireneu em 16,4, a quarta citação deste salmo em *Contra as Heresias III*.³⁶³

Conclui-se que, para o escritor de Lião, não restava dúvida alguma sobre a autenticidade dos quatro Evangelhos de Mateus, Marcos, Lucas e João. Igualmente, os escritos paulinos eram fonte de informação importante e autêntica, de forma que o Evangelho de Lucas e o livro de Atos são autorizados por sua conexão com Paulo, e não o contrário. Paulo é parte da tradição; pessoas mencionadas nas suas epístolas faziam parte da Igreja de Roma, que é considerada normativa quando se trata de questões doutrinárias para Ireneu, e ocuparam inclusive o cargo de bispo, como é o caso de Lino.

O Antigo Testamento, conforme o que foi apresentado na análise da “Demonstração da Pregação Apostólica”, é interpretado como profecia da vida e obra de Jesus. A interpretação do início do Evangelho de Marcos coaduna com a exposição sobre o SI 110,1 neste sentido: toda a vida de Jesus, inclusive aquela após a ascensão à destra de Deus, é anunciada no Antigo Testamento – é necessário que se saiba interpretar corretamente o texto dos livros sagrados deste compêndio, porque a informação explícita no Novo Testamento está implícita no Antigo, porém codificada nas profecias. A Igreja detém a chave.

3.3 LEITURA BÍBLICA NA PATRÍSTICA NICENA E PÓS-NICENA

3.3.1 Atanásio de Alexandria

3.3.1.1 *Exposição da Fé*

Conforme fora apresentado no capítulo anterior, a *Exposição da Fé* é um livro elaborado durante o episcopado de Atanásio em Alexandria, e servia para apresentar a fé cristã a neófitos e defender-se facilmente de heresias que grassavam em Alexandria. Ao contrário das outras obras analisadas aqui, é relativamente pequena. Nem por isto, Atanásio poupou citações bíblicas no escrito. De acordo com o comentário de Henric Nordberg, os quatro livros mais empregados para a elaboração

³⁶² LIÃO, 1995, p. 287-288.

³⁶³ KLEBBA, 1912, p. 276.

deste escrito são o Evangelho de João, a epístola aos Colossenses, os Provérbios de Salomão e o livro do profeta Jeremias.³⁶⁴

Como referido na seção acima sobre o livro “Contra as Heresias III” de Ireneu de Lião, o Evangelho de João é apresentado por Ireneu como o Evangelho do poder, da supremacia e da realeza de Jesus Cristo. Não causa estranheza, portanto, que Atanásio tenha escolhido este Evangelho como um dos pilares da sua “Exposição da Fé”. Logo no início, em 1,3, ao citar Jo 5,23, Atanásio afirma que “os que honram o Pai também honram o Filho”. Desta forma, o Filho comunga plenamente do atributo da divindade do Pai. Em 1,5, o mesmo modelo de pensamento persiste, com a citação de Jo 14,9 – “quem vê o Filho também vê o Pai”.³⁶⁵

Também é pelo Evangelho de João que se prova que a crucificação de Cristo é cumprimento da vontade do Pai por iniciativa do Filho, com o fim de remissão dos pecados da humanidade. “Ninguém ma tira de mim, mas eu de mim mesmo a dou; tenho poder para a dar, e poder para tornar a tomá-la. Este mandamento recebi de meu Pai.” Jo 10,18)

No segundo capítulo, a procedência de Jesus e o seu retorno ao Pai são tematizados. Em 2,7, Atanásio emprega Jo 16,28 – “Saí do Pai, e vim ao mundo; outra vez deixo o mundo, e vou para o Pai”.³⁶⁶ Finalmente, no capítulo 4, Jesus é apresentado como o Caminho para o Pai, conforme Jo 14,6 – “Eu sou o caminho, a Verdade e a Vida; ninguém vem ao Pai senão por mim”.³⁶⁷

O Evangelho de João emoldura a “Exposição da Fé”, apresentando quem é Jesus Cristo para a comunidade cristã em Alexandria. Estes quatro referenciais à natureza de Cristo, porém, não são os únicos. No final do capítulo 2 até o começo do capítulo 3, Nordberg identifica citações da epístola de Paulo aos Colossenses. O final do capítulo 2 apresenta Cl 1,16-17 como fundamento – “¹⁶Porque nele foram criadas todas as coisas que há nos céus e na terra, visíveis e invisíveis, sejam tronos, sejam dominações, sejam principados, sejam potestades. Tudo foi criado por ele e para ele. ¹⁷E ele é antes de todas as coisas, e todas as coisas subsistem por ele.”

³⁶⁴ NORDBERG, 1962, p. 49-56.

³⁶⁵ NORDBERG, 1962, p. 50.

³⁶⁶ NORDBERG, 1962, p. 52.

³⁶⁷ NORDBERG, 1962, p. 55.

Desta forma, Cristo não é apenas igual ao Pai em glória; ele é ninguém menos que o Verbo pelo qual tudo o que existe veio a existir. Neste sentido, não há dois deuses, um Deus-Pai e um Deus-Filho, mas o Filho e o Pai são duas pessoas de um e o mesmo Deus.³⁶⁸

No capítulo 3 da Exposição da Fé, aparece Cl 1,15 – “O qual é imagem do Deus invisível, o primogênito de toda a criação” – como explicação adicional à natureza de Jesus. Atanásio enfatiza que não é “a primeira criação”, porém anterior a toda a criação, e não parte dela, mas sim, “primogênito”, isto é, gerado pelo Pai antes de todas as coisas.³⁶⁹

A preexistência de Cristo à criação não é apenas fundamentada com citações de João e Paulo. Nordberg identifica também citações do livro dos Provérbios. Em Pr 8,30 consta: “Então eu estava com ele, e era seu arquiteto; era cada dia as suas delícias, alegrando-me perante ele em todo o tempo.” Atanásio interpreta que esta citação se refere a Cristo; explana logo em seguida que Cristo não é criado, nem feito, nem chamado ao ser do Nada.³⁷⁰

Logo no início do capítulo 3, Nordberg identifica mais uma citação de Provérbios (Pr 8,25). “Antes que os montes se houvessem assentado, antes dos outeiros, eu fui gerada.”³⁷¹ Novamente se interpreta que a pessoa em questão é o Cristo. O mesmo capítulo encerra com mais uma citação, desta vez de Pr 8,22: “O SENHOR me possuiu no princípio de seus caminhos, desde então, e antes de suas obras.”³⁷² Isto indica que Atanásio considera Cristo e a Sabedoria de Provérbios uma e a mesma pessoa. É evidente por duas razões: uma, porque não se incomodou com o feminino necessário para “Sophia”, e citou as passagens sem alterar o gênero gramatical, e outra, porque todas estas citações se encontram no assim chamado “Discurso da Sabedoria”.

Sobre este discurso, Whybray explica que este tipo de texto é comparável a louvores próprios atribuídos a divindades que eram veneradas no Oriente Médio no primeiro milênio antes de Cristo;³⁷³ desta forma, não é estranho assumir que Atanásio,

³⁶⁸ NORDBERG, 1962, p. 53.

³⁶⁹ NORDBERG, 1962, p. 51.

³⁷⁰ NORDBERG, 1962, p. 52.

³⁷¹ NORDBERG, 1962, p. 53.

³⁷² NORDBERG, 1962, p. 55.

³⁷³ WHYBRAY, R.N. **The New Century Bible Commentary**: Proverbs. Grand Rapids: Eerdmans, 1994. p. 118.

sendo egípcio e conhecendo a cultura pagã da região, tenha compreendido que Cristo, o qual é considerado simultaneamente Deus e homem por Atanásio, tenha escrito um louvor a si próprio e legado o mesmo a Salomão.

O último livro que será abordado nesta análise é o livro do profeta Jeremias. Nordberg encontrou, no capítulo 3, um único versículo do livro, porém este fundamenta toda a parte central do capítulo.³⁷⁴ Ele indica que seja Jr 38,22b, porém é muito mais provável que se trate de Jr 31,22b, como indica a “Biblioteca dos Pais da Igreja” da Universidade de Friburgo.³⁷⁵ “Porque o SENHOR criou uma coisa nova sobre a terra; uma mulher cercará a um homem.” Conforme o site citado anteriormente, Atanásio já conhecia duas versões do versículo, ambas diferentes da renderização hebraica traduzida na Bíblia de Almeida.

Assim, o corpo que ele tomou por nossa causa, é uma criatura, do qual Jeremias diz conforme a edição dos 70 tradutores [LXX]: ‘O Senhor criou para nós para plantação uma nova salvação, e nesta salvação os seres humanos circularão.’ Conforme a tradução de Áquila, porém, diz: ‘O Senhor criou algo novo na mulher’. Esta salvação nova, e não velha, criada para nós para plantação, para nós, não antes de nós, é Jesus, que se tornou salvador como ser humano, pois a palavra ‘Jesus’ é traduzida em alguns lugares como ‘salvador’, em outros como ‘salvação’.³⁷⁶

Assim, Jesus apenas é divino e coeterno com o Pai na sua natureza divina. Na sua natureza humana, Jesus é criação, porém não igual ao restante da humanidade: um nascimento sem um pai biológico. Este nascimento é, porém, “para plantação”, ou seja, Jesus deve ser anunciado e plantado nos corações de toda a humanidade, para que seja salva.

Conclui-se que a doutrina cristã acerca da pessoa de Cristo era completamente aceita por Atanásio, pois, sem faltar com informações oriundas das Escrituras Sagradas, apresenta as duas naturezas dele, a divina e a humana. A ideia de uma quarta pessoa de Deus, “Sophia”, é anulada, pois Atanásio embasa a partir

³⁷⁴ NORDBERG, 1862, p. 54.

³⁷⁵ BIBLIOTHEK DER KIRCHENVÄTER. **Athanasius der Große**. Disponível em: <https://bkv.unifr.ch/works/289/versions/310/divisions/102054>. Acesso em 08 maio 2020.

³⁷⁶ BIBLIOTHEK DER KIRCHENVÄTER. **Athanasius der Große**. Disponível em: <https://bkv.unifr.ch/works/289/versions/310/divisions/102054>. Acesso em 08 maio 2020. Tradução nossa. Original: “*Demnach ist der Leib, welchen er unsertwegen angenommen hat, ein Geschöpf, von welchem Jeremias nach der Ausgabe der siebenzig Dollmetscher sagt: ‘Der Herr hat uns zur Pflanzung ein neues Heil geschaffen, und in diesem Heile werden die Menschen umhergehen.’ Nach der Uebersetzung des Aquila aber heißt es: ‘Der Herr hat etwas Neues in dem Weibe erschaffen.’ Dieses für uns zur Pflanzung erschaffene neue und nicht alte Heil nun, für uns und nicht vor uns, ist Jesus, welcher als Heiland Mensch geworden ist, denn das Wort ‘Jesus’ wird bald durch Heil, bald durch Heiland übersetzt.*”

dos Provérbios que Sofia e Jesus Cristo são a mesma pessoa. A “Exposição da Fé”, em quatro capítulos, explica de uma forma simples e concisa quem é Cristo para os cristãos, separando claramente as visões heterodoxas acerca da pessoa de Jesus Cristo daquela defendida pela Igreja.

3.3.1.2 *Contra os pagãos*

Este escrito é a primeira parte de uma obra bipartite; Se no capítulo anterior, fora analisada a “Encarnação do Verbo”, que é a continuação a esta obra, neste capítulo o enfoque se restringe a “Contra os Pagãos”. Embora ambos os livros sejam repletos de referências bíblicas e de conteúdo relevante à catequese, interessa mais para o conhecimento da leitura bíblica proposta por Atanásio o livro “Contra os Pagãos”, porque oferece conhecimento acerca da compreensão que Atanásio tinha da pessoa de Jesus Cristo, além de apresentar paralelos com um escrito que pertence indubitavelmente ao período pré-niceno: a epístola a Diogneto. Uma terceira razão de estudar “Contra os pagãos” é a exposição sobre como se dá a semelhança do ser humano a Deus. Todos estes três temas serão explorados adiante.

Se na Exposição da Fé, Atanásio apenas implícita que Jesus é a Sabedoria de Deus, aqui, nesta obra destinada a Macário, o bispo alexandrino explicita claramente que a Sabedoria de Deus e o Verbo de Deus são uma e a mesma pessoa. Isto é provado claramente quando se analisa o capítulo 47 de “Contra os pagãos”. Lá consta:

Quem, portanto, poderia contar todos os atributos do Pai, para descobrir o poder do Verbo? Ele é o Verbo e a Sabedoria do Pai e ao mesmo tempo condescende com as criaturas, e para dar-lhes a conhecer seu Pai, ele se faz a própria santidade e a vida, a porta, o pastor, o caminho, o rei, o guia, e, enfim e sobretudo, o salvador, o vivificante, a luz e a providência universal. Ora, tendo o Pai este Filho tão bom e demiurgo, provindo dele mesmo, não o escondeu para que ficasse invisível às criaturas, mas todos os dias o revela a todos pela ordem e a vida que reinam em toda parte graças a ele. É nele e por ele que se manifesta, como diz o Salvador ‘Eu estou no Pai e o Pai está em mim’ (Jo 14,10) de modo que necessariamente o Verbo está naquele que o gerou e o gerado está eternamente com seu Pai.³⁷⁷

Necessariamente, o Evangelho de João foi base para esta conclusão de Atanásio; vários dos atributos dados a Jesus neste trecho têm origem neste Evangelho. Em Jo 14,6 Jesus se apresenta como o caminho e a vida; em Jo 10, ele

³⁷⁷ FRANGIOTTI, 2002, p. 115.

se apresenta como porta e pastor. Desta forma, Cristo não é apenas um ser humano; Cristo é igual ao Pai em sua divindade, de forma que o seu poder é descoberto pelos atributos do Pai.

Cristo é o Verbo e a Sabedoria de Deus, presente tanto no testemunho das Escrituras quanto na criação, a qual dá testemunho de que foi criada por um ser de sabedoria superior à sua própria natureza. Não é possível separar Cristo do Pai, assim como não se pode separar um ser humano de seu pensamento e sua fala; e na sua atuação de “demiurgo”, uma palavra grega que significa literalmente “operário, criador, formador”³⁷⁸ é também através dele que o mundo veio à essência. Cristo é Sabedoria, Verbo e Demiurgo; Deus-Pai pensa, fala e opera através dele, sendo, portanto, perfeita imagem de Deus.

Esta cristologia se encontra no capítulo 7 da Epístola a Diogneto: Cristo é “artífice e Criador do Universo”³⁷⁹, e aquele “por meio do qual tudo foi ordenado, delimitado e disposto: os céus e as coisas que existem nos céus, a terra e as coisas que existem na terra”³⁸⁰ e tudo o mais que foi criado. Porém não apenas neste quesito há semelhanças entre os dois escritos. Atanásio não esconde de seu leitor que emprega livros bíblicos que o escritor da epístola a Diogneto também apresenta. Assim, Atanásio cita literalmente um trecho do livro de Sabedoria de Salomão no capítulo 11 de Contra os Pagãos. Parte do capítulo será reproduzida aqui.

Toda esta loucura dos ídolos, a Escritura o tinha predito antigamente, e desde há muito tempo, quando dizia: 'A ideia de fazer ídolos foi o princípio da fornicação, e a sua invenção foi a perda da vida. Não existiam no princípio nem durarão para sempre. Foi a vaidade dos homens que os introduziu no mundo, por isso foi decidida para breve a sua destruição. Um pai aflito por um luto prematuro mandou fazer a imagem do filho que tão cedo lhe tinha sido arrebatado, e este ser humano que estava morto, ele o honra como se estivesse vivo e transmite aos seus servos mistérios e iniciações. Em seguida, este costume ímpio, firmando-se com o tempo foi observado como lei. Por ordem dos tiranos adoraram-se estátuas; os que os homens não podiam honrar pessoalmente porque moravam longe, representava-se lhes a sua imagem que se achava distante, expunha-se publicamente uma imagem do rei venerado, para lisonjear com solicitude o ausente como se estivesse presente. E para extensão desta superstição, a ambição do artista impeliu os que não o conheciam; este, com efeito, querendo agradar ao príncipe, esmerou a sua arte para superar a semelhança; e a multidão seduzida pela elegância da obra, tomou por divindade o que pouco antes era honrado como homem. E isto foi para sua vida uma cilada, que os homens, sujeitando-se à desgraça ou à tirania deram às pedras e à madeira o Nome Incomunicável'

³⁷⁸ BAUER, Walter. **Wörterbuch zum Neuen Testament**. Berlim, Alemanha Ocidental: De Gruyter, 1971. p. 357.

³⁷⁹ FRANGIOTTI, 1995, p. 24.

³⁸⁰ FRANGIOTTI, 1995, p. 24-25.

(Sb 14,12-21). Foi então assim que, segundo Testemunho da Escritura, começou e foi imaginada entre os homens a invenção dos ídolos.³⁸¹

O capítulo 11 de “Contra os Pagãos”, semelhante ao capítulo 2 da Epístola a Diogneto, cita o livro de Sabedoria para lidar com a questão das religiões politeístas. Uma vez que os dois escritos pertencem a épocas diferentes, sendo que “Contra os Pagãos” se encontra na década de 30 do século IV, e o escrito a Diogneto pertence ao século II ou III, é possível que Atanásio leu a epístola a Diogneto – mediante esta leitura, seja recomendada por seu pai na fé, Alexandre, ou em alguma visita a uma biblioteca, poderia ter se informado acerca do assunto da idolatria.

Independentemente da veracidade desta hipótese, é notável que o livro de Sabedoria de Salomão serviu tanto antes como depois do Concílio de Niceia como embasamento para refutação da idolatria. Especificamente os capítulos 13 a 15, uma vez que Sabedoria 13 e 15 aparecem, como foi referido anteriormente, no escrito a Diogneto, e o capítulo 14 fora empregado aqui, aparentam ter servido a esse fim. Winston explica que estes três capítulos são o “segundo excurso” do livro de Sabedoria de Salomão; um discurso claramente destacado do resto do livro, onde se condena a idolatria.³⁸²

Também se refuta aos que veneram ídolos a partir de outro versículo bíblico: Gn 1,26. Explora-se a ideia de que o ser humano foi criado à imagem e à semelhança de Deus principalmente a partir do conceito de alma. Tudo isto pode ser melhormente compreendido quando interpretado à luz desta citação do capítulo 34 da obra:

Do mesmo modo que os pagãos negaram Deus e adoram seres inanimados, de igual modo, pensando que não tem alma racional, encontram aí o castigo da sua loucura, e se colocam no número dos animais sem razão. Também, como se não tivessem alma, põem a sua religião nas coisas inanimadas, e por isso são dignos de compaixão, e têm necessidade de que se os conduza pela mão. Se, ao contrário, pensam que tem alma, e nisto fazem bem, por que, como se não tivessem alma, ousam agir contra a razão, e pensar o que não é conveniente pensar, e se pôr eles mesmos acima da divindade? Pois tendo uma alma imortal e invisível, imaginam que Deus existe à imagem dos seres visíveis e mortais. E porque não voltam para Deus, do mesmo modo que se afastaram dele? Porque do mesmo modo que pelo pensamento se afastaram de Deus e se fizeram deuses do nada, eles podem pelo espírito que está na sua alma subir até Deus e voltar de novo a ele. Podem fazê-lo se depuserem as manchas das paixões de que estavam revestidos e se se purificarem assaz para se desembaraçarem de tudo o que de estranho se juntou à sua alma e a mostrarem somente tal qual foi feita, para poder assim contemplar nela o verbo do Pai, segundo o qual eles foram feitos no princípio. Porque ela foi feita à imagem de Deus e criada à sua semelhança, como o

³⁸¹ FRANGIOTTI, 2002, p. 61-62.

³⁸² WINSTON, David. **The Wisdom of Solomon**. Garden City: Doubleday, 1982. p. 247.

mostra a divina Escritura, usando as palavras de Deus: “Façamos o homem à nossa imagem e semelhança” (Gn 1,26).³⁸³

Atanásio entende que é a alma, imortal e invisível, que é feita à imagem e semelhança de Deus; desta forma, ao contrário de que alguém poderia concluir precocemente, os pagãos não são vistos como animais por Atanásio. Atanásio está afirmando que, ao negar que possuem alma vivente, os pagãos negam – erroneamente – que sejam humanos, porque apenas aos humanos foi dada a imagem e a semelhança de Deus. Esta alma precisa ser purificada para que possa estar em contato com Deus. Apenas a alma purificada de paixões pode servir para contemplar nela o Verbo do Pai, Jesus Cristo.

Para Atanásio, é na alma que subiste a capacidade de raciocinar, exclusiva à humanidade.³⁸⁴ Ao contrário do mundo animal, conforme ele, a humanidade tem a capacidade de não apenas sentir, porém, ser juiz sobre os seus sentidos. Semelhante a um instrumento musical, que por si só não pode produzir música, porém precisa ser tocado corretamente por um artista, o corpo humano não é, para Atanásio, o juiz de suas ações, e sim a alma que habita nele. “Isto é próprio só do homem e é a racionalidade da alma humana que a distingue dos seres sem razão, e mostra que verdadeiramente é outra do que aquilo que é visível no corpo.”³⁸⁵

O corpo, sem alma, se comportaria, então, como um animal selvagem, que foge ou ataca ao mínimo sinal de perigo, e apenas se deixa domesticar com muito esmero. Desta forma, o ser humano é corporalmente um animal, porém sua alma o faz algo superior aos animais – o põe em semelhança para com Deus.

Esta semelhança da alma para com Deus se mostra, conforme Atanásio, na natureza de Deus. Deus é como um chefe de estado para com a sua criação, e é pelo seu ministério que elementos opostos não se destroem, porém colaboram, e a natureza funciona normalmente, com o intercâmbio de inverno e verão, ou dia e noite, por exemplo.³⁸⁶ Assim é o corpo humano, e esta é a mesma função que a alma tem dentro dele:

E da mesma maneira, vendo num corpo a união dos membros entre si, que o olho não está em guerra com o ouvido, e que a mão não disputa com o pé,

³⁸³ FRANGIOTTI, 2002, p. 95.

³⁸⁴ FRANGIOTTI, 2002, p. 93.

³⁸⁵ FRANGIOTTI, 2002, p. 94.

³⁸⁶ FRANGIOTTI, 2002, p. 100.

mas que cada um exerce sem disputa as suas próprias funções, concluímos que há no corpo uma alma que comanda os membros, também se não a vemos. Assim, a ordem e a harmonia do universo levam necessariamente a conceber um Deus que comanda todas as coisas, e um Deus único e não múltiplo.³⁸⁷

Existe a possibilidade de que Atanásio extraiu também este raciocínio da epístola a Diogneto. Lá, no capítulo 6, se considera os cristãos a alma do mundo: “Assim como a alma está no corpo, assim os cristãos estão no mundo”.³⁸⁸ Desta forma, se o Verbo de Deus, ou seja, Cristo, é o fundador da religião cristã, os cristãos passam a agir de acordo com as ordens de Cristo, que, como foi ressaltado anteriormente, é para Atanásio a sabedoria, o Verbo e o demiurgo de Deus.

Por causa disto, unindo o testemunho do escritor anônimo que se direciona a Diogneto com as assertivas de Atanásio, as pessoas cristãs podem ser chamadas de “alma do mundo”, sendo o lugar de ação do Espírito Santo, e se tornando uma espécie de instrumento de Deus.

Conclui-se que Atanásio se vale de duas grandes fontes para redigir esta obra: a primeira, as decisões do Concílio de Niceia, nominalmente, a ideia de divindade do Filho. A segunda premissa para a redação de “Contra os Pagãos” é a tradição cristã anterior ao Concílio de Niceia, nominalmente a Epístola a Diogneto, ou ao menos alguma fonte comum que o escritor da mesma e Atanásio conheciam. Desta forma, Atanásio não inova na sua doutrina – ela está firmemente fundamentada nas Escrituras e na tradição cristã anterior ao Concílio de Niceia.

3.3.2 Aurélio Agostinho de Hipona: Primeira Catequese aos Não-Cristãos [parte 2]

Semelhante à obra de Atanásio de Alexandria (Contra os Pagãos e A Encarnação do Verbo) apresentada nesta dissertação, a Primeira Catequese aos Não-Cristãos é bipartite. Na primeira parte, que foi analisada no primeiro capítulo desta dissertação, trata-se de metodologia da catequese. Na segunda parte, Agostinho apresenta um discurso catequético como possível modelo para o destinatário, o catequista Deogratias, fundamentando-o claramente nas Escrituras e

³⁸⁷ FRANGIOTTI, 2002, p. 101-102.

³⁸⁸ FRANGIOTTI, 1995, p. 23.

apresentando como as interpreta. A principal diferença entre a obra de Agostinho e aquelas que foram analisadas até agora é que a Primeira Catequese aos Não-Cristãos apresenta o relato da criação, no livro de Gênesis, como uma figura de todo o porvir da história.³⁸⁹

Estas são as seis eras desde a criação do mundo, conforme Aurélio Agostinho: De Adão a Noé, de Noé a Abraão, de Abraão a Davi, de Davi à catividade babilônica, de lá até Jesus e a sexta persiste desde Jesus – a sétima será o reino dos céus.³⁹⁰ De fato, o texto bíblico não enuncia, na história da criação, que a ação criadora de Deus fosse um prenúncio ou figura do porvir; Agostinho deve ter aprendido esta premissa de algum professor dele, possivelmente de Simpliciano ou do seu bispo Ambrósio, que o batizou, ou ainda de sua mãe Mônica, que era uma mulher muito instruída na doutrina cristã. Talvez Agostinho ainda lera algum livro escrito por um Pai da Igreja acerca do assunto, e retransmite aqui o que aprendeu.

O próprio Agostinho apresenta como fundamentação da divisão da terceira, quarta e quinta era (de Abraão a Davi; de Davi à catividade babilônica; da catividade babilônica a Jesus) o Evangelho de Mateus, em cujo primeiro capítulo se encontra a genealogia de Jesus.³⁹¹ Esta é dividida em três seções de 14 gerações cada, que correspondem às três eras, iniciando a partir do ancestral Abraão. Pode-se dizer que a divisão do período pré-abraâmico em duas eras, uma antes e outra depois de Noé, é lógica, porque, conforme o livro de Gênesis, toda a raça humana perecera no dilúvio, exceto Noé e os seus, sendo Noé um novo pai para toda a humanidade, como Adão o fora antes dele.

É interessante notar que Agostinho entende eventos de eras anteriores também como figuras de eventos da sexta era. Não apenas é a história da criação uma prolepse de todo o porvir até o fim dos tempos, como cada uma das eras significadas nos dias pode conter anunciações sobre eras vindouras. Esta opinião não é divergente daquela de Ireneu e Atanásio. Seja lembrado aqui que Ireneu extrai do livro de Isaías praticamente a mesma quantidade de citações para apresentar a obra de Cristo – que não havia nascido ainda no tempo da redação deste livro – quanto dos Evangelhos, e que Atanásio depreende sua cristologia na “Exposição da Fé” não

³⁸⁹ MITTERER, 1925, p. 277.

³⁹⁰ MITTERER, 1925, p. 290.

³⁹¹ MITTERER, 1925, p. 290.

apenas do Evangelho de João e das epístolas de Paulo, mas também de fontes veterotestamentárias, como os Provérbios de Salomão e o livro do profeta Jeremias. Alguns exemplos serão aduzidos aqui para apresentar como Agostinho fundamenta sua opinião na “Primeira Catequese aos Não Cristãos” acerca deste assunto.

O primeiro exemplo é o livro do Êxodo. Mediante o símbolo da madeira (arca da aliança e cruz) e a água do Mar Vermelho, o batismo é prefigurado; o dedo de Deus, que escreve a Lei, é o Espírito Santo; os santos da época cumprem a lei de forma interior e interpretando o Cristo que haveria de vir em todos os sinais exteriores.³⁹² Citando literalmente o teólogo africano nas palavras da tradução de Mascarenhas Roxo,

Assim como no dilúvio, pelas águas, a terra foi purificada da maldade dos pecadores, destruídos pela inundação, enquanto os justos escaparam pelo madeiro da arca, assim, saindo do Egito, o povo de Deus encontrou o caminho através das águas, pelas quais os inimigos deles pereceram. Aqui também não faltou o mistério do lenho. Pois para acontecer aquele milagre, Moisés bateu na água com a vara. Ambas as coisas são sinais do santo batismo, através do qual os fiéis passam para uma vida nova, enquanto os pecados deles, como inimigos, são apagados e morrem. Ainda mais claramente é prefigurada naquele povo a paixão de Cristo, quando Ihes foi ordenado matar e comer um cordeiro, marcar com sangue dele os batentes das portas, celebrar cada ano o acontecimento e chamá-lo de Páscoa do Senhor. A profecia sobre o Senhor Jesus Cristo [em Isaías 53] diz com toda a clareza que foi ‘levado para ser imolado como um cordeiro’.³⁹³

Aqui reaparece a forma de leitura bíblica do Pentateuco que foi apurada na Didaquê. O Pentateuco não vale mais como lei para a cristandade, entretanto, quando pode ser interpretado de acordo com o Evangelho, mantém-se válido para a atualidade de Agostinho. A vara de Moisés e a arca de Noé não eram nem em forma nem em utilidade semelhantes a uma cruz, e tampouco semelhantes entre si; os cordeiros sacrificados na primeira Páscoa dos judeus certamente não podem ser Jesus Cristo, que é, conforme a compreensão dos cristãos, simultaneamente humano e divino, mas não animal. Entretanto, estas coisas prefiguram – ainda que não sejam – os eventos da vida de Cristo e da Igreja.

Quando João Batista vê a Cristo em Jo 1,29, ele diz: “Eis o Cordeiro de Deus, que tira o pecado do mundo”. Está fora de questão que todos os Pais da Igreja estudados nesta dissertação conheciam esta citação do Evangelho de João. Em si, é

³⁹² MITTERER, 1925, p. 285-286.

³⁹³ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 118-119.

estranho chamar um ser humano de cordeiro. Porém, ao invés de entender o trecho literalmente, imaginando um quadrúpede, e não um homem, conversando com João Batista, Agostinho procurava entender a partir das escrituras do Antigo Testamento – que eram conhecidas e veneradas como sagradas tanto por Jesus Cristo como por João Batista – porque se aplicava esta alcunha a Cristo. Então, onde aparecia a figura do cordeiro, ela fora interpretada como prefiguração do Cristo. Considerando que Ireneu de Lião também arrola Is 53 como profecia da crucificação de Cristo, esta compreensão e modo de ler o Antigo Testamento certamente antecede em mais de dois séculos a vida e obra de Agostinho.

Qualquer texto e figura do Antigo Testamento está sujeita a ser interpretada como figura de alguma situação do Novo Testamento, ou da sexta era, como Agostinho o denomina nesta Catequese. O simples fato de que o bordão de Moisés era de madeira, e não de outro material qualquer, qualifica-o para representar a cruz, assim como a Arca de Noé. E não apenas valem estas prerrogativas para a vida de Jesus e o período de redação dos 27 livros do Novo Testamento, mas também para a atualidade; também se apresenta as águas do dilúvio e do Mar Vermelho como prefiguração do batismo, um ritual que a cristandade perfaz até os presentes dias.

Isto se mostra muito claramente quando a história da catividade babilônica é aplicada para a Igreja do contexto de Agostinho. As pessoas piedosas vivem em meio do reino da maldade – assim como o povo de Deus, os judeus, viviam entre os babilônios idólatras. Embora alguns dos governantes sejam piedosos e se convertam à religião dos prisioneiros, muitos não querem aceitar a Deus, razão pela qual é necessário orar por eles, bem como pelos concidadãos que não são, ou ainda não são, cidadãos da Jerusalém espiritual, mas sim da Babilônia dos infernos.³⁹⁴

A atualidade de Agostinho, isto é, a situação de muitos cristãos empobrecidos e famintos, não raro governados e empregados por líderes e patrões cruéis e indiferentes à sua miséria, é considerada um cumprimento daquilo que a história do povo hebreu anunciou figuradamente. Também a promessa do Reino dos Céus para as pessoas cristãs está figurada, conforme Agostinho, no período de 70 anos pelo qual durou o cativeiro. Este representa a vida terrena, após a qual os cristãos, independente de qual posição tiveram neste mundo, esperam a ressurreição para a

³⁹⁴ MITTERER, 1925, p. 287-288.

vida eterna, e os ímpios, o inferno.³⁹⁵ Possível é que Agostinho tenha retirado a ideia de que “70 anos” seja uma paráfrase para o período da vida humana do Sl 90,10, onde consta: “Os dias da nossa vida chegam a setenta anos, e se alguns, pela sua robustez, chegam a oitenta anos, o orgulho deles é cansada e enfada, pois cedo se corta e vamos voando.”

É interessante que teólogos posteriores, como Martinho Lutero, reaproveitaram a ideia de “catividade babilônica” como figura para “sofrimento temporal da Igreja”, dentro de seu próprio contexto. Lutero escreveu um tratado com este tema, sob o nome “Do Cativo Babilônico”, mais de mil e cem anos mais tarde, em 1520, e uma vez que era monge agostiniano, é muito provável que leu a Primeira Catequese aos Não Cristãos.

Lá, Lutero aplica a figura do cativo a situações que considera tiranias do sistema eclesial romano de sua época; por exemplo, a ordem de que a cristandade leiga apenas comesse o pão na Eucaristia, sendo que o vinho ficava reservado aos sacerdotes.³⁹⁶ Percebe-se que a interpretação agostiniana de figuras do Antigo Testamento para dentro do contexto do autor se manteve como método de aproximação das Escrituras, e que uma figura poderia ser aplicada em vários contextos diversos: por exemplo, Agostinho não pensava em opressão religiosa quando empregou a figura na Primeira Catequese aos Não Cristãos, e sim socioeconômica.

Aurélio Agostinho recomenda, portanto, a orar por todos aqueles que praticam a impiedade, para que se convertam e possam ter parte na herança da cristandade, até mesmo pelos monarcas que perseguem os seguidores de Cristo.³⁹⁷ É interessante que a resistência que o rei Zedequias de Judá e seus exércitos ofereceram à Babilônia (cf. 2Rs 25,1-3), que durou mais de um ano, não é apresentada como figura e exemplo para a Igreja.

A razão da omissão desse fato histórico na Primeira Catequese aos Não-Cristãos deve ser procurada na forma como Cristo ensina nos Evangelhos aos seus discípulos a liderar a Igreja. Não há em nenhum discurso de Cristo uma exortação à

³⁹⁵ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 123.

³⁹⁶ LUTERO, Martinho. Do cativo babilônico da Igreja. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2, p. 354.

³⁹⁷ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 123.

resistência armada; o cristianismo não deve usar de violência para eliminar os seus inimigos. Conclui-se, portanto, que apenas as partes da história do povo judeu que podem ser aproximadas do Evangelho por alguma semelhança são aproveitadas como figuras por Agostinho, e nenhuma figura pode invalidar ou pôr em questão um ensinamento de Cristo.

Nas outras eras, havia vários líderes, profetas, reis, juízes e mensageiros de Deus, cujo ensinamento era a palavra de Deus para o seu tempo. Entretanto, para a sexta era, apenas a vida e o ensinamento de Jesus Cristo servem de lei e orientação para o povo de Deus: assim, todos os aspectos do agir de Cristo são dignos de imitação pela cristandade. Por exemplo, ninguém deve se gloriar de riqueza e glória exteriores, como ele também não o fez; a notícia do amor de Deus deve ser espalhada para todos os povos, e cada pessoa deve participar, como ele a espalhou. O povo deve obedecer a Deus simplesmente porque o ama, e este amor provém do fato de que ele nos amou primeiro, que deve ser notícia conhecida em todos os lugares, conforme a sua ordem no desfecho do Evangelho de Mateus.³⁹⁸

O discurso de Agostinho conclui reforçando esta máxima de que não o texto bíblico em si, descontextualizado, deve ser interpretado como ordem, e sim apenas aquele que pode ser posto em concordância e harmonia com a ideia de que se deve usar de misericórdia com toda a humanidade e de que há uma vida após esta, eterna; toda pessoa, pelo simples fato de estar viva, poderá ser herdeira do Reino dos Céus pela vontade de Deus, caso ser convertida, e pelo simples fato de estar viva, é alvo da caridade dos cristãos.

Em seguida [o catecúmeno] deve ser exortado para, dali em diante, quando ouvir algo da Escritura com som carnal, mesmo sem entender, creia que tem um sentido espiritual dizendo respeito aos santos costumes e à vida futura. Assim ele aprende em pouco tempo que o que ele ouvir dos livros canônicos que não pode ser colocado em referência ao amor da eternidade, da verdade e da santidade, nem ao amor do próximo, ele deve crer dito ou acontecido de modo figurado; e assim procure entendê-lo referente àquele duplo amor. Assim, não vai mais compreender 'próximo' de maneira carnal, mas como todo aquele que poderá estar com ele na santa cidade, que isto já apareça ou ainda não, e nunca vai perder a esperança de correção de nenhuma pessoa, pois, como diz o Apóstolo, a paciência de Deus não o deixa viver por nenhum outro motivo, senão o de ser conduzido à penitência.³⁹⁹

³⁹⁸ MITTERER, 1925, p. 287-290.

³⁹⁹ MASCARENHAS ROXO, 2013, p. 139.

Perceba-se a ênfase na centralidade do Evangelho como aquela parte das Escrituras Sagradas que é mandatória para a cristandade. Todo o resto precisa estar subordinado a este Evangelho; e se o sentido “carnal”, isto é, literal, de uma passagem de outra escritura canônica não condiz com o Evangelho, ou aparenta contrariá-lo, isto não invalida esta passagem, apenas invalida a interpretação literal da mesma. É necessário mais preparo que a Primeira Catequese para entender este sentido, entretanto, tudo o que é necessário para a salvação se encontra nos quatro Evangelhos, e não é a compreensão perfeita de todas as Escrituras que conduz à salvação, mas sim a fé em Cristo e a conseqüente obediência a Cristo.

Conclui-se que Aurélio Agostinho se vale de dois pressupostos muito antigos: o primeiro é a ideia da supremacia do Evangelho sobre o restante da Escritura Sagrada, que já aparece claramente na Didaquê, três séculos anterior à obra aqui analisada. O segundo é o uso de figuras do Antigo Testamento, que aparece na “Demonstração da Pregação Apostólica” de Ireneu de Lião, onde se comparam botas descartadas de soldados às pessoas que não vivem conforme a lei de Deus. Entretanto, a subdivisão de todo o Antigo Testamento em cinco eras é uma situação que não aparece em nenhum dos livros anteriormente analisados, não discordando, porém, com algum destes. Percebe-se que as conseqüências da obra de Agostinho se estenderam por mais de um milênio após a redação da mesma, influenciando teólogos quinhentistas como Lutero. A decisão pelo estudo da Primeira Catequese aos Não Cristãos para apurar o modo de leitura bíblica de Aurélio Agostinho e da Igreja de seu tempo certamente se justifica a partir desta percepção.

3.4 CONCLUSÃO

3.4.1 Leitura Bíblica no período pré-niceno

Conclui-se que, durante o período pré-niceno, houve constância em várias compreensões, ao menos no que se pôde depreender dos escritos acima estudados. A mais importante é a ideia de que o Evangelho é a única norma para a cristandade. Nenhum livro, salvo os quatro Evangelhos, tem poder de determinar à comunidade de fé como deve agir em respeito a qualquer assunto – apenas os ditos de Jesus, cuja divindade, como foi analisado acima, estava clara desde o início, tem poder para dirimir questões de conduta e vivência.

Se não estava explícito desde o início que há apenas quatro Evangelhos canônicos, Ireneu extirpa qualquer sombra de dúvida ao fundamentar no Apocalipse a autoridade dos escritos de Mateus, Marcos, Lucas e João; entretanto, os comentaristas não conseguem encontrar citações de outros Evangelhos nas obras anônimas apresentadas neste compêndio.

O livro de Atos, não mencionado significativamente na Didaquê e no escrito a Diogneto, encontra sua validação e valorização nos escritos de Ireneu. A epístola que foi escrita após o concílio apostólico de Jerusalém (At 15) é confirmada como documento normativo, que aprova, precede e regula a expansão missionária organizada da cristandade para todas as nações, da qual Paulo é o maior protagonista.

As epístolas do Novo Testamento, das quais as paulinas são citadas com mais frequência, não têm a mesma autoridade que os Evangelhos; entretanto, são úteis para adicionar informações e enriquecer o texto, aprofundando o estudo de um determinado tema. As epístolas explicam o Evangelho, não o contradizem, e não aduzem informações acerca da salvação que não possam ser encontradas nos quatro Evangelhos canônicos; não são uma nova doutrina, e sim uma explicação acerca da doutrina.

Lamentavelmente, não é possível estudar o Apocalipse e sua escatologia a partir dos escritos aqui propostos. A escatologia da Didaquê aparenta estar baseada exclusivamente em Mateus; a epístola a Diogneto também não se vale do Apocalipse. Ireneu não aproveita o Apocalipse para fins escatológicos em nenhum dos dois escritos que se analisou aqui, entretanto, confirma a sua autoridade ao embasar a autoridade dos quatro Evangelhos a partir dele.

Uma possível explicação para a ausência de explanações sobre os textos escatológicos do Apocalipse é a ausência de percepção dos sinais da volta de Cristo – seja os descritos na Didaquê ou nos catálogos de selos, trombetas e taças que o Apocalipse de João apresenta; se Ireneu, discípulo de Policarpo, considera este livro autêntico, não é plausível que Policarpo o tenha rejeitado ou desconhecido, e sendo Policarpo discípulo dos apóstolos, é igualmente implausível que tenha sido desconhecido na cristandade do início do século II.

Acerca do Antigo Testamento, percebe-se que há unanimidade no conceito de que a Lei de Moisés não é mais válida para a atualidade. A nova revelação de Cristo aos seus apóstolos substitui a revelação dada por Deus a Moisés, no que tange a vivência e conduta da comunidade. Entretanto, permanece Escritura Sagrada por ser revelação divina, não direcionada diretamente à cristandade - nem por isso menos divina. Portanto é citada ocasionalmente, quando convém à explicação de um assunto.

O mais utilizado dos cinco livros é o Gênesis, no qual se dá a criação do mundo, da qual Cristo participou ativamente, como concorda a tradição da Igreja; entretanto, é duvidável que em todos os lugares havia um exemplar do Gênesis como o conhecemos hoje; tanto o texto como a interpretação provavelmente não estavam disponíveis em todos os lugares como as tradições cristã e judaica o preservaram, e decerto muitas “gêneses” pseudoepígrafas e muitas interpretações heterodoxas circulando no Império Romano dos primeiros três séculos após o nascimento de Cristo; fundamentar a autoridade do livro de Gênesis contido no Pentateuco era extremamente necessário.

Um traço comum dos quatro livros pertencentes ao período pré-niceno analisados nesta dissertação é a quase total ausência dos livros históricos do Antigo Testamento na fundamentação de doutrinas, sequer na explicação de alguma situação importante no tema a ser tratado. Isto mostra que a opinião vigente era de que os cristãos são um novo povo, que não precisa se judaizar para poder se tornar descendente de Abraão (cf. Gl 3), mas sim tem a filiação abraâmica exclusivamente pela fé em Cristo. Disto não se pode concluir, todavia, que judeus e samaritanos estivessem excluídos da possibilidade de participar da Nova Aliança, se professassem a fé em Cristo – muito pelo contrário, a cristandade esteve aberta a pessoas de todas nações quantas possam existir e vir a existir desde quando veio a ser.

Muito mais útil aos escritores pré-nicenos que a historiografia do povo judeu foram os escritos sapienciais e proféticos que este povo legou à humanidade. Tanto da sabedoria, por exemplo dos salmos, quanto dos livros proféticos, como de Isaías, se extraíam anúncios do advento de Cristo, e de eventos dos quais os Pais acreditavam que ainda estariam por vir. A escatologia pré-nicena não se embasava com exclusividade no Apocalipse – do qual se percebeu que quase não recebe

atenção nos livros apresentados – e tinha como suas fontes textos de ambos os testamentos.

Os livros sapienciais do Antigo Testamento cujo texto original hebraico não se tem mais na atualidade, como a Sabedoria de Salomão, bem como escritos como a Epístola de Jeremias, não perderam a validade para a comunidade cristã da época pré-nicena. Uma vez que a sabedoria hebraica abomina a idolatria pela mesma razão que leva a cristandade a rejeitar este modo de vida, é favorável utilizá-la, sem qualquer alteração de seu conteúdo, para convencer os fiéis de divindades pagãs a abandonarem os seus cultos.

Entretanto, houve situações nas quais os escritos pré-nicenos se diferenciaram entre si. A Didaquê abriga uma citação de uma epístola não apostólica, de Clemente de Roma – uma situação que nem o redator do escrito a Diogneto nem Ireneu de Lião conceberam nas obras analisadas, conforme se verificou nos comentários. Isto realça ainda mais a importância superior do Evangelho em relação às epístolas, em cuja explicação pode-se usar mesmo fontes de autoridade menor, conquanto apenas não o contrariem.

A epístola a Diogneto não tem este enfoque em material evangélico, como Ireneu e a Didaquê; os escritos de Paulo predominam, porque é necessário explicar da forma mais simples possível a um desconhecedor da religião cristã porque é importante ter fé para ser salvo, e o Evangelho é muito bem explicado e contextualizado a partir de Paulo na concepção do escritor.

Ireneu, ao contrário dos dois outros escritores, fundamenta a todo o tempo tudo o que ensina em escrituras do Antigo e Novo Testamento, possibilitando encontrar centenas de citações escriturísticas em cada uma de suas obras. Este zelo pela autenticidade de seu testemunho, cujo objetivo é claramente a transmissão e interpretação da mensagem de Cristo, mostra como em sua época se multiplicavam os livros sem fundamento nas tradições judaica e apostólica, e como a sanidade da doutrina das comunidades da região onde Ireneu atuava corria perigo.

Desta forma, a leitura bíblica pré-nicena foi sempre acompanhada de princípios básicos, que foram apresentados acima, entretanto, sempre disposta a dialogar com o contexto, com os fins de converter almas a Cristo e refutar opiniões contrárias à cosmovisão cristã.

3.4.2 Leitura bíblica nicena e pós-nicena

Ao analisar dois escritos de Atanásio e um de Agostinho, percebeu-se que após o Concílio de Niceia, a forma de se aproximar do texto bíblico não fora radicalmente alterada em consequência deste evento. Pelo contrário, assim como o Concílio de Niceia serviu para reafirmar a doutrina de que Cristo é Deus consubstancial ao Pai, que já estava clara para a comunidade cristã pré-nicena, assim a leitura bíblica pós-nicena reafirma os princípios demonstrados na leitura pré-nicena.

A opinião de que o Evangelho é equivalente aos cristãos ao que é o Pentateuco aos judeus, a saber, o fundamento de toda a sua religião, permaneceu intangida por Atanásio e Agostinho, e eles tampouco alteraram a compreensão de cada um dos quatro escritos apresentada por Ireneu. Fundamentações acerca da pessoa de Cristo são manifestas com citações do Evangelho de João; quanto o assunto é vivência e conduta, a explanação parte do Evangelho de Mateus.

O emprego de epístolas, mormente de Paulo, continua servindo como explicação adicional ao Evangelho. E semelhante aos escritos anteriores, praticamente não se percebe o uso do Apocalipse, apesar de comprovadamente ser reconhecido como autêntico desde então. A mesma razão que se apresentou na seção sobre leitura bíblica pré-nicena deve ser a causa – a ausência de comprovação dos sinais apresentados no livro.

Acerca do Antigo Testamento, percebe-se que não houve significativas alterações na compreensão dos livros – o Pentateuco é lido praticamente da mesma forma como o escritor didaquista, o escritor a Diogneto e Ireneu de Lião o interpretavam. O Gênesis, nominalmente a criação, é relido à luz de Cristo, como Ireneu o fez.

Qual é, portanto, a principal inovação da leitura bíblica pós-nicena? Faz sentido estudar leitura bíblica pós-nicena como um bloco separado ou nada muda em relação à leitura bíblica pré-nicena? Faz sentido, pois, conforme a pesquisa feita aqui, entende-se que após Niceia, houve mudanças, não necessariamente na compreensão, mas sim na metodologia.

Em primeiro lugar, os escritores pós-nicenos se valem de escritos anteriores, não canônicos, para compreender e empregar os textos bíblicos. Atanásio o fez em

“Contra os pagãos”; a proximidade à Epístola a Diogneto é muito clara. Se bem que Atanásio usou um capítulo do livro de Sabedoria que o escritor anônimo a Diogneto não empregou, a compreensão sobre a alma humana que ele apresenta foi enunciada naquela epístola, e há outros indícios de que Atanásio conhecia e leu esta obra. A epístola a Diogneto não é canônica para Atanásio, mas nem por isto deixa de ser um material importante para a pesquisa acerca de um texto bíblico e sua aplicação. O uso de escritos anteriores a Niceia pela comunidade cristã pós-nicena equivale à leitura de um comentário bíblico ou prédica por uma pessoa cristã moderna interessada em se aprofundar em um determinado livro ou capítulo da Bíblia. Não cessou, em momento algum, a transmissão oral de conhecimento acerca da Bíblia, feita mediante a pregação aos domingos e nas reuniões para catequese, apenas fora suplementada por subsídios escritos.

O principal elemento não encontrado deste modo no período pré-niceno é a sistematização do Antigo Testamento em cinco eras, bem como a definição clara da ideia de figura, que se encontra na obra de Agostinho. Certamente, os escritos irenaicos apresentam figuras, mas não uma definição clara acerca do que é uma figura e como deve ser interpretada. A partir da interpretação figurada do Antigo Testamento, pode-se aproveitar momentos da história do povo judeu, que passou praticamente despercebida nos escritos pré-nicenos analisados, para a interpretação no contexto da Igreja. Assim, o cativeiro babilônico pode ser interpretado para o momento social no qual Agostinho vivia. Todos os textos do Antigo Testamento podem ser interpretados de forma figurada.

Desta forma, a leitura bíblica no período pós-niceno não abandona nenhum traço da pré-nicena; muito antes, sistematiza os avanços feitos anteriormente e os usa com o intuito de compreender melhor assuntos que antes não eram tratados. Os autores dos dois períodos apresentam as mesmas conclusões acerca dos mesmos assuntos, porém na época pós-nicena, transparece mais e mais a metodologia empregada para acessar a verdade bíblica.

4 CONCLUSÃO

Após a pesquisa acima demonstrada, conclui-se que a catequese é elemento constante e constituinte da Igreja, e este ensinamento e transmissão se deu com fundamentação praticamente exclusiva nas Escrituras Sagradas de Antigo e Novo Testamentos. Não se usou, todavia, de todas as fontes bíblicas de forma arbitrária, desconsiderando a origem e intenção de cada texto. Uma lei de Deus para outro povo ou um texto nem sequer escrito com o fim de normatizar alguma situação não deve ser usado como norma para os cristãos.

Considerando esta situação, importa apresentar quais textos foram empregados a que fim dentro da catequese. A opinião professada por Ireneu de Lião sobre os quatro Evangelhos norteia a compreensão que se teve deles nos escritos analisados. Ireneu classificou, como fora analisado, o Evangelho de João como aquele que melhor representa a divindade e os atributos de Cristo, e os sinóticos, como referentes à vida humana de Jesus, sendo que Mateus é o Evangelho da humanidade em geral, e Lucas e Marcos, respectivamente, os Evangelhos sacerdotais e proféticos.

As comunidades cristãs da era Patrística se valeram dos Evangelhos deste modo; dos sinóticos, extraíram explicações para como se posicionarem no cotidiano, com uma insistência categórica em uma vida que não cause dano ao próximo, mas sim dê testemunho do amor de Deus mostrado pela humanidade em Jesus Cristo, retransmitindo e imitando este amor; não apenas se afastavam da prática de idolatria, roubo, homicídio, ou imoralidade sexual, mas também se afastavam de pessoas que viviam desta forma.

A cristandade entendeu, a partir dos Evangelhos sinóticos, que não basta apenas se abster do mal, mas também é necessário praticar o bem e eliminar as consequências do mal. Tanto a Didaquê, o escrito mais antigo, quanto a primeira catequese aos Não-Cristãos, o mais recente dos aqui arrolados, explicam a necessidade de ajudar as pessoas famintas e necessitadas. Cristo, o exemplo de humanidade, sacerdote e profeta, ensinou aos discípulos tudo isto, e as comunidades da era patrística retransmitiam o testemunho dos discípulos, catequizando os seus alunos e alunas.

Porém, a cristandade é muito mais que um grupo de pessoas caridosas que foi iluminado por um grande homem com muitas qualidades morais e intelectuais. Jesus Cristo é o Verbo, é a Sabedoria, é Deus, consubstancial com o Pai. Sendo Deus, a autoridade dele como fundador da religião cristã é inquestionável. O testemunho acerca dele, que foi codificado nos quatro Evangelhos sinóticos, precisa ser guardado fielmente a qualquer custo. O Evangelho de João é a fonte da qual as comunidades hauriam a certeza de que Cristo é mais que um profeta e um sacerdote – ele estava com Deus-Pai e o Espírito Santo desde o início. Por isto, por ser Deus o fundador da religião cristã, os ensinamentos de Deus – Jesus Cristo – têm a autoridade tão garantida, e é também a partir da bondade e do amor de Cristo, até a morte e morte de cruz, que se percebe a bondade de Deus-Pai para com a sua criação, que deve ser imitada pela cristandade em todos os aspectos da sua vida.

Está claro até então que a vivência do cristianismo está diretamente atrelada à fé em Cristo, e esta só pode provir de uma catequese autêntica e em total conformidade com os ensinamentos de Cristo. Para entender onde procurar uma tal catequese, as comunidades cristãs tinham ao seu dispor o livro de Atos dos Apóstolos, onde podiam encontrar a história da evangelização de vários locais por apóstolos e outros seguidores e seguidoras fiéis do Senhor Jesus. Nestes locais, havia comunidades cristãs que mantinham a tradição dos apóstolos.

Entretanto, desde o início houve pessoas no meio da comunidade cristã que catequizavam sem que o ministério deles estivesse em conformidade com o recebido pela Igreja. No período dos apóstolos, inventavam leis alimentícias que não haviam sido ensinadas pelos mesmos; na época da Didaquê, buscavam formas de se infiltrar na comunidade cristã para abandonarem a vida honesta e se locupletar às custas do trabalho da comunidade, muito além do que um autêntico profeta ou sacerdote de Deus precisaria pelo seu exercício de pregação do Evangelho ou condução de liturgia. Mais tarde, no período de Ireneu e após, muitos sequer se deixavam batizar, tendo literalmente nada em comum com a tradição cristã, e buscavam converter pessoas de comunidades cristãs para longe de Deus a si próprios e às invenções de suas mentes.

Nisto também serviu como base para leis de vivência a epístola escrita por todos os apóstolos em Jerusalém legada em At 15. Apenas a idolatria, seus alimentos, e tudo o mais que pertence a este modo de vida, a ingestão de sangue, a imoralidade sexual e a atitude hipócrita – fazer a outra pessoa o que não se quer que se faça a si

próprio – são abominação para a cristandade. Nada mais que isto pode ser imposto como proibição para a comunidade cristã, e uma violação cônica e impenitente destas premissas é um rompimento com a cristandade. Percebe-se que estas proibições permaneceram em outros documentos posteriores, sendo claramente explicadas principalmente a partir dos Evangelhos.

A história da transmissão dos preceitos legados por Cristo começa da forma apresentada no livro de Atos – o Espírito Santo é aquele pelo qual os apóstolos são ordenados a praticar a catequese, e assim servir as pessoas no intuito de alcançar a salvação eterna, o reino celestial de Deus após o fim deste mundo. Entretanto, a história da Igreja não acaba em Atos, ela continua até o retorno de Cristo, que ainda não se deu até o presente momento, e tampouco os apóstolos escreveram apenas a carta de At 15; desta forma, todas as outras 21 cartas, 14 de Paulo, sete de outros apóstolos, servem de explicação e aprofundamento em assuntos evangélicos.

Os livros aqui analisados foram escritos com o mesmo intuito que as 21 cartas do Novo Testamento: dirimir dúvidas e explicar o Evangelho às comunidades e também a pessoas que ainda não tinham experiência na caminhada de fé cristã. Porém, as epístolas bíblicas foram escritas por pessoas que viram a Jesus, e andaram com ele, e estes escritos por seguidores dos apóstolos e seus sucessores, e por isto não entraram no cânone.

Que a experiência de Paulo com Jesus no caminho a Damasco tenha sido autêntica, e deste modo possa se afirmar que ele também viu a Jesus, disto os redatores dos escritos aqui analisados não tinham dúvida. Para Ireneu, o Evangelho de Lucas e o livro de Atos têm autoridade por terem sido escritos por um companheiro de Paulo, e não Paulo por ter sido mencionado no livro de Atos. Este tipo de argumento de autoridade vale para, por exemplo, o bispo romano Lino, que foi citado em II Timóteo por Paulo.

Assim, se a comunidade confessava que Cristo está fisicamente presente ao lado de Deus-Pai no céu após sua ascensão, se manifesta que ele também é não apenas humano, mas também divino e espiritual por poder ordenar um apóstolo conforme a sua vontade, descendo dos céus, sem precisar se limitar aos Onze que ainda viviam a época de sua ascensão aos céus. Este Paulo fora reconhecido pelos Onze, e reconheceu a autoridade dos Onze, enquanto pseudoapóstolos eram rejeitados por cada um dos membros do concílio apostólico.

A escatologia destas comunidades se firmava também principalmente nos Evangelhos, explicados pelo testemunho dos apóstolos. Antes de vir o Cristo, haveria de vir o Anticristo, precedido de uma decadência moral nunca antes vista sobre a terra. Todos os sinais do Apocalipse só poderiam ser interpretados após o advento deste estado de coisas, que antecederia o advento de Cristo.⁴⁰⁰

Seja lembrado aqui que no período da patrística pré-nicena, várias atitudes consideradas execravelmente imorais aos padrões hodiernos faziam parte do cotidiano – bestialidades como pederastia, abandono de crianças para a própria morte, violação do corpo da mulher e do homem, escravidão vitalícia e hereditária, sem esperança de qualquer melhoramento, eram corriqueiras e, pelo que tudo indica, costumeiramente passavam impunes. A imoralidade que a Didaquê prenuncia é, entretanto, ainda pior que isto, pois o texto fala de uma imoralidade jamais vista antes.

Mas este pressuposto explica a ausência de interpretações dos símbolos escatológicos do Apocalipse. Se houvesse clareza a respeito destes símbolos, indubitavelmente os catequistas explanariam pormenorizadamente como interpretar os sinais do tempo para perceber a proximidade do advento de Cristo e buscar a salvação o mais breve que possível. Dificilmente, o cumprimento de uma profecia manifestada no Apocalipse não seria um elemento basilar de um discurso com fins de ensinar a comunidade e converter pessoas que ainda não conhecem a Cristo.

Afinal, um dos elementos basilares da catequese de todos os textos analisados é a apresentação do cumprimento de alguma profecia do Antigo Testamento, normalmente no ministério de Cristo. A ideia de que o Antigo Testamento predisse e apresentou o Novo Testamento, e, portanto, Cristo é o mesmo Deus que fez as alianças com Noé, Abraão e Moisés, foi elementar para as comunidades cristãs da era Patrística. Qualquer pessoa em dúvida se o Evangelho de João apresentava uma nova divindade ou não era contrastada com os escritos sapienciais e proféticos do Antigo Testamento, que sabidamente foram escritos e empregados religiosamente pelo judaísmo séculos antes do advento de Cristo à terra.

⁴⁰⁰ Este modo de compreender a escatologia das comunidades cristãs pré-nicenas explica por que o retorno de Cristo, que fora esperado tão ansiosamente pelos cristãos no primeiro século, é muito menos citado em obras nos séculos II e III. A espera por Cristo, com a disseminação dos quatro Evangelhos, e mais tarde, do Apocalipse, se uniu à espera pelos sinais anunciados nestes livros, e ausentes estes, a esperança por um retorno próximo de Cristo diminuiu.

A ideia de que eras temporais vêm e passam, entretanto, é o mesmo Deus que permite a sua vinda e seu pretérito e age em todas elas, foi aperfeiçoada por Agostinho em sua Primeira Catequese aos Não-Cristãos, onde ele divide o período do Antigo Testamento em cinco eras, considerando o Novo Testamento a sexta era e a sétima o Reino dos Céus, ou, como ele também o denomina, o Descanso Eterno.

O Pentateuco, conforme este sistema, perpassa duas eras e meia; a primeira da criação do mundo até Noé, a segunda de Noé a Abraão, a terceira, aquela de Abraão até Davi, que é posterior a Moisés. Uma vez que é escritura divinamente inspirada para ambas as religiões, convém empregá-la na catequese cristã; entretanto, ela perdeu no cristianismo a sua validade de lei, que foi absorvida pelo Evangelho.

Este Pentateuco serve para apresentar profecias e figuras acerca das eras vindouras, inclusive do Novo Testamento, e assim apresentar fundamentações para a afirmação de que é o mesmo Deus que se fez carne e desceu como fogo sobre os apóstolos no Novo Testamento que criou o mundo e foi seguido por Noé, pelos patriarcas e por Moisés.

O mais citado dos cinco livros é o Gênesis, do qual a cristandade deve aprender principalmente como se deu a fundação do mundo e o período posterior a ela. Para os pais da Igreja, uma vez que é o mesmo Deus que atua antes, durante e depois do tempo, uma criação do mundo alternativa ao Gênesis – como, por exemplo, a ideia de que as coisas vieram a ser pelo acaso – é tão herege e detestável como a ideia de que Cristo não tivesse uma natureza divina; a história da cristandade inicia apenas no Novo Testamento, mas Cristo é antes ainda de Abraão, antes do tempo, e não é criação, mas geração de Deus-Pai.

Os outros quatro livros do Pentateuco recebiam menos atenção porque as instruções divinas lá contidas não foram direcionadas propriamente à cristandade, e sim ao povo hebreu. Agostinho entendia que algumas das histórias contidas nesta primeira metade da terceira era, e também na segunda metade, que vai até Davi, eram figuras de Cristo, sendo que Cristo não apareceu propriamente àquele povo, porém Deus permitiu que a história do povo hebreu significasse eventos na vida de Cristo e também da Igreja.

As duas últimas eras do Antigo Testamento, conforme Agostinho, de Davi à catividade babilônica e desta até o advento de Cristo, são o momento no qual viveram todos os 16 profetas de quem se tem livros, e na qual foram compiladas as coletâneas sapienciais dos judeus – os Salmos, os Provérbios, e assim por diante. Se não se pode afirmar que Ireneu e Atanásio aproveitaram a história do período pós-davídico como figuras para a vida de Cristo, desde o começo da cristandade a produção literária dos hebreus destas duas eras serviu para afirmação da autenticidade do Evangelho; nenhuma parte do Antigo Testamento fora descartada pela cristandade da era patrística.

As pessoas engajadas na tarefa da catequese não mudaram substancialmente, durante o período analisado, o modo de leitura bíblica dos dois testamentos. Os catequistas do século que sucedeu o Concílio de Niceia sentiram, porém, a necessidade de aglutinar e sintetizar as informações que a Bíblia e a tradição pré-nicena lhes legaram.

O escritor didaquista e o escritor a Diogneto se aproximam da Bíblia livremente, sem outro pressuposto que a sua própria capacidade de interpretação de texto, da qual derivam que textos são válidos como lei – a saber, os Evangelhos –, quais são explicativos, e quais menos úteis para a catequese no contexto presente.

Ireneu começa a fazer catequese a partir da necessidade de refutar um problema externo aos livros bíblicos – as muitas heresias de seu tempo, cujos professores interpretavam falsamente trechos escolhidos a gosto por eles mesmos e subjugados a outras escrituras e tradições que não testemunhavam de Cristo. A série “Contra as Heresias” foi escrita em quase duas décadas de pesquisa e aprofundamento tanto nas doutrinas heterodoxas quanto nas Escrituras Sagradas do cristianismo. Ireneu sintetiza a partir de grande parte do que se tem hoje como Bíblia Sagrada a doutrina que apresenta, que orbita principalmente ao redor da pessoa de Cristo e da exclusividade da Santíssima Trindade como pessoas divinas.

Atanásio, servindo-se das Escrituras, da tradição pré-nicena e da sua participação no Concílio de Niceia, onde a divindade de Cristo foi explicitamente afirmada contra a inovação ariana, sintetiza o conteúdo de sua catequese em um escrito breve e simples – a Exposição da Fé. Nem por isso, abandona a tradição de servir a irmãos e irmãs de fé que não se encontram próximos com seu ensinamento, catequizando-os à distância, como o fez com “Macário”, um homem desconhecido.

Ele também se valeu de seus conhecimentos teológicos para, perto do fim de sua vida, escrever uma epístola no qual enumera os livros que percebe terem sido usados na catequese de outros grandes escritores anteriores a si. Assim, as pessoas cristãs em dúvida sobre a autenticidade de um livro ou sobre a veracidade de uma afirmação teológica podem tanto buscar a resposta à primeira questão nesta epístola como aquela referente à última na leitura dos livros lá elencados.

Agostinho, por fim, sintetiza o conteúdo das Escrituras Sagradas do cristianismo a partir da ordem cronológica de acontecimentos. Assim, ele facilita aos seus catecúmenos e catecúmenas a classificação de um livro ou acontecimento a partir do sistema de eras, e consegue compreender figuras de Cristo onde os seus antecessores não tiveram tanto êxito.

A Didaquê e a epístola a Diogneto enfatizaram, respectivamente, uma participação total e consciente na comunidade cristã e uma adesão irrestrita e voluntária à mesma. Percebe-se que todos os escritos posteriores aqui pesquisados buscaram os mesmos propósitos, porém por caminhos diferentes. Com o advento de muitas heresias doutrinárias e grande quantidade de livros pseudoepígrafos, cujos professores e escritores em nada se preocupavam com a salvação de seus leitores e ouvintes, a independência da pessoa cristã da figura do catequista para a participação na comunidade e a adesão realmente cônica e voluntária ao cristianismo só pode se dar com a certeza sobre qual é a Sagrada Escritura e o que ela diz. Isto foi a tarefa que Ireneu, Atanásio e Agostinho perseguiram com todo o seu esforço e de cujo esforço seus escritos nos dão testemunho.

A cristandade continua a precisar de fiéis que aderem conscientemente à religião, não por uma razão alheia à existência dela, e sim por amor a Deus e desejo pelo Reino dos Céus, e de membros que participem ativamente das suas comunidades, não delegando todas as tarefas a poucos deles, sem zelo pelo Evangelho e pela caridade, incapazes de discernir o verdadeiro do falso por si próprios. Martinho Lutero, que foi citado algumas vezes durante a dissertação, teve estes mesmos interesses; ele se empenhou pela catequese, escrevendo dois catecismos, e percebeu que ela era o único meio de garantir a transmissão organizada da sã doutrina que alimenta a fé cristã e impele o ser humano restaurado por Cristo à caridade. Foi apresentado como ele se valeu de ideias presentes nos textos aqui

arrolados para ajudar as pessoas no seu contexto a ouvir e entender o Evangelho, a viva voz de Deus para a humanidade pecadora e dependente do amor de seu Criador.

O hiato temporal de mais de um milênio entre Agostinho, o mais tardio dos autores patrísticos pesquisados, e Lutero, é uma testemunha da gigante multidão de pessoas cristãs que se valeram dos escritos de Agostinho e de seus predecessores na fé para melhor compreender e retransmitir o conteúdo das Sagradas Escrituras. Por mais de um milênio, o conhecimento acerca destas obras ajudou a comunidade cristã a cumprir a sua tarefa: retransmitir a mensagem de Cristo e sobre Cristo – o Evangelho – a quem ainda não a conhece, de todas as formas como o amor de Cristo se manifestou à humanidade. Isto é catequese! E a catequese autêntica é validada pelo testemunho das Escrituras, que se explicam a si mesmas para dentro do contexto da pessoa ouvinte, trazendo a esta pessoa o Cristo adorado pela Igreja de todos os tempos e lugares de uma forma compreensível. As Escrituras são explicadas a partir das Escrituras, com o enfoque na necessidade de quem pede informação.

REFERÊNCIAS

ANÔNIMO DO SÉCULO XIX: **Relatos de um peregrino russo**. 4. ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2013.

BAUER, Johannes Baptist. **Die Polykarpbriefe**. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1995.

BAUER, Walter. **Wörterbuch zum Neuen Testament**. Berlin: De Gruyter, 1971.

BETTENSON, Henry. **Documentos da Igreja Cristã**: São Paulo: ASTE, 1967.

BIBLIOTHEK DER KIRCHENVÄTER. **Alexander von Alexandrien**. Disponível em: <https://bkv.unifr.ch/works/299/versions/320/divisions/74932>. Acesso em 14 maio 2020.

BIBLIOTHEK DER KIRCHENVÄTER. **Athanasius der Große**. Disponível em: <https://bkv.unifr.ch/works/289/versions/310/divisions/102054>. Acesso em 08 maio 2020.

BIENERT, Wolfgang. Katechese/Katechetik. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 853-861.

BUSCHMANN, Gerd. **Martyrium des Polykarp**: übersetzt und erklärt. Göttingen: Vandenhoeck & Ruprecht, 1998.

CASSICIACUM. The town or community of Cassago Brianza, formerly Cassiciacum or Augustine's town. Disponível em: <http://www.cassiciaco.it/Inglese/cassiciacum.html>. Acesso em 22 jul. 2020.

CLEVELAND COXE, Arthur. Irenaeus: Against Heresies. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James. (Orgs.) **Ante-Nicene Fathers**. Peabody: Hendrickson, 1994. p. 309-568.

CLEVELAND COXE, Arthur. Epistle of Mathetes to Diognetus. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Orgs.). **Ante-Nicene Fathers**. Peabody: Hendrickson, 1994. v. 1, p. 23-31.

CORBELLINI, Vital. A participação de Atanásio no concílio de Nicéia e a sua defesa do Homooúsios. In: **Teocomunicação**. Porto Alegre: Edipucrs, 2007. v. 37, p. 396-408.

CROWE, Brandon. Oh, sweet Exchange! The soteriological significance of the Incarnation in the Epistle to Diognetus. In: WOLTER, Michael. **Zeitschrift für die neutestamentliche Wissenschaft und die Kunde der älteren Kirche**. Bonn: De Gruyter, 2011, v.102, p. 96-110.

FAULSTICH, Enilde Leite de Jesus. **Como ler, entender e redigir um texto**. Petrópolis: Vozes, 1988.

FIGUEIREDO, Fernando. **A carta a Diogneto**: tradução do original grego pelas monjas beneditinas da abadia de Santa Maria, São Paulo. Petrópolis: Vozes, 1976.

FRANGIOTTI, Roque (Org.). **Santo Atanásio**. São Paulo: Paulus, 2002.

FRANGIOTTI, Roque. Carta a Diogneto. In: STORNIOLO, Ivo; BALANCIN, Euclides M. (Orgs.). **Padres Apologistas**. São Paulo: Paulus, 1995. p. 11-30.

FRIES, Heinrich; KRETSCHMAR, Georg. **Klassiker der Theologie**: Von Irenäus bis Luther. München: Beck, 1981. v. 1

GESCHICHTE. Disponível em: <https://www.schule-bw.de/faecher-und-schularten/gesellschaftswissenschaftliche-und-philosophische-faecher/geschichte/unterrichtsmaterialien/sekundarstufe-l/vorgeschichte/rom/westgoten>. Acesso em 05 out. 2020.

GRESCHAT, Martin. **Alte Kirche**. Stuttgart: Kohlhammer, 1984. v. 1.

GRETHLEIN, Christian. Katechumenat. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 868-872.

HAGER, Fritz-Peter. Neuplatonismus. In: **Theologische Realenzyklopädie**. v. 24. Berlin: de Gruyter, 1994. p. 341-363.

HAYKIN, Michael A. G. **Redescobrimos os Pais da Igreja**: quem eles eram e como moldaram a Igreja. São José dos Campos: Fiel, 2012.

JACOBS, Charles M. **The Story of the Church**: an Outline of its History from the end of the First to the end of the Nineteenth Century. Philadelphia: United Lutheran, 1925.

JEDIN, Hubert. **Concílios Ecumênicos**: história e doutrina. São Paulo: Herder, 1961.

JOHNSON, Paul. **História do Cristianismo**. Rio de Janeiro: Imago, 2001.

KLEBBA, Ernst. Des Heiligen Irenäus fünf Bücher gegen die Häresien. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1912. v. 3.

KÜNNETH, Walter. Kanon. In: **Theologische Realenzyklopädie**. v. 17. Berlin: De Gruyter, 1988. p. 562-570.

LIÃO, Ireneu de. **Contra as heresias**: Denúncia e refutação da falsa gnose. 2. ed. São Paulo: Paulus, 1995.

LILJE, Hanns. **Die Lehre der Zwölf Apostel**: eine Kirchenordnung des ersten christlichen Jahrhunderts. Hamburg: Furche, 1956.

LITFIN, Brian. **Conhecendo os Pais da Igreja**: uma introdução evangélica. São Paulo: Vida Nova, 2015.

LITFIN, Bryan. **Após Atos**: explorando as vidas e as lendas dos apóstolos. Niterói: Eireli, 2018.

LURKER, Manfred. Dogs. In: ELIADE, Mircea (Org.). **The Encyclopedia of Religion** New York: MacMillan, 1983. v. 4, p. 385-387.

LUTERO, Martinho. A epístola do bem-aventurado Apóstolo Paulo aos Romanos. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 254-330.

LUTERO, Martinho. Comentário sobre A 13^a. Tese a respeito do poder do Papa. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1987. v. 1, p. 267-333.

LUTERO, Martinho. Do cativoiro babilônico da Igreja. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 1989. v. 2, p. 341-425.

LUTERO, Martinho. O capítulo 15 da primeira carta de São Paulo aos Coríntios. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2005. v. 9, p. 281-424.

LUTERO, Martinho. Prefácio ao Profeta Isaías. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia, 2003. v. 8, p. 46-50.

LUTERO, Martinho. Preleção ao Gênesis. In: **Obras Selecionadas**. São Leopoldo: Sinodal; Porto Alegre: Concórdia; Canoas: Ulbra, 2014. v. 12, p. 17-531.

MASCARENHAS ROXO, Paulo Antonino. Primeira Catequese aos não-cristãos. In: SANTOS, Claudio Avelino dos (Orgs.). **Santo Agostinho**. São Paulo: Paulus, 2013. p. 62-145.

MICHEL, Otto. Κύων. In: KITTEL, Gerhard (Orgs.). **Theologisches Wörterbuch zum Neuen Testament**. Stuttgart: Kohlhammer, 1950. v. 3, p. 1100-1103.

MITTERER, Sigisbert. Des heiligen Aurelius Augustinus ausgewählte praktische Schriften homiletischen und katechetischen Inhalts: aus dem Lateinischen übersetzt und mit Einleitungen versehen. In: BARDENHEWER, WEYMAN et al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel & Pustet, 1925. v. 49, p. 227-303.

MOREAU, Jackson. **Die Christenverfolgung im Römischen Reich**. Berlin: Töpelmann, 1961.

POZZAGNOLO, Inês. **Bem-aventuranças**: Didaqué Querigma e Ensino Transformador. Dissertação (Mestrado) – Programa de Pós-Graduação em Teologia, Faculdades EST, São Leopoldo. 2012.

PRETSCHER, Josef: **Kirchengeschichte aus erster Hand**: Berichte von Augenzeugen und Zeitgenossen. Würzburg: Arena, 1964.

RAUSCHEN, Gerhard. Der Brief an Diognet: aus dem Griechischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et al. (Orgs.). **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine

Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1913. v. 12, p. 157-175.

SANTO AGOSTINHO. **Confissões**. São Paulo: Paulinas, 1984.

SCHAFF, Philipp. St. Augustine's Life and Work. In: SCHAFF, Philipp (Org.). **Nicene and Post-Nicene Fathers**. Peabody: Christian Literature Company, 1994. 1. Série, v. 1, p. 1-27.

SCHAFFNER, Otto. **Christliche Demut**: des heiligen Aurelius Augustinus Lehre von der Humilitas. Würzburg: Augustinus-Verlag, 1959.

SCHENKL, Karl. **Deutsch-Griechisches Schulwörterbuch**. 5. ed. Leipzig: Teubner, 1897.

SCHINDLER, Alfred. Kanon: Kirchengeschichtlich. In: **Religion in Geschichte und Gegenwart**: Handwörterbuch für Theologie und Religionswissenschaft. Tübingen: Mohr-Siebeck, 2001. v. 4, p. 767-774.

SCHMIDINGER, Thomas. Die Samaritaner: Unter sich am Berg Garizim. In: **Aufbau**. Wien: Universität Wien, 2004. Disponível em: https://homepage.univie.ac.at/thomas.schmidinger/php/texte/israel_palaestina_die_samaritaner.pdf. Acesso em 09 out. 2019.

SCHMIDT, Werner H. **Introdução ao Antigo Testamento**. São Leopoldo: Sinodal, 2009.

SCHNEEMELCHER, Wilhelm. Bibel III: Die Entstehung des Kanons des neuen Testaments und der christlichen Bibel. In: **Theologische Realenzyklopädie**. v. 6. Berlin: de Gruyter, 1980. p. 22-48.

SEPPELT, Franz Xaver. **Geschichte der Päpste**: von den Anfängen bis zur Mitte des 20. Jahrhunderts. Kempten: Kösel, 1954. v. 1.

VALE RIBEIRO, Ari Luís do. **Ireneu de Lyon**: Demonstração da pregação apostólica. São Paulo: Paulinas, 2014.

VAN DER MEER, Frederik. **Augustinus der Seelsorger**: Leben und Wirken eines Kirchenvaters. Köln: Bachem, 1953.

WALKER, Williston. **A History of the Christian Church**. New York: Scribner's Sons, 1934.

WEBER, Simon. Des heiligen Irenäus Schrift zum Erweis der apostolischen Verkündigung: aus dem Armenischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.). **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1912. v. 4, p. 583-648.

WEDEL, Gerhard. **Die Samaritaner**: ein Forschungsüberblick. Berlin: Freie Universität, 2006. Disponível em: <https://web.archive.org/web/20160729085837/http://www.geschkult.fu->

berlin.de/e/semiarab/semitistik/schwerpunkte/hebraistik/samaritanistik.html. Acesso em 09 out. 2019.

WEHR, Gerhard. **Aurelius Augustinus**: Größe und Tragik des umstrittenen Kirchenvaters. Gütersloh: Gütersloher Verlagshaus, 1979.

WENGST, Klaus. **Schriften des Urchristentums**. Darmstadt: Wissenschaftliche Buchgesellschaft, 1984. v. 2.

WHYBRAY, R.N. **The New Century Bible Commentary**: Proverbs. Grand Rapids: Eerdmans, 1994.

WIGAN HARVEY, William. **Sancti Irenei Episcopi Lugdnunensis libros quinque adversos haereses**. Cambridge: Typis Academicis, 1857. v. 2.

WINSTON, David. **The Wisdom of Solomon**. Garden City, EEUU: Doubleday, 1982.

ZEITLER, Franz. Die apostolischen Väter aus dem Griechischen übersetzt. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.) **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. München: Kösel, 1918. v. 35, p. 1-17.

ZILLES, Urbano. **Didaquê**: ou Doutrina dos Apóstolos 2. ed. Petrópolis: Vozes, 1971.

ZIMMERLI, Walter. **1. Mose 1-11**: die Urgeschichte. 2. ed. Zürich: Zwingli, 1957.

APÊNDICE

Este apêndice comporta as citações bíblicas encontradas pelos comentaristas em *Contra as Heresias III*. Os números aqui alistados à esquerda se referem aos capítulos da obra *Contra as Heresias III*, conforme a tradução de Roque Frangiotti.⁴⁰¹

Quando não aparece nenhuma letra em braceletes após a citação, significa que pôde ser encontrada na versão em português do texto. As letras apresentam as outras versões nas quais citações que não foram encontradas na tradução de Roque Frangiotti, que serviu como padrão para a presente pesquisa de Ireneu de Lião.

A observação “[CC]” remonta, com exclusividade, a Arthur Cleveland Coxe, o comentarista que foi responsável em encontrar as citações bíblicas na tradução em inglês.⁴⁰² “[K]” representa exclusivamente o comentarista alemão Ernst Klebba.⁴⁰³ Quando aparece a sigla “[CC/K]”, significa que tanto Cleveland Coxe quanto Klebba, porém não Roque Frangiotti apresentam a citação.

Citações por capítulo:

1,1 - MT 28,18-19; LC 10,16; At 1,8; Rm 1,1; Rm 15,16; 2Co 11,7; 1Tm 3,15[CC];

1,2 - LC 10,16;

2,1 - 1Co 2,6;

3,3 - 2Tm 4,21;

3,4 - Tt 3,10-11;

4,1 - JO 10,1 [K]; Ap 22,17 [CC];

4,2 - 2Ts 2,15[CC]; 2Ts 3,6 [CC]; 2Jo 12;

5,1 - JO 14,6; SI 85,11 [CC/K];

5,2 - Dt 27,18; LC 5,31-32;

5,3 - Gn 9,27 [CC/K]; Ef 2,17 [CC];

6,1 - Gn 19,24; SI 45,7-8; SI 50,1; SI 50,2-3; SI 82,1; SI 82,6; SI 110,1; Is 65,1; Rm 8,15; Gl 4,5-6;

6,2 - Êx 3,8; Êx 3,14; Is 43,10;

6,3 - SI 81,10; SI 96,5; Is 44,9-10; Jr 10,11; 1Rs 18,21; 1Rs 18,24; 1Rs 18,36;

6,5 - Êx 7,1 [CC/K]; Nm 12,7 [CC/K]; Dt 4,19; Dt 5,8; 1Co 8,4-6; Gl 4,8-9; 2Ts 2,4; He 3,5 [CC/K];

⁴⁰¹ LIÃO, Ireneu de. **Contra as heresias**: Denúncia e refutação da falsa gnose 2. ed. São Paulo, SP: Paulus, 1995.

⁴⁰² CLEVELAND COXE, Arthur. *Irenaeus: against Heresies*. In: ROBERTS, Alexander; DONALDSON, James (Orgs.). **Ante-Nicene Fathers** v.1. Peabody, EEUU: Hendrickson, 1994. p. 309-567.

⁴⁰³ KLEBBA, Ernst. *Des Heiligen Irenäus fünf Bücher gegen die Häresien*. In: BARDENHEWER, WEYMAN et. al. (Orgs.). **Bibliothek der Kirchenväter**: Eine Auswahl patristischer Werke in deutscher Übersetzung. Munique, Império Alemão: Kösel, 1912. v. 3.

7,1 - 2Co 4,4;
7,2 - Gl 3,19; 2Ts 2,8-9;
8,1 - MT 6,24; MT 22,21; JO 8,34 [CC]
8,2 - Jr 31,11; MT 12,29;
8,3 - SI 33,6 [CC/K]; SI 33,9; SI 114,11; SI 148,5; JO 1,1-3;
9,1 - Gn 15,5 [CC/K]; Is 40,3-5; Os 2,25; MT 3,3; MT 3,7-9; LC 3,4-6; Rm 9,25;
9,2 - Nm 24,17; SI 76,2-3; SI 132,10-11; Is 7,14; Is 65,1 [CC]; Os 11,1; MT 1,20; MT 1,22-23; MT 2,2; MT 2,13; MT 2,15; LC 1,33 [CC/K];
9,3 - Pr 5,22; Is 11,1-4; Is 61,1-2; MT 3,16-17; JO 2,25;
10,1 - SI 58,4; MT 11,11; LC 1,6; LC 1,8-9; LC 1,11; LC 1,15-17; LC 1,19; LC 7,28;
10,2 - LC 1,26; LC 1,30; LC 1,32-33; LC 1,46-47; LC 1,54-55 [K]; LC 1,78-79; Rm 3,30;
10,3 - Gn 49,18; SI 98,2; Is 12,2; Lm 4,20; LC 1,68-75; LC 1,76-77; JO 1,14; JO 1,15-16; JO 1,29-30;
10,4 - SI 7,11 [K]; SI 95,4-7; SI 121,2; SI 124,8 [CC]; LC 2,9-10; LC 2,13-14; LC 2,20;
10,5 - LC 2,22-24; LC 2,28-32; LC 2,38;
10,6 - SI 110,1; MC 1,1-3; MC 16,19; LC 1,17 [CC];
11,1 - JO 1,1-5; Ap 2,6; Ap 2,15;
11,2 - JO 1,10-11; JO 1,14;
11,3 - JO 1,14;
11,4 - MI 3,1 [CC]; MT 11,9 [CC/K]; LC 1,17 [CC]; LC 12,26 [CC/K]; JO 1,6-8; 1Co 12,28 [CC/K];
11,5 - JO 2,3 [CC]; JO 6,11 [CC];
11,6 - MT 12,18-21; JO 1,18; JO 1,47 [CC/K]; JO 1,49; JO 6,69 [CC];
11,8 - SI 80,2; Is 1,1 [K]; MT 1,1; MT 1,18; MC 1,12; JO 1,1; 1Tm 3,15 [CC]; Ap 4,7;
11,9 - MT 12,31 [CC/K]; JO 14,16 [CC]; At 2,16-17; 1Co 11,4-5;
12,1 - SI 69,26; SI 109,8; JI 2,28 [CC/K]; At 1,16-17; At 1,20; At 2,15-17;
12,2 - SI 15,8-10; SI 110,1; At 2,22-27; At 2,36; At 2,37-38;
12,3 - Gn 22,18; Dt 18,15; Dt 18,19; At 3,2; At 3,6-8; At 3,12-26; At 4,2 [CC];
12,4 - At 4,8-12;
12,5 - At 4,22 [CC]; At 4,24-28; At 4,31; At 5,30-32; At 5,42;
12,7 - At 10,2-5; At 10,15 [CC/K]; At 10,34-35; At 10,37-43;
12,8 - Is 53,7-8 [CC/K]; At 8,32-33; At 8,37;
12,9 - Dt 32,8; Dt 32,9; At 9,19-20; At 14,15-17; At 17,24-31; Ef 3,3; Fl 2,8;
12,10 - At 7,1-8; At 7,9-44;
12,11 - 1Tm 6,4 [CC/K];
12,13 - Os 12,11; At 7,55-56; At 7,60;
12,14 - Am 9,11-12 [CC]; At 7,13 [K]; At 11,26; At 15,1; At 15,7-11; At 15,13-20; At 15,23-29;
12,15 - At 10,28-29; At 10,47; Gl 2,12-13;
13,1 - Is 52,7; Rm 10,15; 1Co 15,11; Gl 2,8; Ef 3,3;
13,2 - MT 10,6 [CC]; MT 16,17 [CC/K]; JO 14,7; JO 14,9-10; Gl 1,1;
13,3 - Gl 2,1-2; Gl 2,5;
14,1 - At 15,39; At 16,8; At 16,9-11; At 16,13; At 20,6; At 28,11 [CC]; Cl 4,14; 2Tm 4,10-11;
14,2 - LC 1,2; At 20,25-28; At 20,29-30;
14,3 - LC 1,5 [K]; LC 1,21-22 [K]; LC 1,26 [K]; LC 2,8 [K]; LC 2,25 [K]; LC 2,42 [K]; LC 3,2-3 [K]; LC 5,6-7 [K]; LC 6,24-25 [CC/K]; LC 7,37-38 [K]; LC 11,5-6 [K]; LC 12,16-17 [CC/K]; LC 13,6-7 [K]; LC 13,11-12 [K]; LC 14,2-3 [K]; LC 14,8-9 [K]; LC

14,12-13 [K]; LC 14,16-17 [K]; LC 16,19-20 [K]; LC 17,5-6 [CC/K]; LC 17,12-13 [K];
 LC 18,2-3 [K]; LC 18,10-11 [K]; LC 19,5-6 [K]; LC 24,17-18 [K];
15,1 - At 9,4-5; At 9,15-16; At 22,7-8; At 26,14-15;
16,2 - Sl 132,11 [CC]; Is 7,14; MT 1,1; MT 1,18; MT 1,20-28; JO 1,13-14 [CC/K];
16,3 - Sl 78,5-7; Sl 110,1 [CC/K]; Is 9,6 [CC/K]; Jr 33,15 [K]; MC 1,1-2; LC 1,32; LC
 1,69 [CC/K]; Rm 1,1-4; Rm 9,5; Rm 14,9 [K]; Gl 4,4-5; Cl 1,14-15 [CC]
16,4 - Êx 17,16 [CC]; Is 8,3; Is 8,4; MT 2,16 [CC/K]; LC 2,26; LC 2,28-32;
16,5 - MT 16,21; MC 8,31; LC 9,22; LC 24,25-26; LC 24,44; LC 24,44-47; JO 20,31;
 1Jo 2,18-19; 1Jo 2,21-22;
16,6 - Ef 1,10 [CC];
16,7 - Hb 3,2; JO 2,4; JO 7,30; Gl 4,4;
16,8 - JO 1,14; 1Jo 4,1-3; 1Jo 5,1; 2Jo 7-8;
16,9 - LC 23,34 [K]; Rm 5,6; Rm 5,8-10; Rm 5,17; Rm 6,3-4; Rm 6,9; Rm 8,11; Rm
 8,34; 1Pe 2,23 [CC/K];
17,1 - Is 11,2-3 [CC/K]; Is 42,1; Is 61,1; MT 10,20; MT 28,19; LC 4,18;
17,2 - Sl 51,14; Sl 68,10 [K]; JO 4,7-9 [K]; JO 16,7 [CC/K]; At 2,3 [K];
17,3 - Jz 6,37-39 [CC/K]; Is 5,6 [CC/K]; Is 11,2-3; MT 25,16-18 [CC/K]; LC 10,18
 [CC/K]; LC 10,35-37 [CC/K]; 1Jo 2,1 [CC];
18,1 - 1Co 15,47 [CC]; Ef 1,20;
18,2 - Rm 10,6-7; Rm 10,9; Rm 14,9; 1Co 1,23; 1Co 10,16;
18,3 - Dt 21,23 [CC]; Is 7,14-15 [CC/K]; Is 61,1; Jr 17,9 [CC/K]; Rm 14,15; 1Co 8,11;
 1Co 15,3-4; 1Co 15,12; 1Co 15,21; Gl 3,13; Ef 2,13;
18,4 - MT 16,13-16; MT 16,17; MT 16,21; MT 16,24-25; MC 8,34-35;
18,5 - Sl 9,12 [CC]; MT 5,44; MT 10,18-28; MT 10,32 [K]; MT 10,39; MT 16,25; MT
 23,34; MC 8,38 [K]; LC 6,27-28; LC 23,34;
18,6 - MT 5,39 [CC/K]; MT 12,29 [CC/K];
18,7 - Dt 32,4 [CC/K]; Rm 5,14; Rm 5,19 [CC]; Rm 7,14 [K];
19,1 - Sl 82,6-7; JO 8,36; Rm 6,23 [CC]; 1Co 15,53 [K];
19,2 - Sl 22,7 [K]; Sl 69,21 [CC/K]; Is 7,14 [CC]; Is 9,6 [CC/K]; Is 53,2 [CC/K]; Is 53,8;
 Jr 17,9; Dn 7,13 [CC]; Zc 9,9; [CC/K]; MT 16,16 [CC/K]; MT 24,30 [K]; JO 1,13
 [CC/K]; JO 3,6 [CC];
19,3 - Is 7,13 [CC/K]; LC 15,4 [K]; JO 14,2 [CC/K]; Ef 4,9 [K]; Ef 4,16 [CC/K];
20,1 - Jn 1,9; Jn 2,1-3 [K]; Jn 2,3; Jn 3,8-9; 1Co 1,29 [CC/K]; 2Co 12,9 [CC/K];
20,2 - LC 7,43 [CC]; JO 15,9 [CC]; Rm 8,3 [CC/K]; Rm 11,32;
20,3 - Is 7,4 [CC]; Is 35,3-4; Rm 7,18; Rm 7,24-25;
20,4 - Is 33,20; Is 63,9; Jl 3,16 [CC]; Am 1,2 [CC/K]; Mq 7,9 [CC/K]; Hb 3,3-5;
21,1 - Is 7,14;
21,4 - Is 7,10-16; MT 1,18 [CC/K]; MT 1,22-23; LC 1,35;
21,5 - Sl 132,11 [K]; Is 7,13 [CC]; LC 1,42;
21,6 - Is 7,11 [CC]; Ef 4,10 [CC/K];
21,7 - Is 28,16; Dn 2,45 [CC/K];
21,8 - Êx 7,9-10 [CC/K]; Êx 8,19 [CC/K]; MT 12,41-42 [CC]; MT 16,17 [K]; MT 22,43
 [CC];
21,9 - Jr 22,24-25; Jr 22,28-30; Jr 36,30-31; MT 1,12-16 [CC];
21,10 - Gn 2,5; Gn 2,7; JO 1,3 [CC]; Rm 5,12 [K]; Rm 5,19 [CC];
22,1 - MT 5,5 [CC/K]; Rm 1,3-4; Gl 4,4;
22,2 - Sl 69,27; MT 26,38; LC 22,44 [K]; JO 4,6; JO 11,33 [K]; JO 20,34 [K];
22,3 - Rm 5,14 [CC/K];
22,4 - Gn 2,25 [CC/K]; Sl 45,7 [K]; Sl 65,17 [CC]; MT 19,30 [CC/K]; MT 20,16 [CC];
 LC 1,38 [CC/K]; 1Co 15,20-22 [CC/K]; Cl 1,18 [K]; Ap 1,5 [CC];

23,1 - Gn 3,5 [K]; MT 12,29 [CC/K]; At 1,7 [CC/K];
23,2 - Gn 1,26;
23,3 - Gn 3,14; Gn 3,16-18 [CC]; Gn 3,17 [K]; MT 25,41;
23,4 - Gn 4,7 [CC/K]; Gn 4,9;
23,5 - Gn 3,13; Pr 1,7; Pr 9,10;
23,6 - Rm 6,7 [CC];
23,7 - Sl 91,13; LC 10,19 [CC]; 1Co 15,26 [CC/K]; 1Co 15,54-55; Ap 20,2 [CC];
23,8 - LC 15,4 [CC/K]; Rm 5,20; 1Co 15,22;
24,1 - Jr 2,13 [CC/K]; 1Co 12,28;
24,2 - MT 7,24 [K]; MT 7,26 [K];
25,1 - Pr 22,3 [CC]; Pr 27,12 [CC];
25,4 - MT 5,43 [CC/K];
25,6 - Dn 13,55 [K];

Citações por livro bíblico:

Gn 1,26 - 23,2
Gn 2,5 - 21,10
Gn 2,7 - 21,10
Gn 2,25 - 22,4 [CC/K]
Gn 3,5 - 23,1 [K]
Gn 3,13 - 23,5
Gn 3,14 - 23,3
Gn 3,16 - 18-23,3 [CC]
Gn 3,17 - 23,3 [K]
Gn 4,7 - 23,4 [CC/K]
Gn 4,9 - 23,4
Gn 9,27 - 5,3 [CC/K]
Gn 15,5 - 9,1 [CC/K]
Gn 19,24 - 6,1
Gn 22,18 - 12,3
Gn 49,18 - 10,3

Êx 3,8 - 6,2
Êx 3,14 - 6,2
Êx 7,1 - 6,5 [CC/K]
Êx 7,9-10 - 21,8 [CC/K]
Êx 8,19 - 21,8 [CC/K]
Êx 17,16 - 16,4 [CC]

Nm 12,7 - 6,5 [CC/K]
Nm 24,17 - 9,2

Dt 4,19 - 6,5
Dt 5,8 - 6,5
Dt 18,15 - 12,3
Dt 18,19 - 12,3
Dt 21,23 - 18,3 [CC]
Dt 27,18 - 5,2
Dt 32,4 - 18,7

Dt 32,8 - 12,9

Dt 32,9 - 12,9

Jz 6,37 - 39-17,3 [CC/K]

1Rs 18,21 - 6,3

1Rs 18,24 - 6,3

1Rs 18,36 - 6,3

SI 7,11 - 10,4 [K]

SI 9,12 - 18,5 [CC]

SI 15,8-10 - 12,2

SI 22,7 - 19,2 [K]

SI 33,6 - 8,3 [CC/K]

SI 33,9 - 8,3

SI 45,7 - 22,4 [K]

SI 45,7-8 - 6,1

SI 50,1 - 6,1

SI 50,2-3 - 6,1

SI 51,14 - 17,2

SI 58,4 - 10,1

SI 65,17 - 22,4 [CC]

SI 68,10 - 17,2 [K]

SI 69,21 - 19,2 [CC/K]

SI 69,26 - 12,1

SI 69,27 - 22,2

SI 76,2-3 - 9,2

SI 78,5-7 - 16,3

SI 80,2 - 11,8

SI 81,10 - 6,3

SI 82,1 - 6,1

SI 82,6 - 6,1

SI 82,6-7 - 19,1

SI 85,11 - 5,1 [CC/K]

SI 91,13 - 23,7

SI 95,4-7 - 10,4

SI 96,5 - 6,3

SI 98,2 - 10,3

SI 109,8 - 12,1

SI 110,1 - 6,1; 10,6; 12,2; 16,3 [CC/K]

SI 114,11 - 8,3

SI 121,2 - 10,4

SI 124,8 - 10,4 [CC]

SI 132,10-11 - 9,2

SI 132,11 - 16,2 [CC]; 21,5 [K]

SI 148,5 - 8,3

Pr 1,7 - 23,5

Pr 5,22 - 9,3

Pr 9,10 - 23,5

Pr 22,3 - 25,1 [CC]
Pr 27,12 - 25,1 [CC]

Is 1,1 - 11,8 [K]
Is 5,6 - 17,3 [CC/K]
Is 7,4 - 20,3 [CC]
Is 7,10-16 - 21,4
Is 7,11 - 21,6 [CC]
Is 7,13 - 19,3 [CC/K]; 21,5 [CC]
Is 7,14 - 9,2; 16,2; 19,2 [CC]; 21,1
Is 7,14-15 - 18,3 [CC/K]
Is 8,3 - 16,4
Is 8,4 - 16,4
Is 9,6 - 16,3 [CC/K]; 19,2 [CC/K]
Is 11,1-4 - 9,3
Is 11,2-3 - 17,1 [CC/K]
Is 12,2 - 10,3
Is 28,16 - 21,7
Is 33,20 - 20,4
Is 35,3-4 - 20,3
Is 40,3-5 - 9,1
Is 42,1 - 17,1
Is 43,10 - 6,2
Is 44,9-10 - 6,3
Is 52,7 - 13,1
Is 53,2 - 19,2 [CC/K]
Is 53,7-8 - 12,8 [CC/K]
Is 53,8 - 19,2
Is 61,1 - 17,1; 18,3
Is 61,1-2 - 9,3
Is 63,9 - 20,4
Is 65,1 - 6,1; 9,2 [CC]

Jr 2,13 - 24,1 [CC/K]
Jr 10,11 - 6,3
Jr 17,9 - 18,3 [CC/K]; 19,2
Jr 22,24-25 - 21,9
Jr 22,28-30 - 21,9
Jr 31,11 - 8,2
Jr 33,15 - 16,3 [K]
Jr 36,30-31 - 21,9

Lm 4,20 - 10,3

Dn 2,45 - 21,7 [CC/K]
Dn 7,13 - 19,2 [CC]
Dn 13,55 - 25,6 [K]

Os 2,25 - 9,1
Os 11,1 - 9,2

Os 12,11- 12,13

Jl 2,28 - 12,1 [CC/K]

Jl 3,16 - 20,4 [CC]

Am 1,2 - 20,4 [CC/K]

Am 9,11-12 - 12,14 [CC]

Jn 1,9 - 20,1

Jn 2,1-3 - 20,1 [K]

Jn 2,3 - 20,1

Jn 3,8-9 - 20,1

Mq 7,9 - 20,4 [CC/K]

Hb 3,2 - 16,7

Hb 3,3-5 - 20,4

Zc 9,9 - 19,2 [CC/K]

MI 3,1 [CC] - 11,4

MT 1,1 - 11,8; 16,2

MT 1,12-16 - 21,9 [CC]

MT 1,18 - 11,8; 16,2; 21,4 [CC/K]

MT 1,20 - 9,2

MT 1,20-28 - 16,2

MT 1,22-23 - 9,2; 21,4

MT 2,2 - 9,2

MT 2,13 - 9,2

MT 2,15 - 9,2

MT 2,16 - 16,4 [CC/K]

MT 3,3 - 9,1

MT 3,7-9 - 9,1

MT 3,16-17 - 9,3

MT 5,5 - 22,1 [CC/K]

MT 5,39 - 18,6 [CC/K]

MT 5,43 - 25,4 [CC/K]

MT 5,44 - 18,5

MT 6,24 - 8,1

MT 7,24 - 24,2 [K]

MT 7,26 - 24,2 [K]

MT 10,6 - 13,2 [CC]

MT 10,18-28 - 18,5

MT 10,20 - 17,1

MT 10,32 - 18,5 [K]

MT 10,39 - 18,5

MT 11,9 - 11,4 [CC/K]

MT 11,11 - 10,1

MT 12,18-21 - 11,6

MT 12,29 - 8,2; 18,6 [CC/K]; 23,1 [CC/K]

MT 12,41-42 - 21,8 [CC]

MT 16,13-16 - 18,4

MT 16,16 - 19,2 [CC/K]

MT 16,17 - 13,2 [CC/K]; 18,4; 21,8 [K]

MT 16,21 - 16,5; 18,4

MT 16,24-25 - 18,4

MT 16,25 - 18,5

MT 19,30 - 22,4 [CC/K]

MT 20,16 - 22,4 [CC]

MT 22,21 - 8,1

MT 22,43 - 21,8 [CC]

MT 23,34 - 18,5

MT 24,30 - 19,2 [K]

MT 25,16-18 - 17,3 [CC/K]

MT 25,41 - 23,3

MT 26,38 - 22,2

MT 28,18-19 - 1,1

MT 28,19 - 17,1

MC 1,1-2 - 16,3

MC 1,1-3 - 10,6

MC 8,31 - 16,5

MC 8,34-35 - 18,4

MC 8,38 - 16,7

MC 16,19 - 10,6

LC 1,2 - 14,2

LC 1,5 - 14,3 [K]

LC 1,6 - 10,1

LC 1,8-9 - 10,1

LC 1,11 - 10,1

LC 1,15-17 - 10,1

LC 1,17 - 10,6 [CC]; 11,4 [CC]

LC 1,19 - 10,1

LC 1,21-22 - 14,3 [K]

LC 1,26 - 10,2; 14,3 [K]

LC 1,30 - 10,2

LC 1,32 - 16,3

LC 1,32-33 - 10,2

LC 1,33 - 9,2 [CC/K]

LC 1,35 - 21,4

LC 1,38 - 22,4 [CC/K]

LC 1,42 - 21,5

LC 1,46-47 - 10,2

LC 1,54-55 - 10,2 [K]

LC 1,68-75 - 10,3

LC 1,69 - 16,3 [CC/K]

LC 1,76-77 - 10,3

LC 1,78-79 - 10,2

LC 2,8 - 14,3 [K]
LC 2,9-10 - 10,4
LC 2,13-14 - 10,4
LC 2,20 - 10,4
LC 2,22-24 - 10,5
LC 2,25 - 14,3 [K]
LC 2,26 - 16,4
LC 2,28-32 - 10,5; 16,4
LC 2,38 - 10,5
LC 2,42 - 14,3 [K]
LC 3,2-3 - 14,3 [K]
LC 3,4-6 - 9,1
LC 4,18 - 17,1
LC 5,6-7 - 14,3 [K]
LC 5,31-32 - 5,2
LC 6,24-25 - 14,3 [CC/K]
LC 6,27-28 - 18,5
LC 7,28 - 10,1
LC 7,37-38 - 14,3 [K]
LC 7,43 - 20,2 [CC]
LC 9,22 - 16,5
LC 10,16 - 1,1; 1,2
LC 10,18 - 17,3 [CC/K]
LC 10,19 - 23,7 [CC]
LC 10,35-37 - 17,3 [CC/K]
LC 11,5-6 - 14,3 [K]
LC 12,16-17 - 14,3 [CC/K]
LC 12,26 - 11,4 [CC/K]
LC 13,6-7 - 14,3 [K]
LC 13,11-12 - 14,3 [K]
LC 14,2-3 - 14,3 [K]
LC 14,8-9 - 14,3 [K]
LC 14,12-13 - 14,3 [K]
LC 14,16-17 - 14,3 [K]
LC 15,4 - 19,3 [K]; 23,8 [CC/K]
LC 16,19-20 - 14,3 [K]
LC 17,5-6 - 14,3 [CC/K]
LC 17,12-13 - 14,3 [K]
LC 18,2-3 - 14,3 [K]
LC 18,10-11 - 14,3 [K]
LC 19,5-6 - 14,3 [K]
LC 22,44 - 22,2 [K]
LC 23,34 - 16,9 [K]; 18,5
LC 24,17-18 - 14,3 [K]
LC 24,25-26 - 16,5
LC 24,44 - 16,5
LC 24,44-47 - 16,5

JO 1,1 - 11,8.

JO 1,1-3 - 8,3

JO 1,1-5 - 11,1
JO 1,3 - 21,10 [CC]
JO 1,6-8 - 11,4
JO 1,10-11 - 11,2
JO 1,13 - 19,2 [CC/K]
JO 1,13-14 - 16,2 [CC/K]
JO 1,14 - 10,3; 11,2; 11,3; 16,8
JO 1,15-16 - 10,3
JO 1,18 - 11,6
JO 1,29-30 - 10,3
JO 1,47 - 11,6 [CC/K]
JO 1,49 - 11,6
JO 2,3 - 11,5 [CC]
JO 2,4 - 16,7
JO 2,25 - 9,3
JO 3,6 - 19,2 [CC]
JO 4,6 - 22,2
JO 4,7-9 - 17,2 [K]
JO 6,11 - 11,5 [CC]
JO 6,69 - 11,6 [CC]
JO 7,30 - 16,7
JO 8,34 - 8,1 [CC]
JO 8,36 - 19,1
JO 10,1 - 4,1 [K]
JO 11,33 - 22,2 [K]
JO 14,2 - 19,3 [CC/K]
JO 14,6 - 5,1
JO 14,7 - 13,2
JO 14 9-10 - 13,2
JO 14,16 - 11,9 [CC]
JO 15,9 - 20,2 [CC]
JO 16,7 - 17,2 [CC/K]
JO 20,31 - 16,5
JO 20,34 - 22,2 [K]

At 1,7 - 23,1 [CC/K]
At 1,8 - 1,1
At 1,16-17 - 12,1
At 1,20 - 12,1
At 2,3 - 17,2 [K]
At 2,15-17 - 12,1
At 2,16-17 - 11,9
At 2,22-27 - 12,2
At 2,36 - 12,2
At 2,37-38 - 12,2
At 3,2 - 12,3
At 3,6-8 - 12,3
At 3,12-26 - 12,3
At 4,2 - 12,3 [CC]
At 4,8-12 - 12,4

At 4,22 - 12,5 [CC]
At 4,24-28 - 12,5
At 4,31 - 12,5
At 5,30-32 - 12,5
At 5,42 - 12,5
At 7,1-8 - 12,10
At 7,9-44 - 12,10
At 7,13 - 12,14 [K]
At 7,55-56 - 12,13
At 7,60 - 12,13
At 8,32-33 - 12,8
At 8,37 - 12,8
At 9,4-5 - 15,1
At 9,15-16 - 15,1
At 9,19-20 - 12,9
At 10,2-5 - 12,7
At 10,15 - 12,7 [CC/K]
At 10,28-29 - 12,15
At 10,34-35 - 12,7
At 10,37-43 - 12,7
At 10,47 - 12,15
At 11,26 - 12,14
At 14,15-17 - 12,9
At 15,1 - 12,14
At 15,7-11 - 12,14
At 15,13-20 - 12,14
At 15,23-29 - 12,14
At 15,39 - 14,1
At 16,8 - 14,1
At 16,9-11 - 14,1
At 16,13 - 14,1
At 17,24-31 - 12,9
At 20,6 - 14,1
At 20,25-28 - 14,2
At 20,29-30 - 14,2
At 22,7-8 - 15,1
At 26,14-15 - 15,1
At 28,11 - 14,1 [CC]

Rm 1,1 - 1,1
Rm 1,1-4 - 16,3
Rm 1,3-4 - 22,1
Rm 3,30 - 10,2
Rm 5,6 - 16,9
Rm 5,8-10 - 16,9
Rm 5,12 - 21,10 [K]
Rm 5,14 - 18,7; 22,3 [CC/K]
Rm 5,17 - 16,9
Rm 5,19 - 18,7 [CC]; 21,10 [CC];
Rm 5,20 - 23,8

Rm 6,3-4 - 16,9
Rm 6,7 - 23,6 [CC]
Rm 6,9 - 16,9
Rm 6,23 - 19,1 [CC]
Rm 7,14 - 18,7 [K]
Rm 7,18 - 20,3
Rm 7,24-25 - 20,3
Rm 8,3 - 20,2 [CC/K]
Rm 8,11 - 16,9
Rm 8,15 - 6,1
Rm 8,34 - 16,9
Rm 9,5 - 16,3
Rm 9,25 - 9,1
Rm 10,6-7 - 18,2
Rm 10,9 - 18,2
Rm 10,15 - 13,1
Rm 11,32 - 20,2
Rm 14,9 - 16,3 [K]; 18,2
Rm 14,15 - 18,3
Rm 15,16 - 1,1

1Co 1,23 - 18,2
1Co 1,29 - 20,1 [CC/K]
1Co 2,6 - 2,1
1Co 8,4-6 - 6,5
1Co 8,11 - 18,3
1Co 10,16 - 18,2
1Co 11,4-5 - 11,9
1Co 12,28 - 11,4 [CC/K]; 24,1
1Co 15,3-4 - 18,3
1Co 15,11 - 13,1
1Co 15,12 - 18,3
1Co 15,20-22 - 22,4 [CC/K]
1Co 15,21 - 18,3
1Co 15,22 - 23,8
1Co 15,26 - 23,7 [CC/K]
1Co 15,47 - 18,1 [CC]
1Co 15,53 - 19,1 [K]
1Co 15,54-55 - 23,7

2Co 4,4 - 7,1
2Co 11,7 - 1,1
2Co 12,9 - 20,1 [CC/K]

GI 1,1 - 13,2
GI 2,1-2 - 13,3
GI 2,5 - 13,3
GI 2,8 - 13,1
GI 2,12-13 - 12,15
GI 3,13 - 18,3

Gl 3,19 - 7,2

Gl 4,4 - 16,7; 22,1

Gl 4,4-5 - 16,3

Gl 4,5-6 - 6,1

Gl 4,8-9 - 6,5

Ef 1,10 - 16,6 [CC]

Ef 1,20 - 18,1

Ef 2,13 - 18,3

Ef 2,17 - 5,3 [CC]

Ef 3,3 - 12,9; 13,1

Ef 4,9 - 19,3 [K]

Ef 4,10 - 21,6 [CC/K]

Ef 4,16 - 19,3 [CC/K]

Fl 2,8 - 12,9

Cl 1,14-15 - 16,3 [CC]

Cl 1,18 - 22,4 [K]

Cl 4,14 - 14,1

2Ts 2,4 - 6,5

2Ts 2,8-9 - 7,2

2Ts 2,15 - 4,2 [CC]

2Ts 3,6 - 4,2 [CC]

1Tm 3,13 - 1,1 [CC]

1Tm 3,5 - 11,8 [CC]

1Tm 6,4 - 12,11 [CC/K]

2Tm 4,10-11 - 14,1

2Tm 4,21 - 3,3

Tt 3,10-11 - 3,4

He 3,5 - 6,5 [CC/K]

1Pe 2,23 - 16,9 [CC/K]

1Jo 2,1 - 17,3 [CC]

1Jo 2,18-19 - 16,5

1Jo 2, 21-22 - 16,5

1Jo 4,1-3 - 16,8

1Jo 5,1 - 16,8

2Jo 12 - 4,2

2Jo 7-8 - 16,8

Ap 1,5 - 22,4 [CC]

Ap 2,6 - 11,1

Ap 2,15 - 11,1

Ap 4,7 - 11,8

Ap 20,2 - 23,7 [CC]

Ap 22,17 - 4,1 [CC]